



SUZI DA COSTA TEIXEIRA

Diálogos interdisciplinares nas dinâmicas de informação das técnicas e práticas de Conservação-Restauração de pinturas em museus de arte

Tese de Doutorado
Março de 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA –
IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

SUZI DA COSTA TEIXEIRA

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES NAS DINÂMICAS DE INFORMAÇÃO DAS
TÉCNICAS E PRÁTICAS DE CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO DE PINTURAS
EM MUSEUS DE ARTE

RIO DE JANEIRO

2020

Suzi da Costa Teixeira

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES NAS DINÂMICAS DE INFORMAÇÃO DAS
TÉCNICAS E PRÁTICAS DE CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO DE PINTURAS
EM MUSEUS DE ARTE

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Escola de Comunicação (ECO), como requisito parcial a obtenção do título de doutor.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lena Vania Ribeiro Pinheiro (IBICT)

Área de concentração: Comunicação, Organização e Gestão da Informação e do Conhecimento.

RIO DE JANEIRO

2020

Teixeira, Suzi da Costa

Diálogos interdisciplinares nas dinâmicas de informação das técnicas e práticas de Conservação-Restauração de pinturas em museus de arte/ Suzi da Costa Teixeira- Rio de Janeiro, 2020.

Tese (Doutorado em Ciência da Informação) –Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2020.

Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

1. Interdisciplinaridade. 2. Dossiê de Restauração. 3. Conservação-Restauração. 4. Ciência da Informação. I. Pinheiro, Lena Vania Ribeiro (Orient.) II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. III. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. IV. Título.

SUZI DA COSTA TEIXEIRA

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES NAS DINÂMICAS DE INFORMAÇÃO DAS
TÉCNICAS E PRÁTICAS DE CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO DE PINTURAS
EM MUSEUS DE ARTE

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Escola de Comunicação (ECO), como requisito parcial a obtenção do título de doutor.

Aprovado em 10 de março de 2020.

(Orientadora) Lena Vania Ribeiro Pinheiro- Prof^ª. Doutora- IBICT

Rosali Fernandez de Souza- Prof^ª. Doutora- IBICT

Ricardo Pimenta- Prof. Doutor-IBICT

Diana Farjalla Correia Lima- Prof^ª. Doutora-UNIRIO

Marcus Granato- Prof. Doutor-MAST

† Em memória de minha amada avó Irene Torres Alvariza

† Em memória da Profa. Marilena Ramos Barboza

AGRADECIMENTOS INICIAIS

Para A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada pela devoção de serviço a Krishna, que nos proporciona com seu amor devocional mais sabedoria neste mundo de ilusão;

Ao Papa Francesco, Jorge Mario Bergoglio, pela beleza do amor em Cristo e em Nossa Senhora, que me inspirou a esperança, em tempos brasileiros tão difíceis, a coragem para terminar de escrever esta tese;

Para minha madrinha, Wanda Torres de Carvalho, que foi e sempre será o aprendizado da generosidade e o compromisso com a palavra na vida, que com amor me suportou por todos os meus caminhos;

Para Ivanita Raquel Barbosa Velloso, Mário Reis da Silva Pinto, Regina Pereira da Silva e Tania Maria Martins dos Santos, meus grandes amores nesta vida;

Para minha querida amiga Patrícia Ribeiro Teles, que transforma o compartilhar de uma xícara de chá em um mundo de coisas boas;

A Angela Paiva e Rosmary Otterbach, onde a Conservação-Restauração, foi a caixinha de descobertas técnicas e humanas, aliadas a beleza da ética profissional.

AGRADECIMENTOS

Para minha orientadora Prof^a Dra. Lena Vania Ribeiro Pinheiro, meu agradecimento especial, pois em todos os passos do caminho, mesmo os mais difíceis de suportar, ela estava lá, com seu conhecimento, insights, humor, exigências e gentileza. Terás minha mestra, meu eterno bem querer;

Agradeço aqui profundamente todas e todos os restauradores que dedicaram seu tempo para responder minhas questões, especialmente a Ana Caniatti e Humberto Farias, que muito gentilmente dedicaram seu tempo a esclarecer algumas dúvidas;

A toda equipe do C2RMF, Paris, que lembrei diariamente, com os documentos cedidos em mãos, vocês ajudaram muito na realização desta pesquisa;

Ao professor da Université de Montréal, Vincent Larivière, doce na presença, simples na importância e grandioso no conhecimento, meu especial agradecimento;

A Larissa Long, conservadora-restauradora de pintura do MNBA, meu agradecimento com carinho, pelos cafés e pela ajuda, na elaboração do questionário para a entrevista;

A Nilselia Maria Monteiro Campos Diogo, chefe da Conservação no MNBA, sempre rápida e eficiente nas respostas aos muitos e-mails recebidos;

Aos funcionários do IBICT e prestadores de serviço, pela gentileza de partilharem a copa, quitutes e sentimentos, especialmente para Vera Lucia, que muitas vezes foi o sorriso que eu precisava;

Aos professores e professoras do IBICT, especialmente, Gilda Olinto, Rosali Fernandez de Souza, Jackeline Leta, Gustavo Saldanha e Ricardo Pimenta- pelas aulas, mas também pelas conversas de corredor, com os esclarecimentos que tanto ajudaram nesta caminhada;

A Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa, as Bibliotecárias do *Institut National du Patrimoine, Bibliothèques et Archives Nationales du Québec*;

A Elaine Paula, Bibliotecária Helpdesk Capes-RJ, pela ajuda no fornecimento de artigos para a realização desta pesquisa e a super boa vontade para responder minhas questões.

Plus le temps passe et plus je mesure l'étendue de mon ignorance. Même les savoirs que je pensais maîtriser me paraissent désormais, incertains, inachevés, inaccomplis. Le livre, le film, le tableau que je pensais avoir compris ou au moins, bien senti, nécessitent parfois une nouvelle lecture, un nouveau visionnement ou un regard frais. Parce que le temps passe. Parce que votre chemin vous fait découvrir d'autres senteurs. D'autres clés qui ne rentrent pas forcément dans les serrures de votre certitude. Que votre parcours, le plus souvent aléatoire, vous réserve tout le temps des surprises. Plus le temps passe et plus je mesure l'étendue de mon ignorance. Cependant, ma curiosité et mon envie de comprendre augmentent dans le même mouvement. Ce qui me rassure, prouve que je suis encore en vie.

(Fragments d'avant la fin du monde
Blog literário anônimo)

TEIXEIRA, Suzi da Costa. **Diálogos interdisciplinares nas dinâmicas de informação das técnicas e práticas de Conservação-Restauração de pinturas em museus de arte.** TEIXEIRA, Suzi da Costa. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. 2020. 182 f. Tese. Rio de Janeiro, 2020. (Doutorado em Ciência da Informação) Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2020.

RESUMO

Pesquisa exploratória sobre a dinâmica interdisciplinar na elaboração de dossiês de conservação-restauração, um dos mais importantes suportes de informação da obra restaurada, no caso, pinturas em museus de arte, com foco no fluxo de informações que o permeia e no contexto histórico da Conservação-Restauração, considerando as questões terminológicas relacionadas ao tema. A progressiva institucionalização da Conservação-Restauração em museus públicos de arte foi acompanhada, desde a criação de normas e códigos para a realização dessa atividade, cuja execução é orientada por exigências práticas e teóricas visando a preencher lacunas e alcançar excelência na prática. Na identificação das interações interdisciplinares foram utilizadas métricas de informação e comunicação, tendo como núcleo de análise os periódicos da área e a produção científica de seus pesquisadores, identificando as suas formações e campo de atuação. Os resultados revelam a existência de interfaces interdisciplinares com Patrimônio, História da Arte, Museologia e Arquivologia e uma acentuada dispersão interdisciplinar, distribuída por diferentes áreas do conhecimento.

Palavras-chaves: Interdisciplinaridade . Dossiê de Restauração . Conservação-Restauração. Ciência da informação.

TEIXEIRA, Suzi da Costa. **Diálogos interdisciplinares nas dinâmicas de informação das técnicas e práticas de Conservação-Restauração de pintura em museus de arte.** TEIXEIRA, Suzi da Costa. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. 2020. 182 f. Tese. Rio de Janeiro, 2020. (Doutorado em Ciência da Informação) Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2020.

ABSTRACT

Exploratory research was conducted on the interdisciplinary dynamics involved in the elaboration of conservation-restoration dossiers, one of the most important information supports of restored works, in this case, paintings in art museums. The focus of this study was the information flow that permeates this field and its historical context in Conservation-Restoration, as well as related terminological issues. The progressive institutionalization of Conservation-Restoration in public art museums has developed at the same time as the creation of standards and codes for carrying out this activity, the execution of which is guided by practical and theoretical requirements aimed at filling gaps and achieving excellence in practice. To identify interdisciplinary interactions, information and communication metrics were used. At the core of the analysis were journals in the field and the scientific results of researchers whose academic training and field of action were considered. The results reveal the existence of interdisciplinary interfaces with heritage, art history, museology and archivology, as well as a marked interdisciplinary spread over different areas of knowledge.

Keywords: Interdisciplinarity. Conservation documentation. Conservation. Information Science

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Trajetória da análise do dossiê na pesquisa que ressalta a diversidade de fatores e níveis de realidade implicadas	p.34
Figura 2- As etapas da análise de amostras e a observação no microscópio acoplado de uma câmera.	p.101
Figura 3-Fotografia estratigráfica de uma amostra de pintura a óleo	p.102
Figura 4- Imagem da tela (screenshot) da janela de categorias da AATA online	p.128
Figura 5- Diagrama das etapas para elaboração da estratégia de busca, seleção e análise de dados	p.130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Objeto e informações medidos para interdisciplinaridade em ciência, segundo Rinia (2007)	p.121
Quadro 2- Revistas extraídas das fontes desta pesquisa: AATA online e ScImago/Elsevier (Q1), com as respectivas informações de idioma, país e anos de cobertura.	p.131
Quadro 3- Nome das revistas, com a orientação aos usuários sobre a cobertura e as análises das áreas de cobertura da revista.	p.132
Quadro 4- Lista de autores extraídos do AATA online, com respectivas formações e funções atuais. (pesquisa de formação realizada no motor de busca Google) e fontes complementares.	p.134
Quadro 5- Lista das grandes áreas, áreas do conhecimento, cursos e programas e setor cobertos pela formação dos autores.	p.137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Publicações citadas como as mais consultadas e indicadas por especialistas de conservação-restauração, nos questionários da pesquisa do Congresso. p. 126

Tabela 2- Grandes áreas, áreas do conhecimento e setor cobertos pelas revistas pesquisadas. p. 138

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Grandes áreas, áreas e setor contemplados e o percentual de frequência com que aparecem nas revistas pesquisadas.....p. 140

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AATA Online	<i>Abstracts of International Conservation Literature</i>
AAT	<i>The Getty Art and Architecture Thesaurus</i>
ABRACOR	Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais
AIBA	Academia Imperial de Belas Artes
ARAFU	<i>Association des Restaurateurs d'Art et d'Archéologie de Formation Universitaire et le Centre de Recherche en Préservation des Biens Culturels</i>
ARP	Associação Profissional de Conservadores Restauradores de Portugal
ASCR	Institute of Inorganic Chemistry of the Academy of Sciences of the Czech Republic
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CECOR	Centro de Conservação-Restauração de Bens Culturais
C2RMF	<i>Centre de recherche et de restauration des Musées de France</i>
CIDOC	<i>International Committee for Documentation of the International Council of Museums</i>
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
EBA	Escola de Belas Artes
ECCO	<i>Confédération Européenne des Organisations de Conservateur-Restaurateur</i>
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
ENCORE	<i>Réseau européen de l'éducation Conservation-Restauración</i>
GCI	<i>The Getty Conservation Institute</i>
ICOM	<i>The International Council of Museums</i>

IIC	<i>International Institute for Conservation</i>
ICOFOM	<i>International Committee for Museology (ICOM/UNESCO)</i>
ICOMOS	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
IFROA	Institut français de Restauration des Œuvres d'Art
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IRPA	<i>The Royal Institute for Cultural Heritage</i>
SCIMAGO	<i>Scimago Journal & Country Rank</i>
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
2 ORIGEM DA QUESTÃO E PROBLEMÁTICA DA PESQUISA.....	22
2.1 Ligando os pontos e evoluindo ao longo do caminho	23
3 OBJETIVOS E METODOLOGIA DA PESQUISA.....	26
3.1 Coleta de dados	35
4. A CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO	36
4.2 A Conservação-Restauração no Brasil	72
5 O DOSSIÊ DE RESTAURAÇÃO.....	80
6 INTERDISCIPLINARIDADE E AS DINÂMICAS DE COLABORAÇÃO	110
7 EM BUSCA DA INTERDISCIPLINARIDADE NA CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO COM FOCO NO DOSSIÊ DE RESTAURAÇÃO.....	122
8. PENÚLTIMAS REFLEXÕES.....	142
REFERÊNCIAS.....	145
ANEXO A— LISTA DE PUBLICAÇÕES POR ORDEM ALFABÉTICA	

1 INTRODUÇÃO

The flood of information brought to us by advancing technology is often accompanied by a distressing sense of “information overloud”, yet this experience is not unique to modern times.

Ann Blair. *Too Much to Know*.

Esta pesquisa corresponde, em parte, ao interesse desenvolvido ao longo dos anos de estudo e de trabalho nos domínios da História, da Arte, da Conservação-Restauração e, mais recentemente, como mestranda em Museologia, na *Université de Montréal* e *Université du Québec à Montréal*, Canadá, entre 2006-2010, incluindo um estágio de seis meses no C2RMF- *Centre de Restauration des Musées de France*, no Serviço do Estudo e Documentação de Pinturas, em Paris, assim como uma especialização em Gestão de Informação Digital na mesma Universidade, em 2014.

Esta continuidade intelectual e profissional permitiu um aprofundamento especial no conhecimento sobre a documentação da **Conservação-Restauração** de pinturas. Assim, “na excitação de seguir o rastro de uma ideia”, estou realizando uma pós-graduação em Ciência da Informação, levada pelo interesse sobre a Informação e Comunicação nos laboratórios de Conservação-Restauração, na transferência dos saberes, assim como na organização do “conhecimento das coisas”. Ocorreu-me, com a amplitude promovida pela descoberta dos novos temas durante minhas aulas no doutorado, (como **interdisciplinaridade**¹, **transferência de informação** e seus desdobramentos, diferentes demandas de ordem política econômica, social que dinamizam o fluxo da informação) que, no contexto da história da Conservação-Restauração, caracterizada pelo crescimento constante das exigências dos saberes e práticas, competências diversas, as diferentes formas de comunicação, formal e informal, se expressam no **Dossiê de Restauração**. Este documento, um dos registros mais importantes da intervenção na Conservação-Restauração, poderia servir de fio condutor para os questionamentos sobre os campos de

¹ O conceito de interdisciplinaridade, assim como os demais citados no decorrer deste texto, em negrito, são os considerados mais importantes para esta pesquisa, e serão definidos de acordo com suas associações teóricas ao longo desta tese. A operação de raciocínio conceitual atribui a uma palavra associações de relações complexas, fenômeno pertencente a um contexto discursivo. O emprego de um conceito exige sempre uma definição clara no texto específico em que o empregamos. “Estas unificações, simplificações, interpretações não estão dentro do fenômeno ele mesmo, mas da abordagem, da descrição, da representação que damos e que temos em nosso espírito” (SYLVAND, 2006, KOSELLECK, 2006) São nos discursos especializados que são determinados os termos assinalados, em regra geral, por seus autores, que acompanham a motivação do seu uso. (MORTUREUX, 1995, p. 13)

conhecimentos envolvidos nas suas técnicas e práticas. Assim, poderiam ser demonstradas as exigências de múltiplas competências, a diversidade de interpretações, diferença de contextos, vivências acadêmicas, lutas profissionais, disputas disciplinares, colaboração científica, tudo com distintas tradições em complexos percursos. Estes percursos são coexistentes no contexto da história da restauração, com o estabelecimento de epistemologias, estabelecidas nos centros mais importantes políticos e econômicos, que justificam ou não formas de lidar com o **patrimônio**.

A Conservação-Restauração, articulada com o dossiê de restauração e a Interdisciplinaridade, e um tema ainda pouco explorado, que desperta interesse para pesquisa e, ao mesmo tempo, exige um árduo esforço, daí Carvalho (2017) afirmar:

São recentes os trabalhos visando problematizar questões ligadas ao campo da Conservação-Restauração abordando aspectos sobre a formação destas áreas no Brasil. Dentre os poucos existentes, podemos destacar a tese de Aloísio Arnaldo Nunes de Castro “Do restaurador de quadros ao conservador-restaurador de bens culturais: o corpus operandi na administração pública brasileira de 1855 a 1980”, na qual, logo no início, o autor afirma que em relação à história da Conservação no Brasil, devemos “voltar os olhos para a realidade da América Latina e, em particular, para o Brasil, em razão das nossas singularidades históricas e culturais”.(CARVALHO, 2017, p. 9 , aspas do autor)

Um esforço intelectual de longa duração seria necessário para melhor compreender a atividade da Conservação-Restauração de pintura com a nossa perspectiva de investigação. Este estudo só poderia ser realizado com a estrutura e a dedicação de uma pesquisa de doutorado. Considerando esses entendimentos, caberá aqui ressaltar que não foi nossa intenção questionar o dossiê de Restauração como instrumento de registro no conjunto dos documentos do museu de arte, mas sim usá-lo como instrumento para penetrar na forma pela qual a informação sobre ele e os procedimentos que o constituem se justificam. Pela sua importância para a Conservação-Restauração, o dossiê de restauração, que devemos aprofundar nesta pesquisa², tanto na sua prática profissional quanto nos seus discursos epistêmicos permite, assim, investigar as relações interdisciplinares que o permeiam. Assim, é fundamental lançar um olhar aprofundado sobre a experiência de construção e comunicação do discurso e da prática da

² Incluímos aqui os relatórios da conservação preventiva e curativa. Para definições de termos adotados, ver: ICOM-CC XV conferência trienal, Nova Deli, 22-26 setembro 2008. Disponível em: <<http://www.icom-cc.org/243/icom-cc-triennial-conferences/15th-triennial-conference,-new-delhi,-india,-2008/>>. Acesso em: 19 set. 2019.

Conservação-Restauração, incluindo os múltiplos discursos sobre o dossiê de restauração. Apesar do amplo reconhecimento da importância do dossiê, são ainda escassas as investigações a respeito de sua clareza, elaboração e execução.

Marie-Hélène Breuil (2012) ensinou História da Escultura e da Restauração, na *École Supérieure des Beaux-Arts de Tours* e foi professora e pesquisadora da Conservação-Restauração. A professora muito contribuiu com a questão deontológica da Restauração ligada à documentação. Para ela, há um descuido com os estudos dos procedimentos da documentação dos relatórios de intervenção/dossiês, pois não conhecem um mapeamento sistemático que confirme a obediência a normas ou capacidades utilizadas. Existe além disto, conflitos na regulamentação profissional, ligados às disputas disciplinares, o aumento das exigências deontológicas e técnicas, em contexto institucional mais amplo, do museu público. Há, efetivamente, recursos cada vez mais limitados para a cultura, principalmente em países de economia periférica. A identificação das lacunas no dossiê de restauração expõe o tema e suas questões complexas e permite um ponto de vista do conhecimento informacional, mas sem separá-lo do contexto social. Estas questões impulsionam pesquisas na relação com a Ciência da Informação e conclamam para busca de dados de pesquisa que possam demonstrar esta interdisciplinaridade, como também questionar se, com a interpretação dos resultados obtidos haveria condições de identificar quais áreas do conhecimento permeiam o fluxo de informações e participam dos interesses na **Documentação**.

O dossiê da Conservação-Restauração, transmite conhecimentos, mas pode também ocultar dificuldades e precariedades. O documento de intervenção é importante para o resgate de inúmeros procedimentos e experimentações ao longo do tempo, afinal, relatam a evolução de técnicas, modos de pensar o objeto, assim como narrativas sobre sua própria importância. O aprofundamento desejado sobre o dossiê, nem sempre é possível, pois na concepção de muitos, os eventos inesperados e negativos, detalhes desagradáveis, poderiam exprimir fragilidade metodológica ou falta de competência profissional. Acrescente-se também a existência de conversa em tom *à l'eau de rose*,³ entre pares, que

³ Nota do autor: *À l'eau de rose*. Expressão utilizada com certa frequência nos meios intelectuais francófonos, define de maneira interessante a dificuldade de expressar uma ideia sem que seja recebida como uma agressão pelo outro, o que cria e provoca uma falta de vigor na discussão. Porém, a forma grosseira de muitas colocações não poderia também ficar de fora dos que a usam como “normal”. Controvérsia não deveria ser suporte para rudeza, assim como nem sempre silêncio é concordância no discurso.

evita o embate construtivo e colabora com práticas obsoletas, guardados obscuros, confunde respeito com corporativismo e que pode chegar a acobertar atos antiéticos, ou ilícitos⁴, conforme a literatura sobre mercado ilícito de obras de arte, entre outros (INTERPOL, 2008; DURUSSEL, 2002; MOULIN, 1986)

Ainda assim, continua-se a valorizar o “segredo de laboratório”, incluindo até mesmo a ausência de denúncia pública de falta de equipamentos e materiais, investimentos e recursos, imprescindíveis para condições de trabalho seguras, confundindo essas circunstâncias com “ética institucional”. Inclui-se a adoção de modelos que não levam em conta a especificidade do contexto nacional, com precariedades e escassez de recursos, deforma a intenção de um registro eficiente e ignora o reconhecimento das necessidades da atividade. (local, tempo, maquinário, equipamentos, programas, pessoal) As consequências, muitas vezes, penalizam mais do que preservam, as pessoas, tanto quanto o acervo.

Os restauradores do século XIX que permitiram a transmissão do patrimônio pictural às futuras gerações saem, assim, pouco a pouco da sombra, graças ao trabalho de inúmeros pesquisadores. O cruzamento de informações bibliográficas e de investigações científicas sobre as obras favorecem o surgimento da história dos procedimentos de intervenção da Restauração, ainda muito negligenciados. (MARTIN, 2011, p.74)

Assim, não há entre detalhes faltantes e longas reflexões na presente pesquisa, senão um reconhecimento da importância do rigor exigido para a apropriação dos dados e o compromisso de análise que, reconhecidamente sempre incompleta, clama por mais tempo. Aos leitores, afirmamos somente o cuidado no aprendizado para uma pesquisa responsável, que utiliza sua proposta com uma dedicação atenta, transformando o texto em uma perspectiva singular, como uma forma de contribuição com um tema que nos é muito caro.



⁴ A dissertação do mestrado da autora (TEIXEIRA, 2010) foi sobre práticas antiéticas e o mercado ilícito de objetos culturais. Com a ajuda de dados da Interpol, foi investigada a conivência de profissionais de museu, conservadores-restauradores e colecionadores, com o mercado ilícito de obras de arte.

2 ORIGEM DA QUESTÃO E PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

No dia 18 de janeiro de 2019, no auditório do Museu Nacional de História Natural e da Ciência em Lisboa, a Associação Profissional de Conservadores e Restauradores de Portugal (ARP), a Universidade de Lisboa, com o apoio de *Portuguese Research Infrastructure of Scientific Collections* (PRISC), e da *Embajada de España*, em Portugal, realizaram um encontro sobre a profissão de Conservador-Restaurador. O encontro contou com a participação de um amplo número de pesquisadores nacionais e estrangeiros, para discutir o tema que tinha por título: “O Conservador-Restaurador: uma profissão emergente do patrimônio”. Assim, reuniram-se esses especialistas, com a finalidade de melhor compreender a atuação da transferência de conhecimento, nas competências e na formação dos Conservadores-Restauradores, com o objetivo de uma política cultural integrada para a Europa.

Elegendo este parágrafo para começar a descrever o nosso objeto doutoral, foi nosso objetivo ressaltar o paradoxo de como, apesar da quantidade que temos de **documentos normativos**⁵, e das exigências orientadoras e regulamentadoras da atividade, na pesquisa, no ensino e na prática laboral, ainda chamamos de “profissão emergente”, algo que já emerge, segundo alguns dos mais importantes estudiosos da área, como “profissão distinta e reconhecida no final do século XVIII” (MCCLELLAN, 1995; ÉTIENNE, 2012; HÉNAUT, 2016)

A Restauração de Pintura, especialmente, tem como traço demarcador de sua existência como atividade, a documentação de suas práticas de intervenção. Problematicar por meio de reflexão crítico-metodológica a redação destes documentos de intervenção, o dossiê de restauração e a transferência de sua informação através de diferentes disciplinas, pode até parecer simples e natural, mas não é. O argumento, que evita colocar os documentos da restauração em questão, geralmente, é de que as normas técnicas, no cotidiano, das exigências museológicas são utilizadas. Assim, os protocolos

⁵ Atividade que estabelece, em relação a problemas existentes ou potenciais, prescrições destinadas à utilização comum e repetitiva com vistas à obtenção do grau ótimo de ordem em um dado contexto. Consiste, em particular, na elaboração, difusão e implementação de normas. **Norma é o documento estabelecido por consenso e aprovado por um organismo reconhecido**, que fornece regras, diretrizes ou características mínimas para atividades ou para seus resultados, visando à obtenção de um grau ótimo de ordenação em um dado contexto. (grifo nosso) A norma é, por princípio, de uso voluntário, mas quase sempre é usada por representar o consenso sobre o estado da arte de determinado assunto, obtido entre especialistas das partes interessadas. ABNT. Normalização. Definição. Disponível em <<http://www.abnt.org.br/normalizacao/o-que-e/o-que-e>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

de redação do documentos que compõe o dossiê de Conservação-Restauração, por existirem, estão sendo cumpridos. Nos diálogos do macro micro, contextos institucionais e de indivíduos, encontramos muitos discursos sobre ciência, tecnologia, campo profissional e cultural, como isolados, de forma que os contextos não são enfatizados, problematizados, atrelados a uma visão tecnicista do mundo. (JEANNELLE, 2000). Não se pode deixar de levar em conta os diferentes recursos de cultura material e pessoal que contam no cotidiano.

Com esta pesquisa, neste universo da redação do dossiê, a expectativa é atingir uma certa forma de *ostranemie* (SHKLOVSKY, apud BURKE, 2003, p. 12) com um novo olhar sobre estes protocolos e normas. Clamando por “uma espécie de distanciamento que faz com que o que nos parecia familiar pareça estranho e o que era natural, arbitrário”. (BURKE, 2003, p. 12)

Alexandra Berlina, analisando o trabalho de Vicktor Shklovsky, (1893-1984), intelectual russo, explica que, *ostranemie*, ainda que seja conhecida ou mal traduzida como “um caminho de alcançar consciência”, tinha como seu objetivo maior fazer emergir algum sentido novo às atividades do cotidiano, trazer à tona, fazer emergir algo novo, “to bring something to life”, percorrendo de forma à tocar, ver, perceber; que olha as coisas, com permanente admiração. A arte é um espanto contínuo. (SHKLOVSKY, apud BERLINA, 2018, p. 24)

Importante lembrar que, em inúmeros campos, este apelo ao “estranhamento” pode convidar à uma diversidade de interações e proporcionar novas experiências. Quanto da ideia de revolver os hábitos, o autor Viktor Shklovsky clamava:

[...]Se começarmos a examinar as leis gerais da percepção, vemos que, à medida que a percepção se torna habitual, se torna automática. Assim, por exemplo, todos os nossos hábitos recuam para a área do inconsciente, do automático; se alguém se lembrar da sensação de segurar uma caneta ou de falar em uma língua estrangeira pela primeira vez e comparar isso com seu sentimento de realizar a ação pela décima milésima vez, ele concordará conosco. Tal hábito explica os princípios pelos quais, no discurso comum, deixamos frases inacabadas e palavras meio expressas [...] (SHKLOVSKY, 1917, p. 163)

2.1 Ligando os pontos e evoluindo ao longo do caminho.

O contexto disciplinar organiza lógicas de produção do conhecimento, mas sabemos, não sem contradição, disputas e conflitos. Os caminhos da colaboração, na elaboração da documentação, tocam instancias relacionadas à organização social da distribuição das recompensas financeiras ou de distinção, como financiamentos ou bolsas, promoções na carreira científica. (GINGRAS, 2016)

Compreender como acontecem, na elaboração do dossiê de Conservação-Restauração é fundamental para ampliar e, ao mesmo tempo, preencher lacunas de conhecimento como projeto coletivo de trabalho em laboratório. Ressaltamos que a pesquisa tem uma questão subjacente, a necessidade de verificar se o fluxo de informações e a interdisciplinaridade pautariam a excelência dos dossiês de Restauração, e seguiriam as orientações estabelecidas por tradição dos documentos internacionais patrimoniais.

A autora desta pesquisa, tendo tido experiência com documentação de obras no *Centre de Recherche et Restauration de Musées de France* (C2RMF), se questionava sobre a importância de haver uma equipe na escritura destes documentos, no acompanhamento das exigências metodológicas, tanto na avaliação anterior à intervenção (restauração) como durante o tratamento até sua finalização. Esta ideia tinha no bojo um propósito crítico, baseado na trajetória da autora, de que o desconhecimento pelos profissionais das regras prescritivas e normativas, na elaboração do dossiê, e na sua utilização, não eram suficientes para explicar as lacunas, mas careciam de um estudo mais profundo. Portanto, uma pesquisa de doutorado permitiria conhecer mais sobre como estas práticas eram fundamentadas e as principais dificuldades encontradas na execução. Nesta pesquisa seria possível refletir sobre a colaboração interdisciplinar e a difusão de conhecimento na restauração de pintura, e o condicionamento do processo de realização do dossiê, da documentação da intervenção, à luz da pragmática. No reconhecimento das diferenças culturais, sociais, econômico-políticas, dos arcabouços jurídicos, científicos e históricos. Neste caso, o objetivo é pesquisar especialmente a restauração de pinturas, para compreender como uma atividade complexa, com diferentes campos de saber no cotidiano de práticas e técnicas, se organiza para responder à prescrição deontológica considerada de maior importância e, claramente, por se tratar de tema mais próximo da prática e experiência da autora desta tese.

Nos diálogos do macro micro contextos sociais, institucionais e de indivíduos, encontramos muitos discursos sobre ciência, tecnologia, campo social e cultura, como isolados, de forma que os contextos não são enfatizados, mas aderem a uma visão tecnicista do mundo. (JEANNELLE, 2000) O argumento usado geralmente é de que as exigências técnicas, seguem os protocolos das normas estabelecidas. Assim, os protocolos de redação dos dossiês de Conservação-Restauração por existirem como norma estão sendo obedecidos. Problematizar por meio de reflexão crítico-metodológica a redação do dossiê e a transferência de informação através de diferentes disciplinas, pode até parecer simples e natural, mas não é.

A ideia de ressaltar na pesquisa a transferência em um contexto macro, nos figurou mais clara quando encontramos outros pesquisadores, apoiando a necessidade de se pensar a Ciência da Informação e a comunicação entre pares dentro de espaços e contextos sociais. Ainda sobre a contextualização e a transferência de informação, na aplicação, a autora Pinheiro escreve: “a Ciência da Informação tem por foco central o processo de transferência de informação desde sua origem, a geração de conhecimentos em comunidades científicas ao seu processamento, até o uso e absorção.”(2002, p.12)



3 OBJETIVOS E METODOLOGIA DA PESQUISA

Objetivo geral desta pesquisa: identificar e analisar a presença de profissionais de diferentes campos de conhecimento na Conservação-Restauração de pinturas em museus de arte, a fim de identificar, nas técnicas e práticas, as dinâmicas de informação interdisciplinar o fluxo de informação que permeia o processo.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- Analisar a literatura relativa aos aspectos históricos e terminológicos da Conservação-Restauração para contextualizar a pesquisa;
- Analisar os conceitos e teoria da interdisciplinaridade para aplicação nas dinâmicas de colaboração na Conservação-Restauração;
- Efetuar a análise métrica da produção científica de pesquisadores sobre o dossiê de Conservação-Restauração, com a identificação do seu campo de conhecimento e atuação profissional; e
- Identificar as áreas de conhecimento dos autores que publicam sobre a temática estudada, para estabelecer a interdisciplinaridade que sustenta o dossiê de Conservação- Restauração.

Neste capítulo propomo-nos a explicitar a natureza da pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados, com a finalidade de atingir os objetivos anteriormente elencados. Procuramos deixar alguns contributos para a delimitação daquilo que concerne aos procedimentos de busca de informação em bases de dados. A pesquisa é exploratória e, segundo GIL (1999), envolve, além de levantamento bibliográfico, a análise de exemplos que estimulem a apreensão de fatos. Tem também a finalidade de alargar, elucidar, desconstruir e decompor conceitos e ideias para estimular abordagens posteriores. Dessa forma, este tipo de estudo visa a proporcionar conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que ele possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores.

Alguns conceitos consubstanciam o quadro teórico desta tese e são abordados na metodologia para reforçar os argumentos e são os seguintes: Conservação- restauração, interdisciplinaridade, transferência de informação, Patrimônio, Informação em arte,

conservador-restaurador, profissão, valores, além de bibliometria, aqui enfocada como método. “Sabemos, porém, que não importa o quanto você esteja trabalhando no desenvolvimento de conceitos, você nunca encontra um conceito perfeito e final, capturando a essência de tudo, já que todos conceitos serão limitados de alguma forma e, em princípio, serão apenas parciais em relação a uma totalidade assumida.” (LUND, 2010, p. 744) O físico dinamarquês Niels Bohr (1958) tentou resolver esse problema falando sobre abordagens complementares à totalidade destacando diferentes dimensões desse todo inacessível. O exemplo mais famoso é transportando luz como partículas, ou bem como ondas. Ambas as abordagens são igualmente corretas, mas não é possível observá-los simultaneamente. (LUND, 2010)

Lembremos, para começar a esclarecer nossa terminologia, que recorreremos ao conceito de **comunicação científica**, com a ajuda de Pinheiro:

[...] abordar a comunicação científica significa não somente enfocar padrões de comunicação entre pares, mas também englobar tanto a informação à qual recorrem para as suas pesquisas quanto aquela que produzem e transmitem por diferentes canais de comunicação e tipos de documentos. (PINHEIRO, 2003, p. 62)

O que nos conduz ao conceito de “**Informação em Arte**” de Pinheiro que possibilita identificar arte como informação em sua inserção no ambiente de criação e de interpretação:

Informação em Arte é o estudo da representação do conteúdo informacional de objetos de Arte, a partir de sua análise e interpretação. Nesse sentido, a obra de arte é fonte de informação, objeto de estudo e trabalho pertinente a **museólogos**, em museus de Arte. Esse procedimento, que abrange a análise e interpretação inclui linguagens e técnicas artísticas, **assim como a ambiência, o cenário, o contexto, sua inserção num determinado tempo e espaço** (História da Arte), fluxos e transferência de informação em museus de Arte, especialmente em exposições, implantação de redes e sistemas em museus, impactos das tecnologias de informação e comunicação -TIC's em museus etc. (PINHEIRO, 2000, negrito nosso)

Importa, evidentemente pela falta de consenso, precisar antes de continuar, o uso do termo **Conservador-Restaurador** nesta pesquisa. O *Comité pour la Conservation du Conseil International des Musées* (ICOM) produziu o Código de Deontologia do ICOM, adotado por unanimidade na 15ª Assembleia Geral, reunida em Buenos Aires, Argentina, no dia 4 novembro de 1986, depois modificada pela 20ª Assembleia Geral em Barcelona,

Espanha, em julho de 2001, com o título: *Code de Déontologie de l'ICOM pour les Musées*. Este termo foi novamente revisado pela 21ª Assembleia Geral à Seoul, na República da Coreia, em outubro de 2004. O Código de Ética do ICOM para Museus foi desenvolvido pelo Conselho Internacional de Museus e a terminologia, de 2008, corresponde à uma declaração de ética dos museus. Este Código reflete os princípios geralmente aceitos pela comunidade internacional de museus. O documento da Terminologia da Conservação-Restauração com as resoluções adotadas pelos membros do ICOM na XVª Conferência trienal, Nova Deli, em setembro de 2008, assim prevalece. O texto de referência para utilizar o título de “Conservador-Restaurador”, nas palavras de Léonie Hénaut et Anne-Elizabeth Rouault é o seguinte:

[...]O objetivo é nos distinguir dos profissionais que reproduzem o know-how adquirido durante um aprendizado de oficina, muitas vezes chamado de restauradores ou “restauradores de arte” e que reivindicam seu pertencimento ao mundo técnico enquanto consideramos que exercemos uma atividade com alto valor agregado intelectual e correspondendo, em todos os aspectos à definição, a uma profissão liberal. Assim, seja qual for sua especialidade, conservadores-restauradores implementam um método rigoroso, envolvendo seus conhecimentos científicos, humanísticos e éticos de uma ponta à outra das intervenções que praticam. Eles não são apenas os artesões, mas também os responsáveis. Além disso, sua experiência pode ser usada, por exemplo, para definir especificações para operações um tanto complexas. (HÉNAUT; ROUAULT, 2016. Tradução nossa, aspas do autor)

Para o termo **profissão**, a abordagem de Léonie Hénaut (2008) identifica as dinâmicas dos grupos profissionais do patrimônio, no campo da Sociologia do Trabalho. Apesar de ter seu interesse voltado para os museus americanos e franceses, permite seu uso além destas fronteiras. O eixo fundamental para a autora é a profissão como uma organização suscetível de estandardizar a formação e definir o saber legítimo. Portanto, controlar a oferta de trabalho usando o monopólio das exigências profissionais como grupo dominante; as profissões sobrevivem como fonte de poder concorrente ao poder do capital. Kissel assim se manifesta sobre a questão:

No entanto, atalhos verbais e escritos mostram como até hoje o termo “Restauração” e, portanto, o de “restaurador” são facilmente usados em um sentido mais amplo, que absorve todo o trabalho realizado diretamente em um objeto. Tendo isso em mente e para evitar qualquer confusão, o termo “Conservador-Restaurador” será usado neste artigo, mas junto com o de “restaurador”, e espera-se que os leitores aceitem essa recusa em submeter-se à terminologia oficial. [...] Significa simplesmente que esses profissionais tomam medidas de Conservação preventiva ou curativa e realizam trabalhos de Restauração. **De forma alguma implica que os profissionais em questão**

desejem invadir o campo de competência dos conservadores. O termo “conservador-restaurador” foi endossado pelo documento: A profissão de restaurador - Código de ética e formação (Profissão de restaurador - Código de ética e treinamento), adotado pela Assembleia Geral da Confederação Europeia de Restauradores- ECCO. (KISSEL, 1990, p. 35, colchetes e aspas do autor, tradução e negrito nossos)

Esta longa citação de Kissel demonstra que a profissão de conservadores- restauradores ainda levanta dúvidas sobre a gama de atividades desenvolvidas por estes profissionais e se há limites na prática.

Adotamos **Bibliometria** conforme descrito por Pritchard, mas Pinheiro e Silva, reafirmam que o primeiro a usar o termo Bibliometria foi Paul Otlet, conforme vemos a seguir:

A primeira definição, durante muito tempo desconhecida, foi de Paul Otlet, em 1934, na sua obra “Traité de Documentation”, na qual Bibliometria seria: “a parte definida da bibliologia que se ocupa da medida ou quantidade aplicada aos livros”, referente à contagem de páginas, de palavras e de outros de seus elementos. Naturalmente esta primeira concepção, embora trate de medida, não corresponde à ideia aceita até hoje, traçada por Pritchard (1969) como “todos os estudos que buscam quantificar os processos de comunicação escrita” ou a “aplicação de métodos matemáticos para livros e outros meios de comunicação”. (PINHEIRO; SILVA, 2008, p. 5)

Pinheiro (1983,1997) defende que a definição clássica é a de Pritchard, conforme explicitada a seguir pelo próprio Pritchard.

O presente artigo nunca encontrou o termo bibliografia estatística, e, a julgar por discussões com muitos outros pesquisadores do campo, esta visão é bastante geral. [...] portanto, sugere-se que um nome melhor para este assunto (como definido anteriormente) é BIBLIOMETRICS, ou seja, a aplicação de métodos matemáticos e estatísticos para livros e outros meios de comunicação. Uma pesquisa intensiva da literatura não conseguiu revelar qualquer uso anterior deste termo e uma abordagem para o OED novamente não conseguiu descobrir que o termo foi usado antes. [...]E por fim, afirma esperar “[...] que este termo, Bibliometria, seja utilizado expressamente em todos os estudos que buscam quantificar o processo de comunicação escrita [...]” (PRITCHARD, 1969, p. 349 traduções nossa)

Para complementar a orientação teórica, temos em mente o conceito de **Transferência de informação** de González de Gómez (1993), entendido como: “conjunto de ações sociais com que os grupos e as instituições organizam e implementam a comunicação da informação através de procedimentos seletivos que regulam sua geração, distribuição e uso”. Os processos seletivos podem indicar, no caso desta

pesquisa, orientações e privilégios diversos no cruzamento de hierarquias e cultura profissional e disciplinar.

Ainda sobre a transferência de informação, a autora continua a descrição em seu texto (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003b, p. 33, 34) aprofundando como estas “ações sociais” estabelecem-se como extratos heterogêneos e articulados, como “mundos de vida”. Seguindo as descrições deste conjunto de ações sociais de González de Gómez, as definições dos extratos que iluminam a transversalidade das ações referem-se a:

- “informação: definido como extrato semântico-pragmático, onde as ações de informação acontecem como ações narrativas, relacionadas às múltiplas formas culturais de produção de sentido, escola, educação, arte, ciência;
- metainformação: extrato regulatório definido nos espaços institucionais da administração pública, campo científico e educação formal;
- infraestruturas de informação: definido na indústria e mercado, das tecnologias, das máquinas e dos produtos, produzem normas técnicas, modelos”. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003b, p. 34)

“Só julgamos um objeto porque nos esforçamos em direção a ele. Porque o queremos. O perseguimos, o desejamos para lá de toda finalidade”. (SPINOZA, parte IV, 2007) Se em nossa proposta salientamos os modos de fazer, da documentação da restauração, não é por privilegiar a importância da ideia de norma e deontologia, o problema revela-se em que, apesar de normas e obrigatoriedades diversas, lacunas passam despercebidas.

Importante lembrar, como fazem Henderson e Nakamoto, (2016) que a resolução dos problemas não se dá com a publicação dos códigos.

Os códigos de ética podem servir apenas como um guia para o pensamento, em vez de direcionar a prática. A promulgação dos códigos permanece situacional, sua aplicação varia de acordo com o que está sendo conservado. Os códigos são consistentes ao expressar a necessidade de consultar pessoas relevantes durante ou antes do processo de restauração. [...]Foram consultadas as partes interessadas, colegas e outros especialistas? (HENDERSON; NAKAMOTO, 2016)

A quase ausência de um volume significativo de publicações é reveladora da falta de reflexão sobre o tema. O dossiê não é problematizado como deveria. Assim, quando Bourdieu ressalta, a força do pré-construído, o que se acha escrito nas coisas e nos

cérebros, se apresentando como “aparência de evidência” que passa despercebida, naturalizando-se:

“construir um objeto científico é, antes de mais e sobretudo, romper com o senso comum, quer dizer, com representações partilhadas por todos, quer se trate dos simples lugares-comuns da existência vulgar, quer se trate das representações oficiais, frequentemente inscritas nas instituições, logo, ao mesmo tempo na objetividade das organizações sociais e nos cérebros” (BOURDIEU, 2002, p.34)

Ainda que nossa ideia de analisar a contextualização de documentos de trabalho se proponha a ser analítica e crítica, vejamos, nas palavras de Heinich, a seguir, neste nosso esforço de fugir da crítica militante ainda que comprometida:

A sociologia de Bourdieu, com a abordagem crítica, nega aos atores toda motivação outra que interessada a perpetuação da dominação, não somente sob sua forma material, como em Marx, mas também sob a sua forma dita “simbólica”. Por exemplo, [...] o peso dos valores sobre os comportamentos efetivos impede de pensar que os atores possam viver sob dois planos ao mesmo tempo. A busca de interesses individuais (no plano de comportamentos: o ato) e o respeito aos valores gerais (de princípios invocados no direito, a ideia do justo) Ora, o que permite supor que o interesse egoísta é mais verdadeiro que o interesse aos valores? Que estes sejam logicamente incompatíveis não os impede de ser copresentes na vivência dos atores. Nada se opõe a que os intelectuais desejem e procurem o reconhecimento de seu trabalho, visando sinceramente ao desinteresse e a universalidade da ciência.(HEINICH, 2017, p.350, aspas do autor)

Assim, através desta passagem de princípios normativos enraizados encontramos frequentemente o conceito de “valor” nos escritos sobre práticas, e ações. Não foi inicialmente previsto incluir este conceito, que se tornou tão importante ao longo da pesquisa. O uso do conceito de **valores** que adotaremos, segundo Heinich (2017), tem a inconveniente propriedade de cultivar a ambiguidade sobre o estatuto de sua enunciação, reconhece a autora, bem como de seus objetos. Por vezes, trata-se de uma enunciação normativa, visando a dizer o que são os valores “em si”, modo essencialista, por conseguinte, na direta concepção de que são aqueles que todos devem respeitar? Ou trata-se de uma enunciação descritiva, visando a analisar o que são os valores para os atores em contextos bem definidos?

É notável o contraste entre a onipresença do tema “valores” em inúmeros trabalhos que se pretendem sociológicos, e a pobreza de suas conceituações, e até mesmo sua ausência como objeto de pesquisa próprio, principalmente nas

especializações indicadas por nossos organismos profissionais. No entanto, poucas são as áreas da sociologia que não têm a ver com “valores”, desde que se aceite entender por “valores”, no mínimo, os princípios em nome dos quais as avaliações são feitas; (HEINICH, 2014, p. 280)

Da mesma forma como os princípios têm a ver com representações, condutas, interações, enunciações etc., interrogamos quais são as competências, fontes, valores, conflitos e interações disciplinares na redação do dossiê.

Uma norma por ser definida, segundo Pierre Leveau, filósofo, especialista em Conservação-Restauração, da Universidade de Aix-Marseille, como se segue:

“como uma regra, deduzida do respeito de um ou vários valores, que se impõe de maneira prescritiva a prática, e tem chances de ser eficiente em uma determinada comunidade, sobre a qual faz atribuir uma penalização quando não é seguida, e implica numa aprovação coletiva quando é seguida. Para aprender uma norma, é necessário conseguir dar senso prescritivo ao um valor”.(2010, p. 12)

Mas em nome de quais princípios de julgamento estas normas são postas em ordem pelos atores? (HEINICH, 2017)

Aqui listamos os princípios essenciais norteadores desta pesquisa, fundamentados em alguns autores estudados. O desejo é de integrar diferentes perspectivas tem um custo, com uma dedicação para que o aparato ou recursos usados sejam reconhecíveis e escapem do parcelamento e das subdivisões artificiais, com a descrição dos termos utilizados, e a lembrança de uma lógica que possivelmente atravessa o texto:

- Ligação constante entre o macro e o micro; exemplo a reestruturação do trabalho intelectual e artístico no final do século XIX, com o surgimento das primeiras teorias de Restauração, o desenvolvimento da comunicação entre artistas e restauradores, a mudança de status da profissão de pintor-restaurador; as publicações na área, a tentativa de integração da temporalidade histórica dos fenômenos, a comunicação do saber;
- recusa a reduzir as ações sociais em condutas estratégicas na busca de interesses pessoais e coletivos; nem tudo deve estar ligado à crítica de “dominação” e “denúnciação” na pesquisa; reconhecendo que existem valores de respeito à História, ao objeto, as normas e dinâmicas profissionais;
- não repetição do que já sabemos; existem textos excelentes sobre as teorias da Conservação-Restauração, abundantes sobre a definição de documentação; o gancho aqui seria buscar o dossiê na sua importância na atividade de documentação nas instituições

públicas, expondo a contradição entre as grandes exigências normativas e a falta de reconhecimento das dificuldades para sua realização;

-recusa de reduzir o conjunto de ações sociais a estratégias ideológicas, em busca de interesses exclusivos individuais e coletivos, como se não houvesse interesse nos indivíduos a obter respostas;

-começo da pesquisa com a ideia de que as coisas não podem ser modificadas de modo simples; (entender a robustez das instituições, cultura, modo de fazer); e

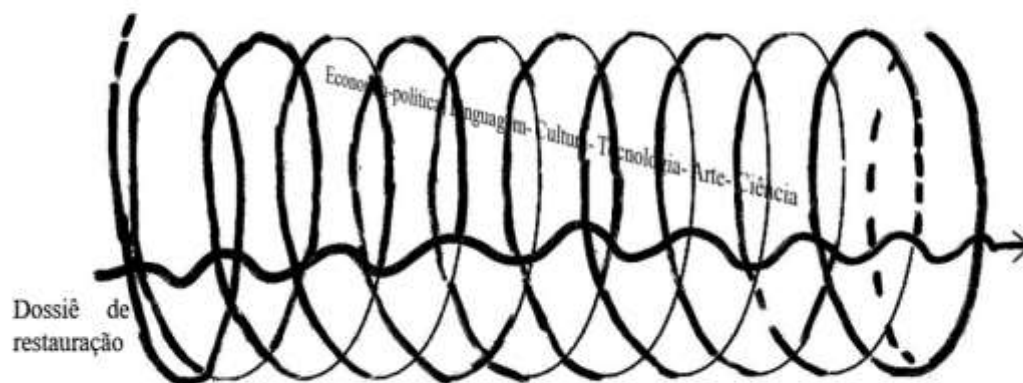
-o material são os atores em seus comportamentos e discursos (BARTHE et al, 2013; BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991; HEINICH, 2012, 2013; RASPLUS, 2011; TEIXEIRA, 2010)

Neste cenário, a Ciência da informação é – apesar da discordância que possamos ter com as diferentes definições deste conceito – a área escolhida pelo presente estudo por suas abordagens. E leva em conta o que Pinheiro pontua: a Ciência da Informação se define como movimento buscado no processo de transferência (informação e mensagem) em contexto histórico, cultural e social. (2009, p. 13)

A ilustração, a seguir, propõe utilizar o dossiê de Restauração como o raio de uma trajetória não linear de estudo panorâmico, expondo a construção do fato interdisciplinar, compartilhado na produção de conhecimento de técnicas e práticas da Conservação-Restauração. O dossiê pode ser visto como um elemento no qual os diferentes atores elaboram seus relatos e o constroem em espaços profissionais e acadêmicos, realizando a transferência de informação. E entendendo a informação como um arranjo de linhas entrelaçadas na relação com o documento em permanente definição.

A seguir, uma figura que pretende demonstrar a perpétua redefinição e participação de diversos fatores e níveis de conhecimento implicados na elaboração do dossiê.

Figura 1. Trajetória da análise do dossiê na pesquisa, que ressalta a diversidade de fatores e níveis de conhecimento implicados.



Fonte: Elaborado pela autora.

O tema nos pareceu pertinente, mostrou que poucos são os artigos que sustentam discussões sobre as dificuldades e contradições envolvidas na elaboração do dossiê de restauração, em diferentes contextos. Invocado em frescor para extrapolar a retórica da normatização.

3.1 Coleta de dados

A grande quantidade de informação com que lidamos em uma pesquisa de doutorado implica em muitas informações e reflexões. Nesta pesquisa enfrentamos a dificuldade de acesso a fontes de informação importantes e consulta a obras fundamentais para a pesquisa, que retardaram o andamento da tese.⁶

Para estratégia de busca da pesquisa de literatura foram usados os termos elencados a seguir: conservation documentation, painting, museum.

⁶ Durante a pesquisa foi enviado, por meio do canal oficial E-SIC, do governo brasileiro, formulário com questão sobre a compra de livros do domínio da arte e do patrimônio. Inconformados com a ausência de obras reconhecidamente importantes nas bibliotecas do IPHAN, IBRAM, Bibliotecas do Estado do Rio de Janeiro e Universidades Federais. A Casa de Rui Barbosa, exemplarmente respondeu com uma lista anual de compra, conforme o pedido, com as obras adquiridas por compras desde 2015. Buscamos sem sucesso, obras reconhecidamente importantes em inglês, francês ou italiano, sobre o assunto.

- Em inglês: documentation activity, documentation, condition survey, condition assessment, condition reports, diagnostic rapports inspection, registration, museum documentation, condition examination, cultural heritage, information, museum, data registration, diagnostic studies, intervention rapports ;
- em francês: fiche cumulative, documentation, conservation restauration, Examen, dossier d'atelier, dossier documentaire, constat d'état, rapport d'examen, rapport d'intervention, dossier d'œuvre ;
- em português: dossiê de restauração, ficha de intervenção, relatório de intervenção, ficha do estado de conservação.

Precisávamos selecionar categorias fundamentais utilizadas para determinar a coleta de dados. Nos textos até aqui pesquisados, encontramos dados necessários para a definição dos principais termos utilizados, os quais ganham perspectivas na argumentação teórica, possibilitando a localização das investigações prévias sobre o sujeito, o que favorece compreender as temáticas recorrentes na pesquisa. Trabalhamos no sentido de buscar métodos que nos permitam conhecer a emergência de discussões sobre o fenômeno em estudo, buscando previsibilidade de tempo para o mapeamento e para consulta das bases existentes.

Estas especificidades, independente de métodos usados, foi ressaltada alguns anos antes por Pinheiro (2008) e de certa forma expandida para pesquisas sobre comunicação científica em geral, uma vez que “as ciências tem suas similaridades, mas diferem, substancialmente, na sua natureza, processos, teorias e metodologias”. Além disso, a autora enfatiza outros aspectos que acentuariam essas diferenças:

“[...] faz parte de comunidades científicas com padrões específicos de comunicação e busca de informação e cânones próprios na estrutura da literatura, decorrência natural da essência e “etnografia” de cada campo do conhecimento? Ou se o indivíduo, parte integrante de uma determinada cultura e circunstâncias educacionais, sociais, políticas e históricas bem definidas reage aos estímulos de informação de acordo com esses fatores determinantes? (PINHEIRO, 1997, p.11)

Sobre o tema desta pesquisa, começemos por introduzir, brevemente, alguns fatos históricos importantes das origens das atividades de restauração, abordados a seguir.



4 A CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO

Este capítulo é sucinto e poderá parecer simples demais para um conservador-restaurador, ou a toda qualquer pessoa que tenha conhecimento sobre o tema. O objetivo, evidentemente, não é uma escrita exaustiva, nem ao menos panorâmica, mas uma inclusão contextual do tema.

Alguns autores escreveram sobre a história da restauração de pinturas e situam seu começo no antigo mundo grego. No entanto, é necessário compreender a evolução do termo e o que significou ao longo do tempo, em diferentes condições de uso e em diversos contextos geográficos e históricos. Medidas de proteção e de manutenção reparando partes quebradas não incluíam as operações sistemáticas exigidas hoje. As pinturas e esculturas nem sempre foram reconhecidas como obras de arte, segundo os que as criavam ou as reparavam. O consenso neste caso não existe.

Podemos afirmar que a Conservação-Restauração é uma atividade relativamente recente?

Nos últimos anos, a história da Restauração, que se multiplica, mostra que a idéia de que a Restauração é uma invenção do século XIX é falsa: a todo momento, alguns tentam preservar ou restaurar obras de arte respeitando o design de seus criadores desde os tempos antigos.(PONSOT, 2013, p. 2)

Pode ser moderna, se consideramos a história dos saberes disciplinares. Há mesmo o questionamento se é de fato uma disciplina, dada a diversidade de saberes que a compõem. (BERGEON, 1995, BERGEON; BRUNEL, 1999)

Retraçando a história da Restauração no século XVIII, Noémie Étienne (2012) aponta a pertinência de não separar “os atores e as práticas” da restauração institucional e do mercado privado, no período da segunda metade do século XVIII, quando do crescimento do mercado de pinturas. Este comentário é importante, pois há divergências entre os autores que tratam da história da Conservação-Restauração sobre o período do surgimento das exigências da documentação dos procedimentos/intervenção para o desenvolvimento da profissão.

São muito discutidas entre os diferentes estudiosos do tema as origens remotas da restauração, no entanto, parece haver consenso no fato de que esta se estrutura mais consistentemente a partir de finais do século XVIII e se consolida como campo disciplinar autônomo no final do século XIX e início do século XX. (CARBONARA, apud CUNHA, [2008] p. 1)

Nas últimas décadas, nossa relação com o tempo mudou. A sociedade contemporânea avança numa velocidade nunca sentida na história do mundo, o que muitas vezes nos faz esquecer que temos um passado recente em relação a grandes descobertas científicas e à incorporação de novas formas mais elaboradas de pensar a obra, inclusive do ponto de vista cultural, e com suas problemáticas centrais como da identidade. (OWENS, 1992, MITCHELL, 1994, COMETTI, 2016)

Neste momento, é oportuno relacionar algumas datas significativas em um mundo de mudanças. Estas datas, que não pretendem ser exaustivas, contribuem para iluminar o contexto da relação epistêmica que começa a existir entre Ciência e Arte e o estabelecimento das profissões da arte. Com o objetivo de minimizar, o que pode aparentar uma determinação clara de estabelecer uma data para o surgimento da ligação da ciência e da arte, lembramos em um livro em homenagem a Alexandre Kojève, de Michel Blay (2007), sobre os aspectos históricos e filosóficos sobre a ciência (2007) que reconhece que uma das características da Ciência é querer ser reconhecida em seus próprios termos, e sugere que fixar com precisão datas para o começo da ciência clássica, se é que houve um começo, não é coisa muito sábia. Muito melhor, seria saber por que ela apareceu na Europa ocidental em determinado momento e não no Islão ou na China. O autor ressalta ainda que quanto as origens, é ainda hoje, causas de debate, em razão de sua complexidades. Ainda sobre os aspectos cronológicos da ciência e da arte inclusive, tem escrito sobre esta combinação desde Newton. Em um artigo de 1964, de Alexandre Kojève, que retorna aos assuntos de seu interesse quanto a interpretação e cronologia da ciência, temos segundo citação de Blay:

De fato, na virada dos séculos XIX e XX, falou-se em física clássica quando a relatividade e a mecânica quântica forçaram a rotular a ciência que as precedeu e que, no entanto, permaneceu em uso. É assim que o conceito de ciência clássica implica uma abordagem recorrente e retrospectiva. Além disso, isso não significa que os protagonistas desse período, dos séculos XVII, XVIII e XIX, não sentiram que estavam participando de uma aventura intelectual diferente daquela que os precedera. (KOJÈVE, apud BLAY, 2007)

Em um artigo sobre conservação de patrimônio material, especialmente sobre a análise química, considerada pelo autor, disciplina chave na pesquisa de conservação, ele situa a química no século XVIII, apoiando a conservação, “a química entrou pela primeira vez no campo da Conservação no século XVIII, gradualmente assumindo um papel

fundamental devido ao aumento do número de objetos e coleções exibidas em museus.” (MAZZEO et al. 2001, p. 2885)

Ao destacar uma longa e ampla tradição geográfica e linha cronológica⁷, o privilégio concedido a alguns países e períodos, pela autora desta tese, se justifica porque foram o epicentro da cultura, marcado pelo começo da moderna restauração de pintura na França e na Europa, de um modo geral. Estas datas foram extraídas de diversos documentos e reunidos na sua monografia de estágio profissional no C2RMF, em Paris, e aqui selecionados por serem de interesse e estarem relacionados com o tema desta tese e, em certos casos, intercalados de algumas citações:

- 1594- Entrada de Henri IV em Paris e o começo das obras dos edifícios reais incluindo, em 1608, a criação de espaços designados para os trabalhos de artesãos, limpadores de verniz, pintores, marceneiros, e restauradores nas galerias do Museu do Louvre;
- 1648- Fundação da Academia de Pintura e Escultura em Paris, com a transmissão do ensino das artes;
- 1740- O rei de França, faz “restaurar” uma quantidade significativa de pinturas;
- 1746- A livraria *Le Breton* obtém um privilégio real para a publicação do “*Dictionnaire universel des arts et des sciences*”. O diretor de redação da Academia de Ciências contrata Diderot et d’Alembert. No século XVIII, enciclopedistas designavam especialmente autores com trabalho colaborativo conhecido como “Diderot enciclopédia”. (KAFKER, apud BLAIR, 2010) A publicação de 1751-1765 permitiu uma divulgação importante dos chamados, segredos artesanais dos ateliês;
- 1750- Foi realizada a primeira transposição de pintura no Museu do Louvre. Técnica elaborada, mantida em segredo pelos ateliês na época, que transporta a camada pictórica para um novo suporte. Para alguns autores, como Gilberte-Mâle, foi uma virada de página na restauração de pinturas de cavalete;

⁷ Nos Anais de Química, p. 189, 1789, podemos encontrar um artigo sobre o embranquecimento de telas com ácido muriático fazendo referência às referências as artes. “sera probablement plus important pour le procédé des **toiles peintes** que pour le blanchiment, de pouvoir déterminer la force comparative des ligueurs”. (Pesquisa para trabalho final no C2RMF, Paris, 2007.) **Annales de chimie ; ou Recueil de mémoires concernant la chimie et les arts qui en dépende**. 1789. Titre : Annales de chimie ; ou Recueil de mémoires concernant la chimie et les arts qui en dépendent. Editeurs :[Cuchet] (Paris);J. de Boffe (Londres); Date d’édition : 1789

- 1755- Johann Joachim Winckelmann publica sua obra: *Gedanken über die Nachahmung der griechischen Werke in der Malerei und Bildhauerkunst. Reflexões sobre a imitação das obras gregas na pintura e na escultura*;
- 1755-Publicação de um dos mais importantes textos sobre pintura na época, de Comte de Caylos & Majout, “*Mémoire sur la peinture à l’encaustique et sur la peinture à cire*” ;
- 1788- Rei Louis XVI autoriza o nascimento do Museu Real que se tornará, em 1848, o Museu do Louvre;
- 1789- Nos Anais de Química, p. 189, 1789, podemos encontrar um artigo sobre o embranquecimento de telas com ácido muriático fazendo referência as artes. “*sera probablement plus important pour le procédé des toiles peintes que pour le blanchiment, de pouvoir déterminer la force comparative des ligueurs*”. (Pesquisa para trabalho final no C2RMF, Paris, 2007.) Annales de chimie ; ou Recueil de mémoires concernant la chimie et les arts qui en dépende. 1789. Titre : Annales de chimie ; ou Recueil de mémoires concernant la chimie et les arts qui en dépendent. Editeurs : [Cuchet] (Paris) ; J. de Boffe (Londres) ;
- 1809- Primeiro trabalho sobre a análise de pigmentos encontrado em Pompéia, por Comte de Chanteloup, Jean Chaptal, químico e acadêmico francês;
- 1826-1827- Nicéphore Niépce desenvolve o procedimento fotográfico;
- 1827- Primeiro livro sobre restauração aparece na Alemanha;
- 1839- Eugène Chevreul publica a teoria da cor com o título: “*De la loi du contraste simultanée des couleurs*”, em francês, traduzido em 1855 para o inglês: “*The Principles of Harmony and Contrast of Colours, and Their Applications to the arts*”;
- Polêmicas na França e na Inglaterra com debates importantes sobre a prática da Restauração;
- 1850- Publicação de “*The Seven Lamps of Architecture*”, por John Ruskin, New York;
- 1854 - Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879) publica o “*Dictionnaire raisonné de l’architecture française du XI au XVIe siècle*”, em Paris, para alguns o primeiro tratado sobre restauração ;
- 1854- Marie-Nicolas Bovillet publica: “*Dictionnaire Universel des sciences des lettres et des Arts*”, em Paris e no verbete “restauração” ressalta a sua crescente e lucrativa atividade ;

- 1863- Louis Pasteur é nomeado professor de Geologia, Física e Química aplicada na *l'École des Beaux-Arts*, em 1865, onde irá disseminar a ideia da aliança entre as ciências e as artes.
- 1869- Tabela periódica dos elementos de Dmitri Mendeleïev;
- 1882- Criação da *École du Louvre*. A presença de artistas e restauradores de pintura torna-se uma grande atração no Louvre. Com a autorização real, na grande galeria, a instalação de muitos ateliês atraíam nobres e clientes potenciais. (MASSING, 2012);
- 1888- Criação de um primeiro laboratório de química dentro de um museu, o *Staatlichesmuseum* de Berlim, Alemanha;
- 1890- Na França, em Paris especialmente, se desenvolve uma dos grandes mercados de arte internacional;
- 1893- Alöis Riegl (1857-1905) publica *Stilfragen*, reflexões sobre as restaurações dos monumentos históricos. Historiador de arte, no *Österreichischen Museum für Kunst und Industrie*, Museu de Viena, Áustria. Define algumas das bases para a preservação do monumento histórico, a partir de sua acepção ligadas a antiguidade, valor histórico e comemorativo, e já inclui a noção de “culto” de seus contemporâneos aos monumentos, distingue a noção de histórico e artístico, e alarga para os valores de rememoração, interessante acrescentar a ideia de memória em sua reflexão;
- 1895- O físico alemão descobriu uma nova forma de radiação eletromagnética. Os raios X descobertos por Wilhelm Conrad Röntgen à Würzburg. Röntgen fez estudos de amostras de tinta. Em 1925, Alan Burroughs, do Fogg Art Museum iniciou testes de exames radiológicos de pinturas;
- 1914-1918- As primeiras radiografias de pinturas são realizadas pelo médico Ledoux-Lebart, na França, dentro de uma ambulância com uma máquina de raios x, que ele utiliza para salvar os feridos. Ele exprime sua paixão pelas obras de arte, utilizando a fonte de raios x, também sobre pinturas;
- 1920- Primeira tentativa de análises no museu do Louvre;
Criado o *British Museum Research Laboratory*;
- 1921- Publicação do primeiro artigo sobre a História da Restauração: Van der Sleen, G. Algumas pesquisas de limpeza de pinturas de Franz Hals à Harlem;
- 1925- No Estados Unidos, a radiografia é utilizada na *University Fogg Art Museum*-Harvard;

-1930- Conferência sobre o tema:

O estudo científico da obra de arte, sob a responsabilidade do *Office international des musées*, OIM, em Roma;

-1931- A carta de Atenas- Restauração de monumentos históricos. Adotada no primeiro congresso internacional de arquitetos e técnicos de monumentos históricos;

-1931- Criação do laboratório de pinturas do *Musée du Louvre*;

-1934- Fundação do laboratório dos museus reais de Arte em Bruxelas;

-1938- Publicado em Berlim a tese de doutorado de Cristian Wolters : *L'importance de la radiographie des tableaux pour l'histoire de l'art* ;

-1938- Criação do “Institut Doerner de Munich”, especializado na pesquisa de pinturas;

-1939- Criação do Instituto *centrale de restauro*”. Itália;

-1956- L’ICCROM, toma a decisão de fundar um centro internacional para os estudos de Conservação-Restauração de bens culturais;

-1963- É publicado: *Teoria del restauro*, que reúne textos de Cesare Brandi;

-1964- Publicação da carta de Veneza;

-1969- Criação do laboratório de pesquisa dos *Musées de France*;

-1972- Fundação do *l’Institut Canadien de Conservation* (ICC);

-1972- Publicação da Carta do Restauro ;

-1977- Os princípios de estabilidade, reversibilidade e legibilidade são acentuados pelo l’ICCROM como importantes;

-1980- *Restaurer les restaurations*. Colóquio organizado pelo *Comité français de l’ICOMOS*, sob influência de Paul Philippot e Cesare Brandi;

-1987- Instalação do acelerador *Grand Louvre*, de análise elementar da matéria, sob *la cour du carrousel du Louvre*;

“O que faz o AGLAE único, é que suas atividades são dedicadas 100% ao trabalho com o patrimônio cultural”(PACHECO apud TEIXEIRA, Notas de trabalho, C2RMF, 2010)

Nos limites desta pesquisa, nos contentaremos em esboçar algumas linhas sobre trabalhos importantes de autores que se dedicaram à História da Conservação-Restauração. A seguir pretendemos apenas contextualizar e exprimir a variedade de leituras sobre a relação das diferentes disciplinas chamadas a participar em cada

movimento de intervenção, até porque não seria possível fazê-lo com o prazo desta pesquisa.

Muitos autores irão marcar sua trajetória por meio de contribuições sobre a Restauração. As reflexões fundadoras já tem mais de duzentos anos, construindo assim um terreno de fontes escritas. Historiadores de arte, romancistas, arquitetos, artistas escreveram tratados técnicos, manuais, livro de receitas, testemunhos pessoais, correspondências e diários, que permitem uma certa compreensão dos discursos e das práticas.

No âmbito, de uma perspectiva filosófica, Estética e da História e da Arte irão influenciar a institucionalização, da proteção específica de objetos, e as construções, concebidas como vestígios de passado. Desta forma, começam os textos fundadores no âmbito da Restauração, a demarcar um *savoir-faire*, a racionalização da atividade, a qual, com suas exigências, escaparia às propostas individuais e seria transformada em uma intervenção elaborada, com apreciação crítica, por oposição a uma intervenção dependente de um sujeito.

Modifica-se, assim, a natureza da realidade da obra como reparação para imitar o original. A existência de processos de escolhas baseados em estratégias racionais para um resultado de restauração. Cabe salientar que este clima faz parte de um movimento amplo, que só pode ser compreendido em uma perspectiva muito maior de constituição da Europa moderna.(PHILIPPOT, 1989; MASSING, 2012; BLAIR, 2010; TEIXEIRA, 2010)

Em um primeiro momento, seria interessante reconstituir alguns dos movimentos históricos iniciais de constituição da documentação da intervenção na Conservação-Restauração, para situar a dinâmica existente entre documentação de coleções, objetos e acervos. É sabido que isto se dá inicialmente nos países que desenvolveram primeiramente as reflexões teóricas sobre o trabalho de restauração, no período de estabelecimento das coleções públicas e do intuito do fazer patrimonial. Pioneiros e herdeiros, sem dúvida das experiências Francesa, Italiana, Belga, Britânica (MASSING, 2012) Europeia primeiramente, para somente depois da segunda grande guerra receber a influência Norte Americana. Mattos é bastante eloquente sobre este processo:

Uma vasta erudição era um requisito indispensável para esse tipo de atividade e a documentação de objetos da Antiguidade Clássica tornou-se uma das grandes obsessões da época. Desde o século XVII, grande quantidade de informação coletada por estudiosos eruditos em toda a Europa foi posta em

circulação pela publicação de inúmeros thesauri, tais como os de Graevius e de Gronovius. Os livros, essencialmente enciclopédicos, agregaram quantidade assombrosa de material visual. [...] Segundo no século XVIII, o centro dos estudos antiquários era sem dúvida a França e, sob a influência dos eruditos franceses, também a Itália. Esses estudiosos tinham herdado do século anterior um padrão de colecionismo e de compreensão da arte clássica muito distante da idéia de estilo desenvolvida mais tarde por Winckelmann. Eles buscavam uma representação unificada das culturas antigas, que deveria ser obtida por um sistema de acumulação de evidências documentais. (MATTOS, 2008, p. 71-72)

Uma abordagem da História da Conservação-Restauração considera o século XIX como o seu período fundamental. Paul Philippot irá mesmo afirmar que esse momento é do desenvolvimento da consciência histórica e do rompimento da tradição artesanal, inserido no espaço de tensão do racionalismo da segunda metade do século XVIII, conhecido como o “intelectualismo do iluminismo”. Ainda para Philippot, desde a criação do primeiro laboratório de química dentro de um museu, em 1888, o *Staatlichesmuseum*, no Museu Real de Berlim, a relação com as ciências se modifica, transformando assim o ateliê em laboratório de Restauração. (PHILIPPOT, 1989) Eis, para Santos, esta mudança:

Estávamos então em meados do século XVIII, numa altura em que a ciência moderna, saída da revolução científica do século XVI pelas mãos de Copérnico, Galileu e Newton, começava a deixar os cálculos esotéricos dos seus cultores para se transformar no fermento de uma transformação técnica e social sem precedentes na história da humanidade. Uma fase de transição, pois, que deixava perplexos os espíritos mais atentos e os fazia refletir sobre os fundamentos da sociedade em que viviam e sobre o impacto das vibrações a que eles iam ser sujeitos por via da ordem científica emergente. Hoje, duzentos anos volvidos, somos todos protagonistas e produtos dessa nova ordem, testemunhos vivos das transformações que ela produziu. (SANTOS, 1988, p. 47)

O discurso da discrição dos restauradores, quanto o seu trabalho sobre a obra, explicou-se muitas vezes no passado pela atividade de restauração, que necessitava passar despercebida. Vale mencionar que a discrição ganha valor, caso venha a público uma Restauração questionável, “o que, muitas vezes, se dá em razão da polêmica e se interpreta por um “pacto rompido” (KAIRIS et al., 2012, p. 17) Este silêncio e/ou discrição poderia também advir da ideia de uma suposta cientificidade do conhecimento de laboratório, oriunda do positivismo no conhecimento científico, onde as reconstruções, explicações de procedimentos, seriam somente para especialistas. Muitas vezes, ainda

hoje, o excesso de “proteção de acesso” aos dossiês de restauração em museus de arte permite um mistério nos trabalhos executados⁸.

Para Hénaut e Rouault (2016), seguindo uma abordagem ligada à Sociologia das Profissões, na Conservação- Restauração, chamada ecológica ou sistêmica, protestando sobre a linearidade dos discursos sobre o desenvolvimento profissional, disputas entre atividades correlatas são comuns. “Lutas profissionais são particularmente longas e agressivas, logo que elas tocam grupos que são obrigados a cooperar”. (HÉNAUT, 2010 P. 55)

A Restauração também entre a Arte e a Museologia, corresponde as preocupações, conflitos nem sempre ligadas a posições intelectuais, mais também de reconhecimento profissional e suas consequências. A interdependência das profissões foi primeiramente vista como uma realidade organizacional resultando no processo de especialização que alimenta a divisão de trabalho, (DURKHEIN,1893), mas os diferentes grupos profissionais assim ligados por uma divisão do trabalho não ocupam somente uma posição técnica. Eles também são caracterizados por uma posição hierárquica e de aspirações profissionais particulares. (HÉNAUT, 2011) A autora usa como exemplos, debates técnicos que ocultam problemas de ordem profissional e de autonomia de decisões.

Historiador de Arte, cientista da conservação, curador de exposição, conservador-restaurador, administrador de reserva técnica etc. É comum, encontrar justificativas, quando em encontros sobre Patrimônio, sobre a busca de objetivos comuns. A narrativa é de que são conquistas sucessivas de um objetivo comum, como continuidades naturais do sistema de divisão de especialidades.

A criação de discursos para as formações especializadas de saber, que culminariam na criação de códigos de ética e revistas científicas consagrariam assim, uma profissão. Porém, como ressalta Hénaut e Rouault, o que acaba resultando na valorização é o desenvolvimento, a possibilidade do monopólio do exercício da atividade, como resultado de lutas permanentes dentro de um contexto político-institucional, este mesmo em constante evolução. Desta forma, deve-se estudar como uma profissão se constitui e

⁸ A autora desta pesquisa, agradece a confiança ao acesso incondicional aos dossiês de restauração de um dos maiores centros de Conservação-Restauração do mundo, o C2RMF em Paris. A oportunidade de acessar inclusive os dossiês de pinturas que estavam para ser autenticadas, conferiu uma admiração ainda maior a estes profissionais que conhecem e assumem o que fazem em suas rotinas diárias.

identificar estas lutas, os eventos que a expuseram, as alianças que permitiram este ou aquele avanço, apesar dos discursos oficiais de competências diversas.(HÉNAUT; ROUAULT, 2016 p. 13)

Antunes, conservador-restaurador em Portugal, em um excelente artigo sobre mercado de trabalho, o ensino e a formação da Conservação-Restauração, cita o químico João Antunes.

[...]a ciência da conservação é [pode vir a ser] uma disciplina autônoma, basta-se por si e tem valor suficiente para não necessitar da adição de disciplinas clássicas para obter credibilidade. Existe uma certa tendência para se pensar que a Conservação tem de estar associada à História, ou à Matemática, ou à Química que é o conhecimento clássico, para ter validade e ser credível. Isso não é assim, a Conservação vale como tal, a Conservação utiliza a ciência clássica para atingir os seus objetivos”. (ANTUNES, apud ANTUNES, 2010, p. 44-45, colchetes do autor)

Por conseguinte, Antunes (2010), no mesmo texto, destaca que a Conservação-Restauração é uma disciplina que, “apesar de se bastar a si própria”, necessita da concorrência partilhada e integrada de outros domínios científicos, aos quais ele designou de clássicos, sem que se verifiquem sobreposições ou anulações de uns em relação a outros.

Na história da documentação de coleções, a paixão pela cultura, pelo acúmulo de objetos e a curiosidade intelectual se misturam neste panorama, se desenvolve assim as artes e os livros, com os arquivos, os museus e as bibliotecas. Neste impacto de erudição cresce também a burocracia e interesse do Estado.

Bibliotecas, arquivos e museus são instituições cuja origem se confunde com a própria ideia de cultura. Desde as sociedades da Antiguidade, existe a preocupação com a preservação e transmissão das experiências e conhecimentos acumulados, implicando algum tipo de inscrição material destas experiências e conhecimentos. A origem das bibliotecas e arquivos é comumente relacionada à origem da passagem da oralidade para a escrita; a dos museus, associada ao colecionismo que marcou as grandes civilizações da Antiguidade. (ARAÚJO, 2010, p. 176-177)

Não é inútil ressaltar, que nem todos os estudiosos do período tem o mesmo argumento sobre como este impacto de disseminação massiva da cultura da palavra impressa e da gestão que ocorreram e criaram as mudanças fundamentais na História do desenvolvimento da comunicação.

Assim, Pinheiro destaca as questões teóricas, metodológicas e conceituais específicas que desenham cada um destes campos de conhecimento que são os ligados aos arquivos, museus e bibliotecas:

[...]Contudo, o conjunto de técnicas e mesmo o conjunto de questões envolvidas em cada uma delas apresentou, desde o início, pontos de contato, mas, também, especificidades próprias. Foi, todavia, no final do século XIX e início do século XX, sob a égide da formulação do campo de conhecimento da Documentação, com Paul Otlet, que surgiu a ideia de reunificar essas disciplinas no âmbito das assim chamadas “ciências documentais” (PINHEIRO, 2002a)

Ann Blair, historiadora americana da História cultural e intelectual da Europa moderna, enfatiza a experiência sem precedentes do Renascimento e o considerável crescimento na Europa continental de fontes de informação e disputas de ideias. Resultado da descoberta de novos mundos, da recuperação e valorização de antigos textos. A proliferação dos livros impressos não responde totalmente pela maneira como a informação estava sendo produzida e organizada, havia uma nova maneira de olhar como os fenômenos se produziam. As explicações religiosas não davam mais conta da amplitude do mundo. Eis Waquet, sobre as estratégias de controle literário:

O aumento considerável na produção de livros, graças à imprensa, não só impulsionou os cientistas, mas também os levou a elaborar estratégias que garantissem a sua salvaguarda e controle: basta pensar em Conrad Gesner, com sua biblioteca universal (1545) e seu apelo aos poderosos para que eles construíssem bibliotecas que seriam magistrais e, acima de tudo, mais estáveis do que aquelas que indivíduos particulares poderiam possuir. (WAQUET, 1995, p. 459, tradução nossa)

A disputa de ideias, crescia. De acordo com Blair, sobre história cultural e intelectual da Europa moderna, “a controvérsia continuou a ser reconhecida como uma parte inevitável e produtiva da vida intelectual”. Os estudiosos do período moderno articularam novas preocupações sobre manter a compostura e buscar moderação em disputas intelectuais. Os livros de conselhos acadêmicos, um novo campo de escrita, culminou na disciplina acadêmica de “história literária” nas universidades da Alemanha de 1670-1730. Incluía tratados e dissertações sobre métodos apropriados de estudo e advertências sobre os “vícios da aprendizagem”, destinados a melhorar a moralidade e cortesia da comunidade acadêmica. Entre os vícios “Logomachia” ou a luta por palavras foi condenada como consequência de amor próprio, ambição ou ganância. Assim como os

humanistas do século XV zombaram dos escolásticos por suas disputas excessivamente polêmicas e esses acadêmicos do final do século XVII criticaram humanistas do século XVI como: pedantes, briguentos e sem autocontrole. Essas configurações são menos aparentes para os contemporâneos – e menos ainda para aqueles que tentam escrever uma história da crítica. O que aconteceu é uma construção ideal de comunicação desenvolvida por estudiosos no início da República moderna das letras: a noção de que a comunicação deve estar livre de restrições do governo, de obrigação familiar ou de hierarquia social, mas também livre de logomachia, graças ao exercício de moderação/comedimento e autocontrole. Uma consciência do poder da impressão, provavelmente encorajou a formação dessa vontade de debates desapaixonados e moderados. (BLAIR, 2015)

A acumulação de novas espécies, novos textos e novos livros não eram consequências naturais de novas viagens e tecnologias, a difusão dos livros era muito mais motivada por um conjunto de novas atitudes culturais, pelas novas possibilidades, que ela chama de “infolust” ou “obsessão pela informação”. (BLAIR, 2010)

Este é o pré-requisito para esta nova função consultiva que Naudé traduz, na ordem política, com sua Bibliografia: ele revela, com os erros dos homens e as variações nas doutrinas, a ausência de uma referência, uma norma absoluta; mas, ao mesmo tempo, “seleciona o essencial e define ferramentas eficazes”. (DAMIEM, apud WAQUET, 1995, p. 459); [...] assim, ao mesmo tempo, um instrumento de conhecimento e de ação. (WAQUET, 1995)

Ao lado dos conceitos de representação e de evolução do pensamento estético durante e após o Renascimento (século XII ao século XVI), uma prática de Restauração/reparação de danos começa a se formar. O senso moderno de “artista” não era conhecido antes do Renascimento, e não o será durante muito tempo. As corporações de ofício englobavam trabalhos coletivos. A reparação era realizada em ateliê de artesãos, de pintores de talhadores de imagens (não eram escultores na época) ou vitralistas. Toda essa prática de feitura e reparo em peças danificadas tinha por base a concentração em locais que serão mais reconhecidos a partir do século XV. O criador da obra desenvolve seu estilo e começa a estabelecer certa qualidade no objeto criado. A concentração de produtores destas obras forneceu as condições de produção e comércio realmente particulares (STABEL, 2007)

A Renascença encontra seu ideal de beleza nas obras do passado, da antiguidade. E o crescimento de coleções de estátuas antigas irá desenvolver a prática da recriação das partes mutiladas. Restaurar é, neste período, retornar a um estado original. Não era o

desejo de preservação que agia nesta direção, mas a intenção de restituir uma harmonia figurativa para um “embelezamento” da obra.(MACARRÓN, 1997; MASSING, 2012)

Por um decreto de 1571, Cosimo d’Medici, libera das obrigações corporativas os artistas de sua academia. Assim, observamos a profusão e transmissão de ideias que fecundam em espaços de reflexão e discursões sobre a Arte. Em Roma, a Academie de Saint Lucas, revelando um novo papel para os pintores e artistas em geral, e demonstrando a separação entre o trabalho manual e a criação conceitual: “A pintura é primeiramente uma “coisa mental”, uma produção do espírito (BUTTAY et al., 2015) Em sociedades e academias esboçavam-se as primeiras comunidades científicas, tendo início a difusão das artes e das letras. Sabemos, por meio dos primeiros tratados de Restauração, (os mais antigos são os do século XVIII), e estes trazem informações sobre as técnicas de pintura e organização de espaços das reparações artísticas.

As menções sobre as restaurações de pinturas são mais numerosas a partir do século XVI, e podemos encontrar críticas às reparações realizadas durante a Renascença italiana – período em que as discussões sobre quais das artes existentes seriam as mais ou menos importantes, se a pintura, a arquitetura ou a escultura. Somente a partir do século XVII temos a “Restauração” sendo subordinada a um autor, um “indivíduo social”, requisitado por seus conhecimentos especializados.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, as obras degradadas continuarão a ser confiadas aos artistas e artesãos – pinturas para os pintores e esculturas para os escultores. As restaurações serão, em geral, de colocação de partes faltantes. Esta atitude se traduzia numa intenção de continuidade entre o mundo antigo e o contemporâneo, e exigia que essas obras não estivessem com partes faltantes, mas fossem reintegradas nas suas perdas e em seu suposto aspecto primitivo (BORRELLI, 1989, p. 125)

No *Grand Larousse*, o verbete “Restauração” aparece com uma menção a Louis XIV, e a adaptação de obras aos elementos arquitetônicos, como portas e janelas.

Os trabalhos são inteiramente ligados à apreciação estética e não há a preocupação de restabelecer a integridade original. Retirar uma pintura de seu chassi, repintá-la da forma mais próxima do gosto da época são operações costumeiras no século XV. Louis XIV irá ordenar o corte de pinturas de sua coleção para que se adaptassem aos espaços de suas portas de Versailles. (LAROUSSE, 1985)

Podemos observar os princípios de um pensar histórico quanto à preservação de objetos e monumentos em diferentes períodos, tomando diferentes formas, a depender das narrativas no âmbito do relato do aparecimento do objeto a ser preservado. Camadas estratigráficas de ocupações de povos com diferentes religiões, formações políticas e percepções estéticas diversas, fazem parte desta construção. “Muitas informações vêm em fragmentos, e parte do processo de produção do conhecimento consiste em encaixar e juntar estes fragmentos como se fossem um quebra-cabeça” (BURKE, 2012, p. 78)

Desde a Antiguidade, construções religiosas e públicas, estátuas representativas ou simbólicas são conservadas, colecionadas, reparadas e modificadas (MOHEN, 2004). Ainda que o olhar fosse marcado pela tradição e pela manutenção de “coisas antigas”, somente a partir do século XVIII haverá uma relação com a singularidade da obra, pois, com o aparecimento do indivíduo social no século XVII, constrói-se também a figura do artista. (MASSING, 2012) O nascimento de inúmeras exigências relativas à atividade começam a ser formuladas neste período. Há alguns exemplos históricos importantes, onde o encontro de curiosos e estudiosos, da arte e da ciência, na tentativa de compreensão de vários fenômenos químicos e físicos, (translucidez, a opacidade, a pátina etc.) produz mudanças no campo da História da Arte e do desenvolvimento da Restauração. Podemos encontrar algumas evidências registradas em documentos escritos e imagens, tratados, manuais de pintura, correspondências entre estudiosos e artistas, livros de “como fazer”, revistas, pinturas, desenhos, gravuras, bem como depoimentos de testemunhas sobre a prática de artistas e ateliês, as discussões deste período, que incitaram a aquisição de novos conhecimentos, mudando o rumo da atividade de restaurador de pintura, desta forma, para a concepção de intervenção “moderna”.

Massing corretamente assim sublinha a aquisição de novas técnicas e o interesse em viajar e descobrir novas aplicações:

No século XVIII, Paris era considerada o centro da profissão de restaurador de pintura, onde era possível desenvolver e experimentar novas técnicas. E os restauradores franceses de pintura percorriam toda a Europa para praticar suas habilidades. [...] O núcleo de grandes mudanças na profissão na Europa ocorreu em meados do século XX, quando foram fundados vários métodos de restauração. (MASSING, 2012, p. 231, tradução nossa)

Destaco, contudo, o livro de Étienne, onde são ressaltadas práticas nebulosas:

Até o final do século XVIII, a Restauração de pinturas de cavalete foi uma atividade nebulosa e à parte contudo, com o nascimento dos primeiros museus públicos, com a vontade de identificar e proteger o patrimônio nacional, a Restauração surge como uma profissão distinta e reconhecida. (ETIENNE, 2012, p. 13, tradução nossa)

Como nos lembra Heinich (1991), o estatuto de artista não se reduz às dimensões normativas ou administrativas, mas também às simbólicas e imaginárias. A arte ultrapassa a estética para ser identitária. A dificuldade de escrever a história da Restauração poderia ser explicada, sobretudo pela falta de fontes documentais advindas do caráter de mistério e de segredos de ateliê, que garantiriam o ofício de artistas e aprendizes. Toda aspiração tendia, na essência, em direção a uma restauração invisível, de maneira não discernível “Os que as encomendavam não exigiam praticamente nenhuma justificação dos riscos”, que as intervenções poderiam sofrer (MARIJNISSEN, 1969, p. 22) Não era uma prática ou exigível, a redação de um testemunho do trabalho realizado. O reconhecimento da qualidade da atividade de intervenção vinculava-se a um trabalho que se propunha imperceptível, desta forma, inconciliável documentá-lo. Precisamos lembrar que no século XVI, *les cabinets des curiosités* se espalharam pelo mundo, e mercadores e colecionadores não tinham interesse de conhecer ou divulgar as inúmeras intervenções que a peça sofreu ou ressaltar suas alterações. Era necessário recriar o estado primitivo da obra, como se nunca tivessem existido danos. (PHILIPPOT, 1989; MASSING, 2012)

No domínio da pintura, as técnicas produziam diferentes especializações. Até a metade do século XVIII são os grandes “pintores do rei” que intervêm sobre as obras danificadas; depois, aparecem os especialistas que se destacam em diversas categorias: limpadores de verniz, pintor sobre madeira, e especialistas em retoque. A pesquisa sobre a história material das obras não existia; grandes áreas da obra original eram repintadas e grandes espaços pictóricos completamente encobertos, fosse por motivos políticos, religiosos, de mudanças de padrões estéticos ou morais. (PLENDERLEITH, 1966) Assim, em 1699, o pintor Paillet foi nomeado conservador de coleção de Louis XIV, enquanto em Roma, Maratta, pintor, se autodenominava “restaurador”. (ÉMILE-MÂLE, 1991) Intervenções com distintas propriedades, são realizadas nas pinturas, conjuntamente com o surgimento e desenvolvimento dos aportes teóricos da Arquitetura, pintura e escultura e da contribuição dos historiadores de arte do século XIX. O pano de fundo refere-se quase sempre à destruição de monumentos causada pela Revolução Francesa e as decisões

nem sempre fáceis entre conservar e alterar. Nas palavras de Idzerda, escrevendo sobre a iconoclastia na Revolução Francesa e os valores do simbólico:

Aqui está, então, o doloroso dilema dos revolucionários: eles tinham que demonstrar que as artes plásticas não sofreriam sob um regime revolucionário, mas muitos dos valores sociais, políticos e religiosos expressos na arte da era pré-1789 eram, em termos revolucionários, “falsos” e tinham que ser destruídos. Os revolucionários eram homens cultos; eles estavam orgulhosos de seu patrimônio artístico; estavam confiantes de que as artes visuais eram uma escola para analfabetos e alfabetizados, mas também foram assertivos quanto aos valores do antigo regime serem falsos e precisavam ser erradicados. Se Diderot estivesse vivo, eles poderiam ter lhe respondido: “Nós amamos a verdade e as belas-Artes. O que devemos fazer?” (IDZERDA, 1954, P. 13-14, aspas do autor)

É no século XIX que aparece uma arte orientada aos museus e o desenvolvimento declarado da ligação da ciência e da arte. Nesta direção também são realizadas as grandes exposições universais (HASKELL, 1987, p. 40) Assim se refere Frossard:

A história da aliança de ciências naturais e das obras de arte ou do patrimônio arquitetônico foi construída no século XIX, e as ideias de Louis Pasteur expressas em sua cadeira de geologia, física e química aplicada às Belas Artes formam a base da trabalho que será desenvolvido em vários laboratórios na Europa, em conjunto com as instituições patrimoniais. Assim, ele entendeu bem o papel e a utilidade das ciências naturais, não apenas pelo bom conhecimento das técnicas antigas e dos materiais utilizados, mas também por assegurar a conservação dos trabalhos e a sustentabilidade das intervenções de restauração. (FROSSARD, 2007, p. 6, tradução nossa) .

Froner (2007) estará entre os autores que postulam o nascimento do museu como fator que determinará o “respeito estético”, e a demarcação entre artista e restaurador.

A partir do século XIX, quando as grandes coleções públicas são formadas, é que os profissionais dessa área se veem confrontados com uma nova responsabilidade perante os museus. Nesse momento, a linha limítrofe que separava a criatividade do artista e a atitude do restaurador começa ser mais bem demarcada: o respeito estético em relação à originalidade da obra passa a ser uma bandeira dos profissionais mais sérios. [...] A proliferação de museus públicos, baseados no modelo francês, e sua administração por especialistas determinaram uma nova postura dos restauradores em relação a essas coleções. (FRONER, 2007, p.4)

A passagem do século XVIII para o XIX trará, com a constituição das Ciências Humanas, uma proposta de estudar os fenômenos como se pudéssemos conhecê-los objetivamente. A Restauração fará parte desta busca de cientificidade. Paul Philippot,

(1925-2016), belga, doutor em História da Arte e Arqueologia, foi professor na Universidade Livre de Bruxelas, na Universidade de Roma e no ICCROM, vice-diretor e depois diretor, de 1959 a 1977, afirmou, por ocasião do *Congrès International de l'Histoire de la Restauration en Europe à Interlaken*:

O fator decisivo de ruptura é evidentemente o desenvolvimento da consciência histórica no senso moderno, uma postura distanciada do passado, recuperada racionalmente pelo pensamento histórico, que é crítico, e desta forma tende a objetivar, a ressaltar o monumento com uma visão diferenciada, como documento histórico. (PHILIPPOT, 1989, p. 7)

A análise de um objeto social concreto, o dossiê, dá suporte à análise de um campo nascido em meados do século XX. Os italianos se viram diante da destruição jamais vista de seu patrimônio, incluindo abalos sísmicos e inundações. E dedicaram meios técnicos, financeiros e administrativos para o ensino e formação de novos artistas, o que culminou na criação do *Istituto Centrale per il Restauro e la Conservazione*, em Roma, em 1939. Assim, estava sendo construído um saber teórico-prático, em consonância com a experiência metodológica da operação de Restauração da obra, o pensar crítico sobre o fazer, as consequências materiais das escolhas e suas dinâmicas de intervenção. (ÉTIENNE, 2012; HÉNAUT, 2011)

Neste momento importante, em que se reconhece que a obra traz uma mensagem, não apenas estética ou religiosa, mas também histórica e técnica, que inclui o contexto vivido é o reconhecimento de saberes expressos em muitos textos anteriores ao momento de seu reconhecimento.

Krikorian, destacando a construção conceitual de iconologia, iconografia, ao longo da história das ideias, que hoje, muitas vezes, consideramos tão modernos, ressalta que já foram pensados em algum momento anterior ao nosso conhecimento:

A iconografia é uma disciplina em si mesma na história da arte. Também é antiga porque remonta ao século XVI, com a obra de Cesare Ripa, iconologia sobre descrição da *Imagini universali cavate dell'antichità e da altri luoghi* (1593) Contudo, foi somente no início do século XX que os termos iconografia e iconologia assumiram seu significado atual, o de uma disciplina nas ciências humanas (Institutos de Warburg e Courtauld) É Erwin Panofsky (1892-1968) quem teorizará o método de Aby Warburg (1866-1929) Desde então, esse método tem sido o mais amplamente utilizado para interpretação iconográfica e, embora antigo e muitas vezes controverso, constitui a maneira mais clara de interpretar uma obra. (Krikorian, 2011, p. 1)

Ainda que concepção dominante, porém, não mais considerada capaz de abraçar todas as possibilidades da Conservação e Restauração, ainda é dominante e mais conhecida. A discursão aqui inclui a participação do criador artista na intervenção como, por exemplo, pinturas a óleo contemporâneas. De todas as definições, noções e princípios, o que seria melhor reter aqui é que todas estas definições são criadas e alteradas em diferentes momentos históricos da compreensão do que é Arte. Diferentes paradigmas de representação de uma atividade, e posteriormente da disciplina. Com suas “representações do real”.

A definição da atividade profissional e o seguimento do movimento, com a criação de cursos universitários de Restauração, não impedem que diferentes práticas existam e que suas bases sejam constantemente revisadas e debatidas. Fazem parte de eventos recentes, os encontros, sobre a musealização da arte contemporânea, a importância do aprendizado continuado, a ausência de debates e conhecimento das profissões ligadas ao patrimônio pela sociedade, o impacto negativo demográfico dos profissionais devido à falta de financiamento e orçamentos comprometidos e maiores exigências de exames científicos antes de qualquer intervenção.

As principais atividades em um laboratório de Conservação-Restauração de pintura, além da intervenção, podem ser resumidas da seguinte forma, de acordo com especialistas da área, identificados no final da relação em ordem de aparecimento:

- Estudos sobre o conhecimento histórico e técnico;
- diagnósticos para o conhecimento e caracterização dos materiais que constituem o objeto;
- estudos sobre diagnósticos e pesquisa de alterações químicas, físicas e biológicas;
- filosofia da percepção;
- pesquisa e reflexão sobre novos métodos de intervenção;
- pesquisa e desenvolvimento de novos métodos para aprofundar a investigação da obra;
- análise das características de novos produtos;
- estudo sobre as possibilidades do uso das propriedades macroscópicas e microscópicas;
- Revisão das formas de cooperação internacional;

- estudo para o conhecimento de mecanismos de deterioração da matéria;
- pesquisas sobre metodologias de restauração e avaliação de sua adequação;
- atividades de treinamento e ensino, em relação ao ensino científico;
- desenvolvimento de novos protocolos para maior segurança nas intervenções (eficiência, estabilidade, reversibilidade, toxicidade);
- análises do risco de toxicidade para o profissional e para o meio ambiente;
- divulgação de resultados de diagnóstico e pesquisa adquiridos em conferências, seminários, exposições, revistas especializadas e estrangeiras, livros etc.
- contribuições sobre ontologias para potencial implementação em sistemas homem-máquina, geração de linguagem, representação da informação e recuperação da informação.(WAINWRIGHT, 1989; NOVELLINO, 1988; BERGEON et al. 1997; LEVEAU, 2007; TEIXEIRA, 2010; FARGIER-DEMERGES, 2009; BOUJOUT, 2014; TOUILLON- RICCI, 2014; HOFFMAN, 2017; C2RMF, 2018;)

Uma das descrições mais conhecidas de competências exigidas, é a da última versão da definição de profissão do ICOM, no item treinamento e educação do Conservador- Restaurador:

Para estar em conformidade com as características e especificações profissionais[...],o conservador-restaurador deve receber treinamento artístico, técnico e científico com base em um ensino geral eclético e plural. O treinamento deve envolver o desenvolvimento de sensibilidade, habilidade manual, a aquisição de conhecimento teórico sobre materiais e técnicas e o rigoroso embasamento de metodologia científica para promover a capacidade de resolver problemas de Conservação-Restauração, seguindo uma abordagem sistemática, usando pesquisas eficientes e interpretando criticamente os resultados. (ICOM, 1984)

A lista de exigências cresce, aumentando o nível de qualificação, mas isto não resulta em uma valorização institucional e social. O relatório do Estado de conservação da obra, é inclusive citado, na insistência científica “valorizando o sistema de documentação como científico e rigoroso”, revelando a vontade de controle profissional sobre este instrumento de trabalho. (HÉNAUT, 2012)

Como está hoje a dinâmica profissional e corporativa no ambiente das instituições culturais?

De que maneira discurso, conhecimento, disciplina e campo se tornam suficientemente diferenciados e organizados a ponto de se transformarem em instituições distintas e influentes? De que modo podem exercer poder? De que forma seus criadores e elaboradores mobilizam recursos econômicos, políticos e sociais para sustentar seus empreendimentos? Quais são as instituições que selecionam e habilitam elementos particulares da “cultura”, a ponto de torná-los “capital” cultural (e humano)? Sugiro que o conceito sociológico convencional de profissão nos forneça um meio prático de responder a tais questões. Ele liga corpos de conhecimento, discurso, disciplinas e campos aos meios sociais, econômicos e políticos por meio dos quais seus expoentes humanos podem ganhar poder e exercê-lo. (FREIDSON, 1995, p. 1)

Escrevendo sobre a interdisciplinaridade na preservação do patrimônio cultural e a interdisciplinaridade, os autores Granato e Pinheiro ressaltam a importância da Filosofia e da Ética:

[...] As decisões envolvidas num processo de preservação são aspectos importantes que muitas vezes não são considerados em seus componentes subjetivos. Normalmente, são as ações mais objetivas, que envolvem metodologias de documentação, estudos sobre materiais componentes dos objetos e aqueles para utilização em procedimentos de conservação, estudos sobre o ambiente onde está o bem cultural e formas para seu controle, que são priorizadas. Já as discussões que fazem fronteiras com a Filosofia tem sido relegadas a segundo plano, mas são o embasamento sobre o qual se estruturam processos de tomada de decisão, tão frequentes e tão pouco analisados. (PINHEIRO; GRANATO, 2008, p. 34)

Reconceituações epistemológicas e metodológicas têm sido exigidas com a entrada das tecnologias de informação e comunicação TICs na documentação das atividades da Conservação-Restauração. Segundo Chabin (2002) professora de mestrado na *Université Paris VIII, Département Sciences de l'information et de la documentation*, costuma associar o termo de “não- arquivamento” para definir riscos associados às dificuldades da má gestão, relacionadas ao que ela chama de “tsunami digital” e de redes de informação e das polissemias existentes nas diferentes disciplinas.

Um olhar crítico sobre os desacertos técnicos cometidos no passado pelas antigas intervenções permitiu o delineamento dos grandes princípios da restauração. A exigência de estabilidade dos materiais utilizados no tratamento, a busca de produtos reversíveis que permitam mais facilmente uma intervenção no futuro, reconhece os riscos dos tratamentos e o princípio de intervenção mínima em respeito à integridade física da matéria original das obras.

Podemos encontrar uma combinada e ampla exigência para a formação, em diversos países, institutos de formação, mas o rol de competências elencados abaixo demonstram o que geralmente se espera da formação:

- conhecimento em História das Artes e Civilizações;
- compreensão do papel dos bens culturais na sociedade;
- conhecimento dos riscos dos bens culturais;
- conhecimento de métodos de pesquisa e documentação;
- conhecimentos de técnicas e materiais;
- conhecimento das teorias e ética da Conservação-Restauração;
- domínio de práticas aplicadas especializadas;
- conhecimento de antigos materiais e suas propriedades;
- conhecimento dos métodos de prevenção e riscos;
- conhecimentos de História e Tecnologia;
- compreensão sobre a filosofia da matéria e imagem;
- compreensão do comportamento histórico e de modernos materiais e sua influência dos fatores externos;
- capacidade para fazer julgamentos estéticos e éticos;
- conhecimento de Química, Física e Biologia da deterioração, e processos, humanismo e Ciências Naturais.(ICOM,1984; BERGEON et al. 1995, 1997; ENCoRE, 2001; TEIXEIRA, 2010)

Nos museus, os restauradores foram, durante muito tempo, identificados como artesãos e técnicos. E para muitos ainda são.

A política e as decisões no museu eram consideradas “negócio de connoisseurs”, de gestores, museólogos e curadores. E por considerar a regulamentação uma ação que visa a certo monopólio da atividade, Stan Lester (2000) compara com a Medicina e afirma que, no final, há um efeito positivo sobre a carreira do profissional. É importante lembrar, aqui, as contribuições teóricas da Sociologia das Profissões nas instituições de memória, em especial aquelas assinaladas no artigo sobre o esforço de regulamentação profissional (CLAVIR,1998; ÉTIENNE; HÉNAUT, 2012; HÉNAUT, 2008, 2009; LESTER, 2000)

Pesquisa sobre as mudanças da documentação da Conservação-Restauração e a transformação na transferência de informação gerada, não incluem apenas as exigências terminológicas, técnicas e recursos, mas também prudência política. A mudança dos paradigmas tecnológicos agregados aos produtos e as metodologias necessárias ao funcionamento cotidiano das entidades museológicas estão gerando dependências.

Automação de tarefas rotineiras é um desejo realizável nos museus do Brasil? Quem irá financiar a atualização constante de programas (software) e máquinas (hardwares) para ler os relatórios produzidos no formato digital? As instituições de memória, bibliotecas, arquivos por estarem circunscritos a um progresso tecnológico sem precedentes na história – pela velocidade na mudança dos suportes e equipamentos- quando das atualizações, tecnológicas e teóricas –, encontram-se assim assoberbados e precisando ser mais e mais automatizados, lidando inclusive com documentação híbrida. Os documentos digitais crescem em volume vertiginoso e são produzidos necessitando de tratamento técnico de preservação e de gestão de coleções. Hoje, a maior parte da documentação produzida nos serviços de restauração está em formato eletrônico. E ainda não existem critérios suficientes para estabelecer, com segurança, a questão da longevidade de obras em suporte digital. Uma resposta segura que vise à permanência física da documentação digital ainda reclama investimentos. A inadequação da velocidade de mudanças tecnológicas de instrumentos de registro e os recursos institucionais recebidos é claro, no Brasil. Muitos museus ainda não se deram conta do risco da curta duração de vida dos documentos digitais– aí incluídos os arquivos da restauração. Uma grande parte dos textos que consultamos sobre museologia e documentação não tratava da documentação da restauração. Em alguns havia ainda pouca menção ao termo. Além desta questão devemos considerar:

As dimensões culturais da globalização terão, de fato, ou melhor, já estão tendo, um impacto profundo na estruturação dos museus, assim como em operações diárias. Grandes questões sobre globalização, dominação ou assimilação cultural e a sobrevivência da diversidade cultural afetam políticas de museus para coleta e exposição. (YOUNG, 1999, p. 7)

É oportuno mencionar a preocupação e esforço do Instituto Brasileiro de informação em Ciência e Tecnologia, IBICT, com a preservação digital, constatados na sua rede Rede Cariniana de Preservação Digital, criada em 2013:

[...] surgiu no IBICT da necessidade de se criar um serviço de preservação digital de documentos eletrônicos com o objetivo de garantir o acesso continuado a longo prazo dos conteúdos científicos armazenados digitalmente no Brasil. A implantação da Rede está fundamentada em uma infraestrutura descentralizada, utilizando recursos de computação distribuída. Atualmente as atividades estão sendo desenvolvidas em parceria com onze instituições brasileiras de ensino e pesquisa e com a colaboração da *Stanford University*, *University of Edinburgh* e *Harvard University*. (IBICT, 2020)

Nos últimos anos, com a nova dinâmica de capital e renda, outro desafio se apresenta: as novas táticas econômicas e políticas do capitalismo internacional, o qual continua a intervir para a acumulação do capital. O economista Thomas Piketty, professor de Economia da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), reconhecido como um dos maiores estudiosos do capitalismo moderno, aborda a economia, incluindo as Ciências Sociais, e mostra como a lógica da economia internacional tende a desenvolver uma estratégia de reprodução do sistema em todas as esferas, que atinge o conhecimento e habilidades profissionais.

A contradição central do capitalismo: a lição geral de minha investigação é que a evolução dinâmica de uma economia de mercado e de propriedade privada, deixada à própria sorte, contém dentro dela importantes forças de convergência, ligadas em particular à difusão de conhecimento e habilidades, mas também forças de divergência poderosas e potencialmente ameaçadoras para nossas sociedades democráticas e os valores da justiça social em que elas se baseiam. (PIKETTY, 2013, p. 972)

Será que, hoje, as políticas de digitalização de coleções, por exemplo, serviriam para todos os países? De que maneira os museus lidam com as complexas interações existentes quanto ao controle da metodologia, a elaboração e preservação dos dossiês de Restauração de pintura? Sobretudo agora, com a nova documentação científica em formato digital. Hibridismo de suportes e polissemia de termos. Será que, ainda dentro de um plano de internacionalização do capital, teríamos uma nova vertente de dependência? O professor Daniel A. Holly, ao apontar o papel da UNESCO, organização intergovernamental do sistema das Nações Unidas, que apesar de não ter poder sobre as legislações nacionais, interfere por meios diplomáticos e de pressão política, no processo de internalização do capital e da produção, e tem um impacto certo afirma: “Ora, nós sabemos que hoje a transferência de tecnologia é um meio de dominação, assim como um caminho de internacionalização de capital”. (HOLLY, 1981, p. 143)⁹

A questão de saber se a política acompanha o movimento de globalização é uma das principais questões que nossas sociedades terão de abordar se quiserem assegurar a viabilidade e a funcionalidade da “aldeia global”, bem como o surgimento de um cidadão, do mundo, que se sinta ao mesmo tempo participante e responsável (no social, ecológico, cultural...) se é que este cidadão possa existir. Certamente, o desafio é significativo e as questões importantes. (ANADÓN; GOHIER, 2001, p. 24)

⁹ O professor Holly comunica por e-mail, à autora deste texto, que a continuação deste estudo foi proposta pelo então presidente da Unesco, logo após a publicação do livro. (2014)

Como bem percebido por Noémie Étienne, na conclusão de seu livro sobre a história da restauração de pinturas, “a visibilidade das intervenções possui de forma clara um caráter político para a instituição”. (2012, p.265)

Mesmo no Canadá, um dos oito países mais ricos e industrializados do mundo, tem se acentuado a pressão sobre os orçamentos dos museus. Jonathan Paquette, professor de Administração Pública na Escola de Estudos Políticos da Universidade de Ottawa, que se interessa pelas organizações culturais e carreiras no domínio cultural, assim exprime os desafios do autofinanciamento em museus:

Para as instituições públicas culturais, como museus, bibliotecas e arquivos e sítios patrimoniais, estes objetivos de rentabilidade econômica são um desafio, assim como uma nova lógica cultural, modificando de certa maneira suas missões públicas tradicionais. (PAQUETTE, 2010, p. 376)

A infraestrutura documental da instituição, sua política cultural, os orçamentos participativos e questionamentos sobre os jogos de poder que influenciam as decisões internas, criando tendências por interesses pessoais ou de departamentos, apontam mais e mais para a evidente necessidade da colaboração entre diferentes domínios profissionais. À medida que os movimentos positivistas e científicos se desenvolveram nos séculos XVIII e XX, entramos no século XXI com as especializações, disciplinas que trabalham com museologia, arquivos, documentação, restauração, tornando a busca pela independência cada vez maior dado, que somente sendo consideradas como disciplinas autônomas, poderiam ter suas prerrogativas profissionais garantidas, incluindo estabelecimento de garantias de contratação, fortalecimento das regras de hierarquia entre técnicos e experts, a regulamentação de um território que delimite o universo de atuação é um caminho para possibilitar a cooperação sem receios segundo especialistas das sociologia das profissões. (ABBOTT, 1988; MACHADO, 1992, HÉNAUT, 2008, 2009, 2010, HÉNAUT; ROUAULT, 2016) Ainda que profundamente relacionados todas à memória e ao patrimônio, todos também existem como espaços políticos de profissionalização e mercado, onde a necessidade material existe, especialmente no museu público, local privilegiado de nossa pesquisa. Antiquários e galerias seguem outros caminhos de sobrevivência.

Temos assim, de um lado a ampliação do conhecimento técnico-científico no estudo dos objetos na restauração indo em direção a um trabalho mais interdisciplinar, porém, raramente colocado em questão e, de outro, a responsabilidade da produção do dossiê, com suas zonas de sombra documental.

Partindo dos pressupostos defendidos por González de Gómez (1996), com as implicações problemáticas das disputas de espaços disciplinares, acrescenta-se os novos contextos de informação e comunicação da sociedade moderna, como grande produtora de conhecimentos e informação:

a sociedade contemporânea grande produtora de metainformação: conhecimentos, procedimentos e metodologias que colocam como objeto a própria informação. A polissemia dos discursos e o polimorfismo das mensagens, que dão existência social aos saberes- agrega-se a polifonia das organizações e empresas agindo num plano diferenciado, disputam a interpretação pública do escopo, do alcance, da abrangência de uma área do saber. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1996, p. 3)

Especificamente para bens culturais, o ímpeto de desenvolvimento tecnológico produzido na segunda metade do século XX teve impacto também na Conservação-Restauração de pinturas, oferecendo aos profissionais deste setor inúmeros instrumentos para análise, diagnóstico e tratamento de bens culturais. (COREMANS, 1961; DOUET et al. 2016, HOFFMAN, 2017) A existência das possibilidades de diferentes configurações usadas para as análises científicas sobre a pintura através de suas técnicas de execução e detalhes de deterioração, não devem ser isentas do contexto econômico, social e político do país onde são implantadas as exigências metodológicas. Imprescindíveis pelos países ricos, é suprimido em relatórios, as enormes dificuldades de países periféricos, em comprar até mesmo um microscópio eletrônico binocular para os laboratórios. Lembremos aqui da citada “invisibilidade abissal” de que nos fala Boaventura Santos (2019) Evidente que, tal como observado com frequência nas contradições da história econômico-política relacionada ao investimento em educação e cultura, isto não se dá sem grandes problemas, lutas e dilemas. Um país com o desenho educacional da periferia capitalista, deve ser levado em conta. Todavia, não podemos negar que o uso da tecnologia, as condições de circulação de conhecimentos científicos na era digital, na documentação das obras e métodos das ciências, múltiplos dispositivos de circulação em projetos de Conservação e Restauração crescem progressivamente com o aprimoramento das técnicas e a ampliação das possibilidades oferecidas. (LEFEBRE,

2016) No referido período histórico, da metade do século XX em diante, começam a se fazer sentir modificações não decididas apenas pelo progresso tecnológico, mas também pela influência dessas alterações do campo de atividade profissional com que os conservadores-restauradores, museólogos, conservadores, curadores de arte, cientistas, com critérios profissionais para a Conservação-Restauração de bens culturais impactam no setor.

Se temos agora uma documentação e experiência acumulada na atividade, o impacto da profissionalização, sobre a Conservação das obras no museu e as reivindicações de valorização das atividades são dinâmicas estudadas principalmente pela Sociologia do Trabalho. (HÉNAUT, 2008, 2009, 2016) HÉNAUT, por exemplo, exprime as controversas relações que se dão nas instituições, implicadas no mesmo campo de atividades, e considera os dois importantes pontos que intervêm na construção das dinâmicas profissionais: as instituições e as lutas profissionais. (2010)

Ainda lutando por reconhecimento profissional e escapando do preconceito que os mantém como trabalhadores manuais dos museus, os conservadores-restauradores reivindicam participação nas decisões e experiências do dia a dia do museu. Sobretudo com a convergência de documentação e os novos sistemas informacionais, ampliam-se as contradições de hierarquias nas decisões. Na documentação trata-se também de poder. Sylvie Guignon (2009), professora da *Université Laval*, em artigo sobre a Sociologia das Profissões, cita Hughes (1972), que examinou as condições da reprodução e criação das organizações que estruturam o mundo do trabalho, negando que sejam o resultado de uma ordem racional escatológica, natural, mais sim uma consequência do ajustamento de processos sociais advindos da interação de atores sociais nos meios determinados.

A perplexidade que desperta a questão de compromissos e responsabilidades, relacionada à elaboração do dossiê de Restauração, torna-se assim, indagações e reflexões advindas na observação cotidiana, sobre a difusão de conhecimento nas existentes, possíveis e necessárias conexões interdisciplinares, nacionais e internacionais da Conservação-Restauração no mundo dos museus na realização deste documento de registro de atividades de intervenção.

A Conservação e Restauo é uma disciplina baseada em conhecimento científico e humanístico com o propósito de preservar de modo sustentável a integridade física e a história do patrimônio cultural estendendo a sua vida sem

comprometer a sua autenticidade, o seu valor intrínseco e o seu significado. Caracteriza-se ainda pela integração de conhecimentos teóricos e aptidões práticas, e pela capacidade de avaliar sistematicamente as questões éticas e estéticas. (BORGES, 2019, p.12)

Os pensadores mais importantes que escrevem no contexto posterior às depredações da Revolução Francesa serão, entre outros, Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879), John Ruskin (1819-1900), Alois Riegl (1858-1905) e Camilo Boito (1835-1914) e Cesare Brandi (1906-1988)

Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc¹⁰, arquiteto francês, com uma produção literária enciclopédica, John Ruskin, professor de arte britânico em Oxford, crítico de arte, com uma abordagem considerada a mais conservadora e romântica pelos estudiosos, foi um pensador que utilizou de sua prática como inspetor dos monumentos históricos na França para falar sobre o respeito total à pátina. O conflito de Viollet-le -Duc e Ruskin é resumido por Laurent:

Ela cristaliza assim a controvérsia entre os arquitetos Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc e John Ruskin. O primeiro entendendo que graças a uma gramática de estilos arquiteturais e que por analogia, tenta recuperar a unidade estilística do monumento. Assim para ele, restaurar um edifício não é lhe manter ou reparar ou refazer, mas restabelecer em um estado que pode jamais ter existido em um dado momento. Ruskin, denuncia esta proposição afirmando que a autenticidade da obra reside na sua matéria e que toda modificação abdica assim de sua autenticidade. Duas concepções contrastadas, uma sustenta a intervenção ainda que fortemente pesquisada e documentada, outra insiste sobre o respeito da marca do tempo que faz parte da história da obra. (LAURENT, 2005, p. 21, tradução nossa)

O texto de Alöis Riegl, historiador de arte de Vienna, com a obra, “O culto moderno dos monumentos: sua natureza e suas origens”, será o primeiro especular sobre os motivos da popularização do patrimônio no ocidente, tendo em vista sua apreciação como cultura de massa na dicotomia entre a atração pelo novo e o sentimento pelo antigo. Abre caminho para pensar que uma obra possa se tornar monumento no futuro, ainda que não tenha sido inicialmente destinada a ser um monumento naquele período (VLADOVA, 2017)

Camilo Boito, professor da academia de Letras, Ciências e Artes, Brera de Milão, uma das mais antigas da Itália (1776), historiador de arte e arquiteto, inaugura nestas

¹⁰ Todas as obras disponíveis em: The Internet Archive. Viollet-le-Duc. **Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle**. 10 vol. Universal Digital Library Disponível em: <<https://archive.org/details/raisonnedelarchi01viol/page/308>> . Acesso em: 9 maio 2019.

controvérsias, a dialética dos discursos sobre as teorias e discursos, compõe de maneira a reforçar o registro das obras, documentando antes e depois da intervenção, com o máximo de descrições.

Cesare Brandi (1906-1988), jurista, crítico de arte, professor universitário, considerado o teórico da Restauração, tem seus postulados condição para a intervenção em todas suas vertentes, tem suas ideias assim analisadas por KÜHL:

A reflexão de Cesare Brandi manifesta uma dívida implícita para com a contribuição teórica de Alöis Riegl, mas se nutre, sobretudo, dos aportes—convergentes nos temas da Conservação e no entanto, em si, plenamente autônomos—da experiência crítica pessoal do autor e da sua pesquisa no campo estético. De todo modo, nos enunciados da Restauração entendida como “ato de cultura” (Renato Bonelli) e ainda nas afirmações do “restauro crítico” (Bonelli e Roberto Pane) desenvolvidos na Itália, sobretudo em âmbito arquitetônico, aproximadamente de meados do século XX em diante, reconhecem-se posições espontaneamente concordantes que encontraram, no pensamento brandiano, motivos de confirmação e de ulterior alargamento conceitual.(KÜHL, 2016, aspas da autora)

Intervenções diferenciadas aparecem com as reflexões de Cesare Brandi, que escreveu as bases do que se tornará o texto teórico fundador mais importante. A Restauração passa a ser uma intervenção com princípios filosóficos, procedimentos e métodos, valorizando as múltiplas possibilidades de interpretação como obra de arte. Segundo Brandi (2000), a Restauração não deve negligenciar o “restabelecimento da unidade potencial da obra de arte”, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico (inserção) para um falso histórico (reconstrução criativa), reconhecendo o traço da passagem do tempo na obra de arte. Controvérsias à parte, os discursos sobre o pensamento de Brandi excedem os limites desta tese, mas não podemos deixar de incluir sua contribuição, pincelando sobre o axioma de muitas conferências e publicações.

Assim define Brandi a Restauração de obra de arte: “A Restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e sua dupla polaridade, estética e histórica, com vista a sua transmissão às futuras gerações”. (BRANDI, p. 30) Esta possível simplicidade de citação, que movimenta a Conservação-Restauração, ávida por um corpus teórico, traz no bojo complexas dinâmicas até hoje não resolvidas, sobre um vocabulário denso com original italiano, que muitos consideram “obscuro e contraditório”.

Lembremos que a Carta de Restauro Italiana tinha sido lançada em 1931. Produzindo seus trabalhos em instituto dedicado à pesquisa, *L'Istituto Centrale per il restauro* (1939), em Roma foi criado sob a influência de Giulio Carlo Argan, historiador de arte e político, em Roma. Se no renascimento, a relação era de continuidade e recuperação de áreas perdidas, com a reflexão e proposta da “a inserção do novo no velho” (1937), de Brandi traz a problemática da intervenção técnica. Uma série de encontros consagrados aos cem anos de nascimento de Brandi, em todo o mundo, demonstrou a influência que seu pensamento ainda exerce sobre os discursos da Conservação-Restauração, (AHAA-ULB, 2007) No Brasil foi celebrado, em 2006, o “Seminário de Estudos sobre Cesare Brandi: a Teoria da Restauração”, no âmbito da disciplina de pós-graduação, Metodologia e Prática da Reabilitação Urbanística e Arquitetônica, sob responsabilidade de Beatriz Mugayar, na FAU-Maranhão. (KÜHL, 2007, p.1)

Sobre os processos de transferência de informação na restauração e domínio dos países que tem capacidade de certificação, Paul Philippot (1925-2016), escreveu uma tese sob a direção de Germain Bazin, então curador do Museu do Louvre. Durante 40 anos, contribuiu para a teoria da Conservação-Restauração. Além de importante figura de instituições de Conservação na Europa (UNESCO, ICOM, ICR, ICCROM etc.), incluindo a direção do *The Royal Institute for Cultural Heritage* (IRPA), Philippot foi considerado o melhor intérprete de Cesare Brandi. Sua carreira logo se tornou internacional; sob a liderança de Paul Coremans, fundador do IRPA (*Institut Royal du Patrimoine Artistique*) Philippot colaborou, ainda, com o *Istituto Centrale del Restauro*, em Roma, e os círculos do IIC (*Instituto Internacional para a Conservação*), ICOM, e ICCROM (Centro Internacional para Conservação) Roma. (STONER, J. H; VERBEECK-BOUTIN, 2017) Influente, no final da década de 1970 Paul Philippot retornou a Bruxelas, onde lecionou na universidade, enquanto ainda participava como especialista sempre presente em muitos projetos financiados por importantes organizações como a UNESCO.

Philippot, citado por HÉNAUT (2011), durante um congresso reunindo conservadores europeus, em 1966, merece especial destaque. Entre outras afirmativas destacamos:

O historiador de arte deve intervir para manter a base das operações de restauração o problema crítico que lhe confere sua significação real. O

historiador deverá representar a consciência histórica e crítica, **que por razões evidentes de formação**, costuma fazer falta ao técnico, restaurador, artesão, arquiteto e ao cientista. (PHILIPPOT, apud HÉNAUT, 2011, p. 80, negrito nosso)

Neste contexto, há que se citar Frossard:

[...] ora, esquecemos ainda frequentemente que a dita ciência não é grande coisa sem a presença do restaurador, que observa em escala macroscópica e contextualiza a análise microscópica, e do Historiador de arte, que pelo conhecimento que tem da história da obra desde sua criação, alimenta o trabalho científico, o orienta e aumenta sua confiabilidade. (FROSSARD, 2011, p. 8)

No século XX, especialmente as pesquisas sobre restauração seguiram orientações distintas: uma ligando os trabalhos de Camilo Boito aos de Cesare Brandi e a outra, belga, que visava criar uma “teoria da Restauração” através de Brandi para o uso prático na Restauração. (ÉTIENNE, 2012) Dada a quantidade de monumentos na Itália, assim como sua abundância de conjuntos históricos e artísticos, foi favorecida a discussão sobre a questão dos objetos de patrimônio. Ressaltamos Gustavo Giovannoni (1873-1947), arquiteto e engenheiro, especialmente sua participação na Carta de Restauo Italiana (1932) e Giovanni Carbonara (1942) arquiteto italiano, com contribuições teóricas importantes, nos permitem avançar no conhecimento da singularidade na intervenção.

Restauração significa qualquer intervenção destinada a preservar e transmitir ao futuro, facilitando sua leitura e sem apagar os traços de sua passagem no tempo, obras de interesse histórico, artístico e ambiental; baseia-se no respeito à substância antiga e na documentação autêntica constituída por essas obras, propondo-se também como um ato de interpretação não-verbal mas crítica, expresso em termos concretos para intervir. (CARBONARA, apud SERRAU, 2010)

Apesar das grandes transformações passadas pela Conservação-Restauração ao longo do tempo, a formação da prática científica, a combinação de procedimentos e disciplinas, de intervenção, as questões permanecem:

Os conservadores-restauradores são frequentemente confrontados com objetos que foram restaurados no passado. Mais a obra tenha sido exposta ao público, mais probabilidade que tenha sido submetida a intervenções importantes ao longo de sua história. Como gerar estas intervenções à obra e os acréscimos efetuados pelos predecessores? Deve ser mantida a todo custo? É suficiente documentar antes de eliminar os acréscimos e assim se aproximar do estado original? Quais são os problemas criados pelas intervenções precedentes? Como reconstituir a história da Restauração de uma obra na ausência de documentação? (ASCR, 2019, p. 2, tradução nossa)

A ideia de um avanço tecnocientífico para resolver os problemas da restauração é reflexo da criação dos laboratórios e dos discursos positivistas que marcam este período. Segundo Coremas¹¹, (1906-1965) pesquisador belga, doutor em Química, primeiro diretor do *Royal Institute for Cultural Heritage*, a situação da restauração de quadros se modifica quando da emergência da responsabilidade dos museus e da institucionalização do ensino, a inserção das áreas de Química e de Física e a “nova direção” devida às ciências naturais, a publicação de artigos e estudos especializados no entre guerras. Para o autor:

[...]a situação melhorou um pouco quando os museus tomaram conhecimento de suas responsabilidades, incluindo a preservação dos objetos culturais que lhes foram confiados; quando os currículos universitários incorporavam a História da arte que gradualmente substituiu equipes de estudiosos profissionais por amadores esclarecidos. [...] Laboratórios em museus funcionam desde 1919. [...] assim, a partir de seu empirismo inicial, a restauração de pinturas antigas progride gradualmente, primeiro como artesanato, unicamente através dos esforços do restaurador. Então, a partir de sua colaboração com as bases e a comprovada experimentação, dos químicos e físicos dos museus, a ciência da restauração nasceu com teorias mais sólidas. Longe de diminuir a contribuição do profissional (a restauração nunca será obra do cientista de laboratório), oferece o apoio de uma ciência experimental e indutiva. (COREMANS, 1996, p. 433- 434 parágrafos do autor)

Leveau (2018), faz parte da corrente que questiona a situação de dilema em que se encontram conservadores-restauradores contemporâneos, entre a deontologia e as enormes exigências cotidianas da formação e as dificuldades relativas à queda do preço dos serviços, no mercado privado e público, a realidade econômica difícil marcada pelo aumento do número de profissionais desempregados¹², com a situação profissional não regulamentada, acrescente-se o tempo de realização dos contratos ditados por contratantes.

As críticas produzidas pelo grupo de trabalho do Ministério da Cultura francês sobre os restauradores geral ressaltam o fato de que são “por demais intelectuais, não conhecem suficientemente as técnicas para intervir, opõe o intelecto, a Filosofia em

¹¹ Para a biografia de Paul B. Coremans, ver: Royal Institute for Cultural Heritage. Disponível em: <<https://www.monumentsmenfoundation.org/the-heroes/the-monuments-men/coremans-paul-b.>> Acesso em: 12 set. 2019

¹² Durante a estada no C2RMF e a participação nos encontros semanais entre técnicos, estudantes e palestrantes, a autora desta tese encontrou alguns alunos do *Institut du Patrimoine*, e da *École du Louvre*, que estavam inscritos para fazer prova para os “Correios” da França.

relação a habilidade manual”, finalizando com a seguinte afirmativa de que modelo de formação é “demasiado teórico”. (LEVEAU, 2018, p. 24)

Leveau usa a expressão “rebaixamento intelectual” para se referir a estas críticas que, segundo sua visão, refletem um obscurantismo que considera o intelecto, o pensamento, a filosofia, como não legítimos na atividade da Restauração. E pergunta: “De onde vem tanto ressentimento? Reproduzimos, abaixo, o relatório de 2017, citado por Leveau, assinado pelo Ministério da Cultura francês¹³ com o título: A missão dos museus do século XXI:

Os restauradores do patrimônio também são uma profissão em crise. Os restauradores ficam presos entre a cruz e a espada. Eles têm uma posição bastante exigente: as instituições não lhes dão o lugar que eles acham que deveriam ter. As Instituições públicas contratantes, às vezes pedem serviços relativamente simples: esses contratantes não acham necessário que as pessoas procuradas tenham se formado no mais alto nível (INP, École de Tours, etc.)[...] Eles não são os “cabeças” dos projetos de Restauração de obras de arte. Mas, sem ir tão longe quanto a tornarem-se servidores públicos, os grandes museus ganhariam em criar serviços de Restauração internamente. Alguns conservadores pensam, no entanto, que esta solução não está isenta de perigo [...] O aumento do nível dos restauradores é globalmente muito satisfatório, mas seu reconhecimento como um parceiro científico e não como um prestador de serviço deixa ainda a desejar. (MCF, 2018)

Este texto é assim interpretado por Leveau: quem pode de forma séria acreditar que uma nova geração de conservadores-restauradores deve pensar e ter menos ideias? (LEVEAU, p. 26)

Se a institucionalização da atividade e o tratamento de acervo público criaram estímulo à expansão da profissão, também representam, como anteriormente afirmado nesta pesquisa, rivalidades que aparecem com a disputa profissional que, muitas vezes, cria impasses na execução dos trabalhos e nos campos de atuação. Segundo Poulot:

[...] a perspectiva ‘acadêmica’ em matéria de patrimônio assimila-se com frequência a uma relação de expertises contraditórias sobre tal ou tal iniciativa de proteção ou restauração. A história da administração cultural por mais livre que seja da argúcia de militâncias contrariadas, é constantemente vitimada pela diversidade dos campos de intervenção, das competências que deve dar conta: é um espelho das divisões entre disciplinas especializadas (2008, p. 27)

¹³ Ministère de la Culture. France. Rapport de la Mission pour les musées du XXI^e siècle, Vol. II : Rapports des groupes de travail, février 2017, p. 99-100.

Sobre a ampliação do mercado de Restauração, que para alguns foi o aparecimento de técnicas específicas, e a disputa entre ateliês com o crescimento das coleções, para outros foi o aparecimento das coleções públicas.

Gilberte Émile-Mâle, (1912-2008) trabalhou junto a Germain Bazin¹⁴, (1950-1965) então chefe de Departamento de Pinturas do Museu do Louvre, onde depois ela se tornou a chefe do Serviço de Restauração no mesmo Museu. Figura excepcionalmente extraordinária na restauração do patrimônio, ela trabalhou no museu de 1950-1980, sendo autora de vários textos relacionados à história da restauração de pinturas. Conhecida por suas exigências de registro de intervenção, foi a primeira a solicitar um dossiê completo de fotografias com diferentes ângulos, sob distintos raios luminosos¹⁵, que incluía uma amostra da matéria da camada de pintura para estudo estratigráfico.

Para Émile-Mâle, (2001, 2008, p.36) foi na metade do século XVIII que a orientação decisiva aconteceu. A descoberta da transposição do suporte de pintura irá provocar o aumento de preços e, com a disputa no mercado de ateliês, as críticas de personagens poderosos sobre as restaurações. Estas críticas levaram à “obstinação” do segredo do procedimento pelo então restaurador de quadros, Robert Picault, que trabalhava com a coleção do rei. Sob o antigo regime não reverenciávamos as pinturas antigas com o respeito quase “religioso que nos lhe dedicamos hoje”. Considerávamos tudo como parte do mobiliário, alongando ou diminuindo quando necessário, para adaptar de acordo com o lugar que ocupariam. A pintura era feita para a moldura e estava assim subordinada a suas exigências. (ÉMILE- MÂLE, 2001, p.52-56)

Para a autora, o pilar da especialização inclui uma disposição menos arbitrária e mais racional, construindo assim diretrizes e estruturas, com a história das comissões artísticas revolucionárias, e as disputas de mercado entre restauradores e pintores. A ocupação dos prédios reais aumentou o prestígio por serviços executados, incluindo os

¹⁴ Ver: a trajetória de Bazin e a influência no Brasil: URIBARREN (2018) “Considerado por Rodrigo Melo Franco de Andrade como “o eminente historiador e crítico de arte [...] observou, com fundamento, [...] as manifestações mais barrocas da arquitetura do Brasil”, o historiador francês coadjuvou para cancelar mundialmente aspectos fundamentais dos discursos do instituto do Patrimônio Histórico e artístico nacional (IPHAN) ”[...]. Germain Bazin e o IPHAN: redes de relações e projetos editoriais sobre o barroco brasileiro. Maria Sabina Uribarren. *Rev. CPC*, v.13, n.25 especial, p.108–134, jan./set. 2018. Bazin, (1967), inclusive retrata em sua obra, sobre o museu, coleções nos templos gregos e dos príncipes do oriente. II A. C , as operações de manutenção dos objetos, com inclusive, inventários e reformas.

¹⁵ Para um trabalho aprofundado ver: MARSAC, J. *Les techniques d'imagerie scientifique appliquées aux peintures en 2007-2009 au C2RMF*. *Techné*, 2009-10, n° 30-31, p. 76-81.

realizados para a Superintendência de Construções Reais, entre as quais Versailles, que aumentava os preços e garantia até mesmo pensão e rendimentos para restauradores.

A preocupação dos diretores gerais responsáveis, incluindo o nome de Conde d'Angiviller, “deve ser dado em honra de terem sido os precursores da restauração moderna digna deste nome, que não admite mais o mistério”. (ÉMILE-MÂLE, 2001, p. 233)

Assunto também abordado por Étienne, que abrange o mundo da Restauração de quadros, as críticas sobre os trabalhos de Restauração crescente na esfera pública entre 1750-1815 eram “debates recorrentes sobre o estatuto dos restauradores, polêmicas que tocam especialmente certas restaurações excepcionais, ou ainda o aumento das exposições em Paris (ÉTIENNE, 2012, p. 267)

Esses acontecimentos públicos de exposição e arte, participam também do contexto do desenvolvimento da história do conhecimento europeu que Burke (2003) chama de : “identidade coletiva para os letrados”: o desenvolvimento de comunidades intelectuais, o surgimento das organizações de fomento, dos institutos de pesquisa. Este conjunto de termos, “busca”, “investigação”, “pesquisa”, “notações”, “história”, “arte” e “ciência”, junto com os compiladores, experimentadores e intérpretes, escritores, são os “mercadores da luz”, (BURKE, 2003, p. 47) Seguem na direção de um crescente conhecimento exigido “sistemático, profissional, útil e cooperativo”, com o interesse em relatar, de forma estruturada, descobertas, ideias, “resumir e metodizar” onde os procedimentos técnicos de Restauração não estavam excluídos.(BURKE, 2003, p.48-49)

Burke, inclusive nos lembra que embora os artistas continuassem a receber boa parte do seu treinamento em ateliês, a construção deste corpo de conhecimentos começou a se estruturar de forma escrita e formal. As academias no século XVIII, universidades, assim como organizações menos formais como “o salão e o café” desempenharam um papel no período em que era encorajada a “ discussão das notícias” e o surgimento do que muitas vezes é chamado opinião pública. O amadorismo da curiosidade intelectual vai cedendo para sociedades de pesquisa, jornais, periódicos, obras de referência, obras especializadas, dicionários históricos e técnicos, serviços postais e a imprensa. (BURKE, 2003, p.51; CRONIN, 2014, p. 4)

As coleções já cresciam desde o século XVI. Entramos assim na sociedade do interesse dos objetos, o “objeto como paixão”, “objeto amado” como nos fala Baudrillard:

“A exigência a qual respondem os objetos antigos, é aquela de um ser definitivo, um ser realizado”. (BAUDRILLARD, 1968, p.106) Assim, “o fetichismo é o mesmo: no limite, todo objeto antigo é belo simplesmente porque sobreviveu e torna-se assim signo de uma vida anterior. (BAUDRILLARD, p. 117)

E no que concerne a este movimento, o acúmulo de objetos, monumentos e livros, contextualizando por um viés mais profissional, podemos ligar ao plano técnico e político da exigência de identificação dos procedimentos exercidos sobre a obra, retratando um pensamento mais metódico sobre a proteção do patrimônio cultural material, que começa a ser organizado. Segundo Motta e Rezende :

Os inventários estão na origem da constituição do campo da preservação do patrimônio no século XVIII no contexto da construção dos Estados Nacionais. Surgiram como modos de produzir um novo saber, por meio da coleta e sistematização de informações obedecendo a determinado padrão e repertório de dados passíveis de análises e classificações, e se constituem até hoje como instrumentos de identificação, valorização e proteção dos bens como patrimônio cultural. (MOTTA; REZENDE, 2016, p. 1)

Ainda que não seja nossa intenção entrar no terreno do conceito de patrimônio, a abordagem que inclui este conceito nesta pesquisa reivindica a definição de Dominique Poulot, para quem o patrimônio se inscreve dentro da história social material dos objetos e das coisas. Assim como de seu emprego e sua interpretação. Indo de encontro a uma sociedade de consumo, no século XVIII ligada a memória coletiva, de lugares e objetos.

Não desprovidos de interesses políticos, de emblemas e representações simbólicas, muitas vezes conflitantes, nem sempre consciente, nem sempre expressão de todos na sociedade. (POULOT, 1992) O patrimônio é uma construção histórica, jurídica, política e cultural herdada e devemos refletir sobre seu valor

O fato patrimonial toca a três questões: aquela do destino geral das obras e dos objetos materiais, aquela da representação de uma coletividade e enfim aquela da hermenêutica ou da interpretação do passado. Assim, sua História deve reunir tradições realmente diversificadas, a fim de esclarecer o fundamento das políticas de salvaguarda, as transformações dos estereótipos identitários, desdobramentos das reflexões sobre autenticidade? (POULOT, 1992, p. 2)

No conjunto de dinâmicas, como uma explicação da inter-relação entre as diferentes disciplinas que contribuem nesta pesquisa, a pragmática é ferramenta, onde contextos nacionais delineiam possibilidades e limites de uma economia periférica em

um mundo globalizado capitalista. Nesta direção, quem contribuiu para nos ajudar a pensar o **museu** foi Élise Dubuc (2011), com o conjunto das oito metafunções, conforme elencados a seguir:

Conservação Cultural, Social, Econômica, Científica, Política, Educacional e Simbólica. As oito metafunções descritas pela professora de Museologia na pós-graduação, *Faculté des Études Supérieures, Université de Montréal*, Departamento de História da arte e Estudos Cinematográficos, constituem nossa escolha para compor o quadro teórico com os argumentos de interdisciplinaridade.

Um reexame do status do objeto empurra o museu para além de seus limites tradicionais. As lições a serem aprendidas para fins de ensino são que devemos dedicar esforços ao desenvolvimento futuro. Isso é necessário para manter a relevância em nossas sociedades contemporâneas, ancoradas em especificidades locais, mas certamente não menos globalizadas. Os museus devem refletir essas realidades, não apenas concretas substância, mas também por sua própria natureza e representatividade - antes de tudo, por seu pessoal. Concomitantemente, os programas de estudos em museus devem se expandir para atender a um público mais diversificado. **O perfil dos estudantes de museologia tende a assemelhar-se à imagem clássica dos visitantes do museu, que são principalmente educados, femininos e de classe média ou alta.** Para estender a clientela do museu, é preciso também ampliar os programas de estudos do museu para incluir estudantes de um amplo espectro de culturas, conhecimentos e experiências. Também devemos reconhecer os avanços da museologia praticados por culturas não ocidentais. Devemos ensinar a produzir mudanças e também ensinar a compreender. (DUBUC, 2015, p. 506-507, negrito nosso)

A mesma autora ressalta a progressiva autonomia dos programas de museologia na academia, notadamente com o desenvolvimento de estudos doutorais, assim como mais necessidade de repensar e inserir a interdisciplinaridade na definição do papel e nas funções do museu. O fato é que Dubuc, dedicada principalmente aos estudos de museologia e da profissionalização no meio museológico, clama por um entendimento mais amplo e de compromisso social. “Os desafios que os museus enfrentam afetam também os programas. E pergunta: estamos ensinando na intenção de reproduzir o *status quo*, ou na intenção de provocar mudanças?” (DUBUC, 2015, p. 497)

Um extensivo conhecimento da natureza de complexos materiais e o histórico dos objetos culturais são necessários para um exame atento, um tratamento eficiente e uma documentação responsável. O estudo direto de pinturas, combinado com análises científicas provém informação técnica que permite singulares intervenções em diferentes tipos de materiais que compõe uma obra, assim como, estudos combinados de Arte-

História permite a reconstrução dos métodos de pintura necessários para Restauração. (NADOLNY et al, 2012, p.3) Existem substanciais fontes que sobreviveram e que são importantes para o estudo do que chamamos História da Tecnologia da Arte¹⁶.

A autora ressalta em seu texto do uso do microscópio, a conexão com a análise de material em pinturas desde 1834, e sua importância para as análises da História da arte. (STONNER, 2015, p.3)

Périer-D'Ieteren, professora na *l'Université Libre de Bruxelles*, também preside uma fundação de Arte e Patrimônio, em seu nome. Ela reivindica a importância de estudos de doutorado para restauradores, aumentos nos investimentos dos projetos de Conservação-Restauração e advoga para o reconhecimento e importância da atividade o mesmo caráter de importância equivalente aos dos Historiadores de Arte nos museus:

Ainda que tenha melhorado, precisamos reconhecer que ainda hoje o historiador de arte não considera sempre o “vivido” pela obra para analisá-la e, em geral, não solicita a ajuda do restaurador para melhor compreender seu estado material, e assim melhorar suas hipóteses de trabalho. (PÉRIER-D'IETEREN, 2012, p. 336, aspas do autor, tradução nossa)

Estas fontes de informação de tecnologia na arte chegaram até nós por meio de antigos instrumentos e materiais, documentos visuais, fontes textuais de várias formas. Agora até mesmo com entrevistas. Stonner em seu artigo nos conta de forma muito especial este evento no qual descreve a ideia de Gettens:

No início de 2015, aconteceram 295 entrevistas com conservadores pioneiros, cientistas da Conservação e historiadores de arte ligados ao arquivo de História Oral da *Foundation of the American Institute for Conservation*. Em 1974, Rutherford John Gettens, um dos cientistas pioneiros em Conservação da América, que trabalhou no laboratório técnico original do Museu de Arte de Fogg, falou no Instituto Americano para Reuniões de Conservação em Nova York: “Para chegar ao ponto rapidamente, acho que se deve começar a pensar em coletar material para uma história de Conservação de bens culturais.” Ele continuou comentando: “O conhecimento do início e do crescimento de nossa profissão é necessário para os programas de treinamento em Conservação de arte”. Realmente não seríamos uma profissão sem um histórico gradual de crescimento”. Gettens enfatizou a necessidade de registrar lembranças pessoais, anedotas e ações informais que unissem “eventos sérios”. Após a reunião, ele foi para sua casa de verão e começou a fazer anotações manuscritas. (STONNER, 2015, p. 1, aspas da autora)

¹⁶ Ver: Joyce Hill Stoner. Vignettes of interdisciplinary technical art history investigation. **CeROArt** [online], Juin 2015. Disponível em: < <http://journals.openedition.org/ceroart/4508>>. Acesso em: 11 mai 2019.

As definições sobre documentos e museus reúnem muitas definições, indo da crítica ao termo “documentação museológica”, “documento museológico”, “documentação de museus”.

Etimologicamente, documento deriva do verbo docere, que significa ensinar, instruir, recebendo o sentido de modelo e de exemplo, e nos séculos XVIII e XIX, passa a ter conotação de prova [...] Mas do mesmo modo que se fez no século XX a crítica da noção de fato histórico, que não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador, também se faz hoje a crítica da noção de documento, que não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento. (LE GOFF, 1990, 462)

No Brasil, a conceituação de Ferrez (1991), reitera a potencialidade destes documentos como fonte de pesquisa e transmissão de conhecimento, mas usando documentação “de acervos museológicos”.

A documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia) Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento. (FERREZ, 1991)

Este mundo da Conservação-Restauração, como parte da “máquina patrimonial” inclui, segundo Leveau (2011), uma legião de participantes: conservadores, administradores, cientistas, restauradores, curadores que, trabalhando em diversos setores, monumentos, arquivos, bibliotecas, museus, parques, produzem uma documentação heterogênea, Leveau diz, ainda, que os desdobramentos filosóficos, das práticas documentais de Conservação-Restauração, são vistos sob o ângulo demográfico é como “uma torre de Babel”. As redes de comunicação estabelecidas pela documentação da Restauração, é reapropriada. É assim que a reflexão de Leveau se torna tão importante. Afirmando que a fase crítica de centralização da documentação em uma instituição, segundo sociólogos, leva à conclusão de que sempre na corrida pelo poder patrimonial, o poder pertence finalmente a corporação que centraliza a documentação. E diante desta nova reapropriação que é feita pelos novos modelos conceptuais de referência, referindo-se às ontologias digitais ao uso informacional, ressalta que nesta linha de convergência de fatores políticos, semióticos, ergológicos, epistemológicos e ontológicos o papel do Conservador-Restaurador com seu instrumento de trabalho se relativiza. “A questão é de

saber qual o uso os conservadores- restauradores desejarão fazer com os recursos os quais lhe dão acesso.” (LEVEAU, 2011, p.13)

4.1 A Conservação-Restauração no Brasil

Inicialmente, abordamos a institucionalização da Conservação-Restauração no Brasil e seus aspectos históricos e de educação profissional, inicialmente vinculada às Artes e, posteriormente, aos museus.

O decreto de fundação da Academia de Artes, de 1816, foi criado com a chegada da Missão Francesa ao Brasil e teve por base o modelo neoclássico das artes. Não foi suficiente para fazê-la funcionar como primeira institucionalização do ensino, como desejava D. João VI. (CAVALCANTI et al., 2016)

Será somente com fundos públicos e privados do monarca Pedro I (1789-1834), Imperador do Brasil e rei de Portugal que, em 1826, que a Academia Imperial de Belas Artes, (AIBA), assim como outras instituições culturais, terão uma situação mais estável a ponto de permitir a consolidação de um projeto das artes no Brasil (Schwarcz, 2007)

Instituição que iria marcar de forma decisiva quase todas as manifestações artísticas do século XIX, a Academia Imperial de Belas Artes foi parte essencial do longo processo de construção do “imaginário nacional”, assim como esteve comprometida com o projeto de fazer do Império uma nação civilizada. (SQUEFF, 2000, p. 1)

No que diz respeito à pintura, a “arte acadêmica nacional” estava relacionada à iconografia do Império, sobretudo no período de Dom Pedro II (1825-1891) As mudanças por que passa parte do Governo Imperial no período do Segundo Reinado (1840-1889) irão permitir o aparecimento, em torno de 1855, do restaurador de quadros, pintor-restaurador ou conservador de pinacoteca.

A nomenclatura profissional do restaurador varia ao longo do tempo e sugere as diferentes relações com a obra e a multiplicidade de identidades – restaurador de painéis, restaurador de quadros, conservador e restaurador de quadros, conservador da pinacoteca, ajudante de conservador da pinacoteca, conservador-restaurador.(CASTRO, 2016)¹⁷ Em documentos no Museu D. João VI,¹⁸ podemos elencar as várias atividades às quais um

¹⁷ Em francês, ao longo do tempo : *réparateur, raccommodeur, restaurateur, conservateur, préserveur, conservateur-restaurateur*.

¹⁸ Cf: Museu D. João VI. Online. Avulsos (Ver catalogação em www.museu.eba.ufrj.br) \401 a 460 (16)

restaurador de pinturas se dedicava: quadros a óleo, pastel, guache, desenhos de arquitetura.

Reconhecendo uma das abrangências de estudo da história cultural, quando trata das questões de ciência e saberes, Chartier (2016) ressalta esta circulação de objetos, de espécimes, de saberes, na construção de conhecimentos sobre o mundo natural: as missões religiosas, as companhias comerciais e as expedições científicas. Desta forma, substituímos uma história exclusivamente ocidental por uma história de circulação, de conexões e de intercâmbios.

Pesquisa sobre o desenvolvimento da Restauração em Portugal, cita Assis Rodrigues (1801-1877), estudioso que qualificava o ato de restaurar como reparar e restituir ao estado primitivo qualquer obra de arte. O restaurador seria em Portugal, neste período, definido como aquele que se dedica à atividade de “retocar”, “emendar”, “aperfeiçoar”. Para ele, o restauro perfeito é o mimético e imperceptível, que ‘apenas deixe, mesmo a homens inteligentes, a dúvida se foi ou não restaurado. (CASANOVA apud RODRIGUES, 2013).

Castro (2016) cita também a influência portuguesa na Restauração e na relação estabelecida com a Museologia no momento da busca da cientificidade.

[...]Verifica-se, na narrativa do autor, um sentido de subjunção da Conservação-Restauração ao campo da Museologia, ou seja, percebe-se, de modo demarcado, a atribuição de capital simbólico ao diretor e ao conservador de museu a ponto de “dirigir e criticar” a ação do restaurador. Ao sabor das repercussões da Conferência Internacional de Roma, em 1930 – exemplificativa que é da sistematização da ciência moderna –, verifica-se a apropriação do discurso cientificista demarcado no cenário europeu, que tende a contrapor com os preceitos estabelecidos pela antiga Arte da Restauração. **É no escopo da Museologia que se verifica a realização do primeiro Curso de Conservação-Restauração de Obras de Arte, sob a chancela de extensão universitária, realizado no Gabinete de Restauração do Museu Histórico Nacional, em junho de 1968, coordenado por Sérgio Guimarães, abordando conteúdos que remontam à sua experiência de estágio no Instituto José de Figueiredo, em Portugal (CASTRO 2013, apud CASTRO, 2016, p. 1, negrito nosso)**

Um breve levantamento do contexto político-administrativo seria necessário para explicar a multiplicidade de siglas e denominações oriundas de interrupções e crises políticas, as quais demonstram, até hoje, a dificuldade brasileira de manter uma continuidade em suas políticas culturais relacionadas a museus e, consequentemente, a suas políticas de preservação de patrimônio. Castro, em sua tese sobre o surgimento da

Restauração no Brasil, a inscreve no que ele chama de “práticas e narrativas preservacionistas europeias”, trazendo marcos teóricos para orientar uma visão de unidade na transformação do restaurador de quadros para o conservador-restaurador. Um discurso de unicidade de um corpus teórico e prático com normas evoluídas permitiria, segundo o autor, uma “atuação contemporânea do conservador-restaurador de bens culturais móveis” (CASTRO, 2013, p. 16)

Ainda segundo Castro, (2013, p.110) podemos inferir que as mudanças na “conjuntura internacional certamente produziram reflexos no interior do contexto preservacionista brasileiro,[...] demarcadas no cenário internacional, notadamente nos países europeus. O autor que estudou a “carreira” dos conservadores-restauradores no Brasil, afirma que no intervalo de 1915 a 1960, o cargo de “conservador-restaurador” não figurou nos quadros do serviço público federal, mas era possível reconhecer outras nomeações como desenhistas, zeladores, porteiros de museus com desvio de função exercendo estas atividades.

A importância de Edson Motta, muito valorizada, promove o que alguns autores chamarão de “estabelecimento da profissão de Conservador-Restaurador no Brasil”.(SCHARF, 1997) A autora inclusive irá atribuir a ele uma “virada” para uma “Restauração Científica” na década de 1940, no Brasil, depois do retorno do professor ao Brasil, após um estágio de quatro meses no Fogg Museum:

[...] não é difícil de imaginar que Edson Motta desde seu retorno ao Brasil, é envolvido por este espírito científico que irá se propagar todo ao longo de sua carreira como restaurador. É graças a ele que a Restauração brasileira será realizada por profissionais da Restauração e não mais por pintores, escultores e amadores. É ele que estabelece, de uma vez por todas, a profissão de restaurador no país e que faz acontecer no Brasil o que existe de práticas mais avançadas na área (SCHARF,1997, p. 53, tradução nossa)

Os primeiros registros de procedimentos de Restauração de acervo do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), padronizados e organizados em formato de fichas, são oriundos da década de 1960, que começou a existir com o Professor Edson Motta. A profissão de conservador-restaurador no Brasil, em pleno século XXI, é desprestigiada,

ainda sem regulamentação. Em muitos países, ressalte-se, incluindo a França, sua regulamentação é recente.¹⁹

O apoio do governo sempre foi essencial à existência de museus no Brasil. A questão da crise das instituições culturais ocorre com o recuo dos investimentos, ou direcionamento de empresas financiadoras de exposições formação e acervos, não só no Brasil, mas no mundo, ainda que consideremos as grandes diferenças. As novas políticas de exigências de aumento de frequência com exposições temporárias, e a pressão exercida na formação necessária do conservador-restaurador o afastam da pesquisa, assim, o profissional do museu e, conseqüentemente, da publicação e da colaboração. Estas atividades de pesquisa incluem, evidentemente, o encontro entre pesquisadores para estabelecimento de redes de pesquisa e entusiasmo no aprendizado permanente.

Ainda que o profissional de Restauração decida não realizar uma pós-graduação, é no contato com a universidade, basicamente, que se promove uma forma de fazer e de pesquisar mais elaborada e com recursos de pesquisa, normalmente não obtidos em cursos de graduação, principalmente no Brasil, onde existem muitos fatores comprometedores da educação de qualidade. Com um estudo para identificar a fragilidade do interesse sobre as Ciências, no Brasil, Soares cita entre outras coisas, professores despreparados para lidar com os modernos desafios da aprendizagem, espaços antiquados, com infraestrutura, instalações e mobiliário primitivos e programas e práticas de ensino aprendizagem obsoletos (SOARES, 2018) E na sequência de suas reflexões, o autor menciona textualmente:

Outro agravante é o da aprendizagem: o desempenho aceitável nessas diferentes séries, avaliado por meios independentes, com valores diferentes para as fases, mostra que, em média, apenas um terço tem nível aceitável compatível com a fase, nos Ensino Fundamental e Médio, e a metade no Ensino Superior. Em uma avaliação independente, o teste internacional PISA (2015) coloca a população do ensino médio do Brasil em situação constrangedora, em torno do 50º lugar no ranque internacional, muito distante dos países com os quais nos comparamos em termos de atividade acadêmica e econômica. [...]Esse atraso tem caracterizado as nações latinas e se reflete e se estende também como atraso metodológico em ciência e tecnologia, no “Como fazer?”, tanto no como fazer para descobrir quanto no como fazer para inventar ou inovar ou usar. É interessante notar que essa cultura implica desapego pela propriedade intelectual, que caracteriza a comunidade científica, implicando pouco interesse pela descoberta científica, pela invenção e, conseqüentemente,

¹⁹ Décret 2002-628 du 25 avril 2002 modifié pris pour l’application de la loi 2002-5 du 4 janvier 2002 relative aux musées de France. Disponível em: <<http://www.culture.gouv.fr:80/culture/infos-pratiques/droit-culture/index.htm>> . Acesso em 12 ago. 2019.

pela publicação e pela leitura e citação de artigos científicos. (SOARES, 2018, p. 298)

A regulamentação da profissão, que permitiria a criação dos conselhos regionais, no Brasil, com dificuldades imensas de orçamentos, através de associações regionais e nacional, teve que documento aprovado pelo Senado em 2007, para regulamentar a profissão, que exigia maiores requisitos de estudo. Este projeto de lei, teve negada sua aprovação na Presidência da República. Conforme recordamos a seguir, o projeto de lei, aprovado pelo Senado, com a descrição dos que poderiam exercer a atividade:

Os diplomados, em estabelecimentos de ensino superior, em Conservação-Restauração de bens móveis e integrados, em curso similar no exterior os que **tenham concluído curso de pós-graduação em Restauração** de bens móveis e integrados e, finalmente, aqueles que, tendo concluído outro curso de nível superior, vêm exercendo a profissão, comprovadamente, há pelo menos cinco anos (Senado (370/2007) **negrito nosso**)

O esforço continuou no cenário legislativo, na tentativa de aprovação do texto modificado pela Câmara dos Deputados e que foi elaborado em conjunto pelas associações profissionais. Assim, modificado, considerou uma gama mais ampla de profissionais, com diferentes graus de formação técnica e científica da área, para as diversas funções que devem ser exercidas para a preservação de bens culturais.

Os diplomados em nível superior no Brasil na área de Conservação-Restauração de bens móveis e integrados, ou no exterior, com diplomas reconhecidos no Brasil; aos diplomados em cursos de pós-graduação na área, que tenham elaborado monografia, dissertação ou tese de doutorado versando sobre Conservação-Restauração de bens móveis e integrados; aos diplomados em qualquer curso de nível superior que, na data da publicação da lei, comprovem o exercício da atividade há pelo menos três anos; aos diplomados em curso técnico reconhecido na área de Conservação-Restauração de bens móveis e integrados, com carga horária mínima de 800 horas. (Câmara, Substitutivo n. 4.042/2008)

A questão da formação em um curso superior para a homologação do título de conservador-restaurador, como exigência da lei, faz parte de um marco profissional que se apoia no reconhecimento da importância do ambiente educacional e científico para dar conta da variedade e complexidade do mundo da Conservação-Restauração e a necessidade de definir, em suas premissas de intervenção, as suas qualificações e competências profissionais.

O Diário Oficial da União de 19 de setembro de 2013 traz o despacho contendo o veto ao projeto de lei que previa a regulamentação da profissão do conservador-restaurador de bens culturais no país:

Comunico a Vossa Excelência que, nos termos do § 1º do art. 66 da Constituição, decidi vetar integralmente, por inconstitucionalidade, o Projeto de Lei nº 370, de 2007 (n. 4.042/08 na Câmara dos Deputados), que dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão de Conservador-Restaurador de Bens Culturais Móveis e Integrados e autoriza o Poder Executivo a criar o Conselho Federal de Conservação-Restauração de Bens Móveis e Integrados e seus Conselhos Regionais, e dá outras providências.[...] conforme as seguintes razões: "O projeto de lei viola o disposto no art. 5º, inciso XIII da Constituição, que assegura o livre exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, cabendo a imposição de restrições **apenas quando houver risco de dano à sociedade**, o que não ocorre no exercício das atividades de conservador-restaurador. [...] por fim, a criação dos conselhos profissionais, reconhecidos como entidades autárquicas e, portanto, órgãos da administração pública, demanda iniciativa do Presidente da República, tal como disposto no art. 61, § 1º, inciso II, alínea e, da Constituição. Desta forma, restou o projeto também marcado por inconstitucionalidade formal por vício de iniciativa. (DOU, Diário Oficial da União 19 Set 2013, Seção 1, página 1, negrito nosso)

O Código de Ética do conservador-restaurador de bens culturais foi elaborado pelas associações e entidades representantes de classe, no ano de 2005, e publicado em 2013. Participaram os representantes e associados da Associação Brasileira de Encadernação e Restauro (ABER); da Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (ABRACOR); da Associação Paulista de Conservadores e Restauradores (APCR); da Associação Catarinense de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (ACCR); da Associação de Conservadores Restauradores de Bens Culturais do Rio Grande do Sul (ACOR-RS) e da Associação de Restauradores e Conservadores de Bens Culturais (Arco. IT, Paraná) No Código de Ética consta a seguinte afirmativa:

“É responsabilidade do conservador-restaurador manter-se atualizado frente ao progresso, as pesquisas e inovações desenvolvidas em seu campo de trabalho, bem como buscar constantemente o aprimoramento de seu discernimento, bom senso, habilidades e perícia”. (ABER et al. 2013, p. 6)

Uma citação, que apesar de longa, merece atenção especial é de Humberto Carvalho (2013) doutorando pelo programa de Conservação-Restauração de Bens Culturais da Universidade Politécnica de Valência, sobre a formação do Conservador-restaurador no Brasil:

A pergunta que se repete nas reuniões acadêmicas, nos encontros e nos congressos na Área de Conservação-Restauração de obras de arte é: por que é tão complicado formar um conservador-restaurador? Acredita-se que uma possível resposta é que, como a profissão do médico ou do advogado, a do conservador-restaurador é extremamente complexa, já que envolve a compreensão daquilo que é uma obra de arte e que determina a sua permanência para a posteridade. São muitas as variantes envolvidas, e o conservador, para dominar o contexto em que a obra se encontra, necessita de um repertório de conhecimentos muito vasto, em que se pode destacar: o conhecimento crítico, histórico e teórico, no universo da obra de arte, a história dos materiais utilizados na construção da obra, o valor semântico atribuído ao material e a sua aparência estética ao longo dos anos; o conhecimento dos processos de deterioração da matéria; a distinção entre o que é dano provocado pela ação do tempo e pátina, autenticidade histórica, o conhecimento científico, para solicitar exames, o trabalho interdisciplinar, com o intuito de encontrar o diagnóstico mais preciso. (CARVALHO, 2013, p. 255)

A busca da regulamentação profissional torna-se, assim, um contundente clamor de que o exercício da profissão existe, assim como o treinamento e as competências exigidas. Como a transferência do conhecimento na disciplina se dá com bases que permitam a qualidade da execução e aceitação da regulamentação, está implícito o compromisso de denúncia de desvios, que porventura possam ocorrer.

Aqui Carvalho reforça o investimento em pesquisa:

Trata-se de um trabalho de interpretação e de gerenciamento dos valores simbólicos dos objetos de arte, que necessita de investimento em pesquisa, em infraestrutura e em capacitação do corpo docente. Enfim, acredita-se viabilizar o entendimento das partes interessadas com o mesmo e único propósito: formar globalmente o profissional para preservar integralmente o patrimônio artístico. (CARVALHO, 2013, p. 255)

As cobranças de especialização, expressa por instâncias culturais, políticas e administrativas se amplia, assim como o paradoxo entre a análise do especialista e a daquele que reconhece a multiplicidade de questões das quais faz face e se reflete no quadro ético, social e econômico-político de sua atividade. Uma colaboração maior, bem como uma divisão de responsabilidades de intervenção, resultados e propostas são delimitados. Os limites do conhecimento, da intuição cognitiva, contemplação estética em busca de organicidade e harmonia são de natureza humana e não definidos por códigos.

Para finalizarmos²⁰ com este subcapítulo que denominamos algumas considerações sobre a existência do “Conservador-Restaurador no Brasil, deixaremos falar Castro, que com uma tese de 255 folhas, onde escreve:

A trajetória histórica do conservador-restaurador de bens culturais no âmbito do IPHAN – constituída por enormes deficiências, problemas e desafios político administrativos e por conquistas – é notadamente desconhecida. (CASTRO, 2013, p.231)



²⁰ Para maiores informações ver:

CARVALHO, A. P. C. O Curso de Especialização em Bens Culturais Móveis da UFRJ: Contribuições para a preservação do patrimônio. Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) 2017. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2017. 269p. Orientador: Ivan Coelho de Sá. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppg-pmus/ana_paula_correa_carvalho.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS- MAST. Conservação de Acervos /Museu de Astronomia e Ciências Afins. Organização de: Marcus Granato, Claudia Penha dos Santos e Cláudia Regina Alves da Rocha . — Rio de Janeiro: MAST, 2007.205p. (MAST Colloquia; 9.)

MOTA, E. M.; NAKAMUTA, A. S. A trajetória da conservação-restauração de bens culturais móveis e integrados no Iphan: desdobramentos da “Escola Edson Motta” em Minas Gerais (1946-1976) **Revista CPC**, v. 14, n. 27, p. 167-186, 29 jul. 2019.

MARTINS, L. C. O ensino da Conservação-Restauração na formação do museólogo.2017. Mestrado em MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro. Biblioteca Central UNIRIO e MAST.

5 O DOSSIÊ DE RESTAURAÇÃO

Do you see Red like I see Red?

Margaret Livingstone

A Restauração constrói assim uma “versão” de seu objeto, em um momento e um dado lugar. Ela pode assim ser descrita como uma forma de interpretação da obra. Desta forma, ela participa da história do gosto, história da recepção das obras. Assim, a obra possui também sua própria história. (KAIRIS et al., 2012, p. 18)

Quando falamos de dossiê de restauração, de que estamos falando?

Sobre documentação em museus²¹ temos uma grande bibliografia, inclusive nacional, o que já não acontece com a documentação da conservação-restauração. Velios, do Centro de pesquisa *Ligatus Research Centre*, da *University of the Arts London* exprime assim este fato surpreendente: “Embora o valor da documentação seja enfatizado na formação da Conservação-Restauração, normalmente é uma atividade subestimada regularmente na profissão e discussões feita por conservadores da prática documental são raras.” (VELIOS, 2016, p. 13)

²¹ Para aprofundar a questão, com definições de documento, ver textos citados nos trabalhos que tratam deste assunto: Otlet, Briet, Bush, Hjørland, além das diferentes definições sobre documentação em museus, a seguir apontadas :

-KRÜGER, A. C. **Museu e informação em arte na perspectiva de patrimônio e memória em coleções de Hassis e Cascaes, na cidade de Florianópolis**, Santa Catarina 2016. 199 f.. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ); MAST, Rio de Janeiro, 2016.

-MONTEIRO, J. **Documentação em museus e objeto documento**: sobre noções e práticas / Juliana Monteiro. São Paulo: J. Monteiro, 2014. 177 p. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo. (USP)

-LARA, M.L. G.; ORTEGA, C. D. **A noção de documento**: de Otlet aos dias de hoje. In: IX CONGRESSO ISKO - ESPAÑA, mar. 2009, Valência. Nuevas perspectivas para la difusión y organización del conocimiento - Actas del Congreso, 2009, Valencia: Universidad Politécnica de Valencia, *Servicio de Publicaciones*, v. 1. p. 528-544, 2009. Disponível em:

<<http://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=356731#volumen45548>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

-PINHEIRO, L. V. R. **Horizontes da informação em museus**. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha; LOUREIRO, M.L.N.M (Orgs.) Documentação em Museus. MAST Colloquia. Rio de Janeiro: MAST, 2008, v. 10, p. 81-102. (MAST Colloquia; 10) Disponível em: <http://www.mast.br/publicacoes_museologia/Mast%20Colloquia%2010.pdf>

-SMIT, J. W. **Documentação e suas diversas abordagens**. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P.; LOUREIRO, M. L. N. M. (Orgs.) Documentação em Museus. Rio de Janeiro: MAST, 2008. p. 37-49. (MAST Colloquia; 10)

-VAN MENSCH, P. **O objeto de estudo da Museologia**. Rio de Janeiro: UNIRIO/Universidade Gama Filho, 1994. (Pretextos Museológicos; 1)

Esta observação nos leva a evidência da importância de descrever como o compreendemos. Segundo o dicionário Novo Aurélio da Língua Portuguesa (2012), quanto à etimologia da palavra “dossiê” temos:

“1-Coleção de documentos relativos a um processo, a um indivíduo e, por extensão, a qualquer assunto;

2-Local (arquivo, pasta etc.) em que são mantidos esses documentos.

No francês: *dossier*.”

Uma definição de dossiê nos exige aqui negar que se refere apenas ao resultado de atividades técnicas e operacionais, como documentos importantes contidos em pastas, arquivos e fichários.

Não existe um modelo único de dossiê, nem definição única, mas termos diversos, em diferentes contextos de uso, que exigem uma reflexão sobre suas implicações. A palavra em português vem do francês *dossier*, conforme já mencionado. A autora Chabin (2002) nos esclarece a origem da palavra em francês:

[...] A palavra vem de “dos” (dorso) e invoca a priori alguma coisa que se encontra atrás de um corpo ao qual é assegurada a manutenção. O “dos” de um homem ou de um animal é disposto em torno da coluna vertebral. A ideia foi transportada aos objetos, por exemplo quando falamos de um “dos” de um livro. A palavra dossiê, na sua concepção puramente material, designa igualmente um elemento que permite suportar: as “costas” do sofá, ao senso figurado. *Le Petit Robert*, dá como definição do dossiê: “conjunto de peças relativas a um assunto e colocadas em uma pasta de arquivo.” [...] A forma e a apresentação material são insuficientes para definir o dossiê, em sua dimensão de “record”, ou seja, um traço de atividade que implica uma responsabilidade de seu autor em relação à ação realizada e os documentos que suportam esta atividade. (CHABIN, 2002, p. 160 e p.173, aspas da autora)

A autora vai mais longe, para comparar o conceito de dossiê em inglês, ao que ela chama de “alimentar a reflexão” (CHABIN, p. 163), de uma contribuição fora do francês. Assim, ressalta o uso de “folder”, “file” e “records”. Folder com uma conotação mais material e com a origem da palavra invocando a dobra em uma camisa, “pliure”, o “file” invocando, insistindo sobre a classificação e a noção de arquivo, e não somente com o sentido material, mas que se prende a uma natureza de “série”, que carece de se classificar rigorosamente, e a palavra “records”, no plural, que ressalta a noção de conjunto orgânico, com a adoção de procedimentos. Desta forma, a terminologia anglo-saxônica, segundo a autora, retém três acepções correntes da palavra “dossiê”: individualização material de documento, “folder”; “file”, conjunto que atribui importância ao trabalho de

representação física e simbólica; e “record”, conjunto de informações produzidas e reunidas de maneira lógica, sem delimitar a sua forma material.

Desta forma, a diferença estaria no agrupamento. A distinção fundamental é entre um documento e um dossiê, na qual o primeiro refere-se a uma data única e a um ato único, ainda que com várias páginas, e o dossiê, por sua vez, a um conjunto de documentos com lapsos temporais, ainda que dentro da mesma “camisa”/chemise”. Em outros termos: o documento é autossuficiente, considerado uma entidade autônoma. Já o dossiê é documento sobre o que se produziu sobre um determinado assunto, em um dado período de uma atividade e sempre se considera como um conjunto.” (CHABIN, 2012, p. 162-164)

Melhor do que poderíamos formular, temos Moore reunindo a documentação da restauração, ainda que utilizando o significado em inglês de conservador:

A documentação de Conservação pode ser definida de várias maneiras. [...]A documentação de Conservação pode incluir o registro da condição do objeto, qualquer tratamento feito ao objeto, quaisquer observações ou conclusões do conservador, bem como qualquer trabalho analítico realizado. Os dados podem ser registrados de diferentes maneiras, como texto escrito e fotografias. Mas a forma de documentação não é universalmente aceita, nem sempre foi considerada um aspecto importante da profissão. Uma boa documentação deve fornecer uma história completa do que aconteceu ao objeto antes de chegar à instituição, enquanto dentro da instituição e dentro do laboratório de Conservação; deve fornecer o máximo de informações possíveis para o futuro pesquisador, curador ou conservador. (MOORE, 2001, p. 7)

Quaisquer que sejam as formas e seus suportes, a noção de dossiê se revela intimamente ligada a duas exigências profissionais que são a recuperação de sua escritura e a responsabilidade da informação contida. Podemos dizer, para concluir, que o dossiê é uma entidade documentária e de geometria variável, e suas variações não são obras do acaso - se explicam pelos elementos que seguem: “as regras observáveis, anteriores à criação do dossiê; os instrumentos de produção da informação, papel, eletrônico etc.; e a organização do trabalho, organização das equipes e hábitos dos que redigem.”(CHABIN, 2012, p. 175)

Para Leveau (2018), indexar e compartilhar os dossiês de restauração é também fazer a teoria da disciplina. De fato, no ICOM, tem sido ressaltada a importância da documentação, porém desconsiderando as questões hierárquicas e dificuldades na sua elaboração. O autor adverte sobre as aspirações à carreira de restaurador e as disputas

profissionais e nestas distingue uma forma de prestígio a valores profissionais nos interesses ligados as diferentes atividades.

O dossiê de restauração, que inclui exames de laboratório e propostas de tratamento, inclui todas as referências possíveis sobre uma obra na prática da intervenção da restauração, abrangendo relatórios de conservação curativa ou preventiva, manuscritos, exames etc. Deve também incluir conforme o caso: notas manuscritas, iconografia, lista de exposições, incluindo empréstimos, contratos, documentação de venda, documentos confidenciais (cartas ou e-mails), relatórios de restauração, ficha do estado de conservação, documento de aquisição, solicitações aceitas ou recusadas de empréstimos, documentos de pedido de autenticação, relatórios de sinistro, documentos de companhias seguradoras.

Analizamos um artigo sobre o relatório de conservação, com exemplos do MNBA, de Benvinda Ribeiro (2009), que se auto identifica como: “mestre e especialista em Conservação-Restauração de bens móveis e integrados”. Podemos citar uma descrição do relatório em um texto do Anuário do Museu Nacional de Belas Artes que é, segundo a autora, um trabalho baseado em princípios e critérios estabelecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) sobre os procedimentos de restauro.

O relatório **contém todos os procedimentos utilizados** pelo conservador restaurador na preservação da obra, entre os quais os registros fotográficos das etapas realizadas, os produtos utilizados (adesivos, solventes, protetivos etc.) e os testes microquímicos. Esses dados tornam acessíveis a novos conservadores-restauradores, caso a obra necessite de intervenções futuras, os métodos de restauro escolhidos, a fim de facilitar e, sobretudo, contribuir para a sua preservação. (RIBEIRO, 2009, p. 191, negrito nosso)

Moacyr dos Anjos, pesquisador e curador de Arte Contemporânea da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife, onde coordena, desde 2009, o projeto de exposições; Política da Arte, foi diretor do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães de 2001-2006 e pesquisador visitante no centro de pesquisa, *Transnational Art, Identity and Nation*, University of the Arts, Londres (2008-2009), escreve sobre a resiliência do discurso:

O problema, eu não estou pregando nenhum isolacionismo, que o museu tem que fazer tudo sozinho, nem estou pregando uma política de precariedade, que ele tem que fazer com poucos recursos. [...] deve ter sempre uma concepção do que é que se quer fazer com a instituição, para o que a instituição serve, para o que serve o museu. [...] O problema, para ir direto ao ponto, é que esse modelo, muito frequentemente, compromete a liberdade dos museus se

estabelecerem como lugares de anúncio de um discurso crítico e educativo, onde, idealmente, as exposições que os museus fazem, expõem e suas outras ações, se articulariam para confrontar e desafiar o olhar e a inteligência do público, **e não apenas para mostrar aquilo que já é conhecido, estabelecido, o que é convencional, o que é fácil de ser entendido.** Então, eu acho que esse sistema do Rouanet estimula esse repertório, mas ao mesmo tempo constrange, porque limita a capacidade dos museus[...]Então, muitas dessas instituições acomodaram-se em maior ou menor grau, em diferentes graus, com relativa facilidade com que passaram já a programar exposições já organizadas por terceiros, seja por autores privados, seja por outras instituições, seja por organizações internacionais com patrocínio já garantido por empresas de captação, terceirizando também essa necessidade de recursos, eximindo-se da responsabilidade de tornarem-se elas mesmas essas instituições enunciativas de um discurso crítico em **relação ao que fazem, em relação ao que expõem, em relação às suas atividades.** (ANJOS, 2004, negrito nosso)

Questões sempre mencionadas ficam tão familiares que se tornam invisíveis, como a pertinência própria da sociologia das ausências (SANTOS) ou da questão dos valores, conforme trazido anteriormente neste texto (HEINICH, 2017) Ressaltamos assim, a articulação entre o gesto diário da feitura e a não problematização do dossiê de restauração. Nosso interesse foi ver, através das operações complexas do fazer documental, fora dos protocolos dos discursos de rotina da realização, as contradições dos diferentes mundos, os que criam as regras da produção, difusão e guarda da documentação, tendo os recursos com tradição de metrópole (SANTOS, 2019) e a documentação da Conservação-Restauração, nas suas possibilidades e impossibilidades em díspares realidades.

Em 1926, o *l'Office International des Musées* (OIM) foi criado com a intenção de organizar os museus mundialmente, conclamando as principais personalidades intelectuais do período, com o objetivo de estimular a cooperação internacional para as técnicas museológicas e exposição de objetos. A sistematização das fichas de cada obra também foi alvo, resultando em processos de compromissos, de políticas culturais, oriundas de dinâmicas presentes no fim da primeira e da segunda grande guerra, com propostas de novo gerenciamento político-econômico internacional. Os documentos internacionais, como convenções, recomendações e declarações, calendários e protocolos, vem principalmente das organizações internacionais²², em torno dos anos 30. Este contexto provocou inovações museológicas, documentais e arquivísticas, na História

²² Sobre as referências mundiais ver: Organização UNESCO.

Disponível em: < [http://portal.unesco.org/fr/ev.php-](http://portal.unesco.org/fr/ev.php-URL_ID=12024&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html)

URL_ID=12024&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html> . Acesso em: 20 ago. 2019.

da arte, na Arquitetura, em tempos de destruição em larga escala e reorganização dos centros de poder. (BREUIL, 2012; CAILLOT, 2011; JOKILEHTO, 2007; PAÏN, 2011; RONDINELLI, 2013; RAYNAUD, 2008; WOLEDGE, 1983)

A trajetória destes documentos internacionais, reflete também a trajetória das ideias a respeito de memória, museus, monumentos, da arte e das instituições culturais. Trajetórias estas ligadas ao desenvolvimento da configuração social de patrimônio cultural no Ocidente, conjuntamente com a história da obra de arte e sua mercantilização.

De acordo com diretrizes internacionais para informações sobre objetos de museus, que compõe, junto com outros documentos²³ as informações imprescindíveis da **documentação museológica**, desenvolvida pelo Comitê Internacional para Documentação (CIDOC) do Conselho Internacional de Museus (ICOM), temos como objetivos:

Garantir a responsabilidade pelos objetos: eles podem ser usados para definir os objetos que pertencem a um museu, identificar os objetos e registrar sua localização; auxiliar a segurança dos objetos: eles podem ser usados para manter informações sobre o status dos objetos e fornecer descrições e evidências de propriedade em caso de roubo; fornecer um arquivo histórico sobre objetos: eles podem ser usados para manter informações sobre a produção, coleta, propriedade e uso de objetos e como um meio de proteger o valor a longo prazo dos dados; apoiar o acesso físico e intelectual a objetos: eles podem ser usados para suportar o acesso a objetos em si e informações sobre os objetos. A necessidade de proteger bens culturais contra danos, perda, roubo e crimes contra a humanidade tem funcionado como um incentivo para o desenvolvimento de **práticas padronizadas de documentação**. [...]. A disponibilidade de boa documentação também garante que o conhecimento sobre objetos se estenda além dos próprios objetos. [...]. (CIDOC, 1994, negrito nosso. Tradução nossa)

Padronização. Documentação. Evidências. Status de registros. Na construção das exigências deontológicas, terminologias, nacionalidades, normas, com os artigos mais importantes que estabelecem argumentos de autoridade do saber na pesquisa em questão, são termos que aparecem com muita frequência (CURY, 2000)

O texto de Baião (2013, p.56), sobre a terminologia da pintura em Portugal, ressalta que apesar de haver um vocabulário técnico especializado na área, nem sempre é

²³ Especialmente na Restauração, outros guias e documentos sobre terminologia também incluem:

- CIDOC- Directory of Thesauri for Object Names (International Council of Museums. International Committee for Documentation, 1994)
- The Canadian Heritage Information Network Document Data Content Standards: A Directory (Harvey and Young, 1994) CIDOC. Guidelines for Museum Object Information: Introduction. Disponível em: <<http://old.cidoc-crm.org/docs/guidelines/guideint.htm>>

usado com rigor, existindo assim “uma proliferação de sinônimos que dificultam a comunicação e o diálogo entre os profissionais do setor”. A autora sinaliza a utilização de termos diferentes no emprego como sinônimos, incluindo as obras de Paul Philippot e Cesare Brandi.

Kühl, professora, pesquisadora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, reafirma caráter indicativo das cartas, que não constituem um receituário a ser aplicado diretamente na prática.

[...]as cartas patrimoniais são fruto da discussão de um determinado momento. Antes de tudo, não têm a pretensão de ser um sistema teórico desenvolvido de maneira extensa e com absoluto rigor, nem de expor toda a fundamentação teórica do período. As cartas são documentos concisos e sintetizam os pontos a respeito dos quais foi possível obter consenso, oferecendo indicações de caráter geral. Seu caráter, portanto, é indicativo ou, no máximo, prescritivo[...] (KÜHL, 2010, p. 288)

E acrescenta:

[...]As cartas patrimoniais têm dado origem, recentemente, a interpretações apressadas – não por acaso num período de aceleração do tempo, em que até mesmo parte da produção acadêmica é marcada por uma tendência “produtivista”, incorrendo, por conseguinte, em “redutivismo” –, e muitas vezes equivocadas e superficiais. [...] (KÜHL, 2010, p. 288)

Os problemas de recursos materiais e de pessoal que todos reconhecem a importância, muitas vezes não são citados nos relatórios.

Visitando alguns museus e bibliotecas, durante o período desta pesquisa, inclusive em um museu bem famoso, não havia um computador funcionando para consulta do acervo. Ressaltamos, que o foco aqui é exprimir as contradições entre as exigências deontológicas e muitas vezes, a absoluta falta de recursos técnicos. A excelência é exigida, mas todos sabemos, que não é possível com a ausência de condições mínimas de trabalho. Vejamos aqui, um exemplo uma autora que demonstra sua indignação. A Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, em 2010, exprime assim a questão da documentação:

Numa realidade repleta de demandas, como a necessidade de investir no restauro ou na climatização de edificações para assegurar a salvaguarda do acervo, ou ainda na contratação e capacitação de profissionais para as várias atividades do fazer museológico, a documentação acabava por ocupar um papel coadjuvante, mais vinculado a demandas específicas e pontuais, como a pesquisa para novas exposições, por exemplo. (RAMOS, 2010, p. 16)

Contrariamente, no mesmo volume, sobre a documentação e a conservação de acervos museológicos, temos a museóloga, supervisora técnica do Projeto de Documentação do Acervo dos Museus da SEC-SP, Marilúcia Bottallo, falando sobre a “fidedigna e verdadeira” documentação em museus:

Para atingir esse objetivo é preciso entender que a Documentação Museológica é um **sistema** e, por isso, exige **rigor** metodológico. O sistema da Documentação Museológica vai além da reunião de postulados que regulam a ordem de identificação dos fenômenos museológicos. Também não se limita a ser um método de classificação de um conjunto observável. Mas, acima de tudo, trata de um conjunto de princípios que – ao serem reunidos e combinados por meio de **coordenadas pré-estabelecidas** – formam **um corpo de doutrina**. A busca, o registro e a disponibilização das informações sobre o acervo devem [deve] ser feitas de maneira padronizada de acordo com normas pré-estabelecidas. É dessa forma que podemos torná-las acessíveis de maneira ampla, **fidedigna** e, portanto, **verdadeira**, seja como fonte, ou como produto. (BOTTALO, 2010, p.54, negrito nosso)

Ainda que esta pesquisa analise as implicações problemáticas do dossiê de restauração em museu de arte, pois não usamos nenhuma conjectura de ateliers privados, a discussão sobre documentação em museus não cabe nas linhas deste texto.

Diferentes orientações teóricas e condições materiais no seguimento de regras, “o caos existente atrás das fachadas organizadas” (SANTOS, 2019, p. 282) Considerações que conclamam, com sabedoria e maturidade a uma reflexão na extrapolação, geralmente encontrada, na confiança excessiva, no seguimento de normas e propostas, nem sempre possíveis em países periféricos no conjunto do sistema global capitalista. Todos admiram os recursos tecnológicos existentes para aplicações em laboratórios de arte, mas nem todos os museus, mesmo os prestigiosos possuem recursos básicos disponíveis para seus serviços. Assim, evoluções tecnológicas exacerbam as contradições, que integram as exigências de protocolo de registro, guiando atividades documentais, “com condutas decisórias e seletivas” (GONZÁLEZ DE GÓMES, 1996, P. 62), propondo normatização, rigor e consenso, construindo preferencias, com autoridade²⁴ e acrescente-se com recursos econômicos-políticos muito diferentes oriundos de instituições internacionais na área de Conservação-Restauração de países ricos. “Alguns grupos sociais experienciam a linha abissal ao cruzarem dois mundos na sua vida cotidiana.” (SANTOS, 2019, 45) [...]

²⁴ Para Pierre Bourdieu uma forma de “*modus operandi* como uma espécie de sentido de jogo”. (Capítulo I) Pierre Bourdieu. O Poder Simbólico. Bertrand, Rio de Janeiro, 1998.

Temos assim o conhecimento-regulação em detrimento do conhecimento emancipação. (SANTOS, p. 72)

Assim que uma obra chega ao Serviço de Restauração, a recomendação é que deve estar acompanhada de toda a documentação que lhe pertence. O relatório deve apresentar documentação fotográfica sobre o processo, materiais utilizados com as devidas proporções, para que no futuro, quando necessitar de nova intervenção se tenha este tipo de informação como ponto de partida.

Antes do início dos trabalhos, o profissional deverá realizar uma análise detalhada da obra, que envolve conhecimento nas áreas de Física, Química, Biologia e História, contribuindo com o diagnóstico do estado de conservação geral, fixação da camada pictórica ao suporte, avaliando as condições físicas da obra, o grau de deterioração em que se encontra e a possibilidade de intervenção restauradora. Após os resultados desta avaliação, chegamos não ao fim do trabalho, mas no seu começo. Costumaz, antes de qualquer operação, tem a limpeza mecânica, com trincha e aspirador, que não costuma aparecer nas fotos midiaticizadas. O trabalho de restauração, propriamente dito, começa a partir das análises obtidas, com a elaboração da proposta de tratamento, com detalhamento dos procedimentos técnicos e compra dos materiais a serem utilizados na intervenção, com o objetivo de, ao seu fim, devolver à obra de arte sua melhor integridade física, em uma perspectiva de equilíbrio estético e com respeito a sua trajetória histórica. Este conhecimento, estabelecerá desta forma, a fronteira da intervenção, sem que se cometa uma adulteração histórica ou artística e no esforço de respeitar os vestígios da história da obra. (GHIZONI, 2012, TEIXEIRA, 2010)

Breuil (2012), em uma jornada de estudos exclusiva sobre relatórios do estado de conservação e fichas de intervenção, organizada pela *Association des restaurateurs d'art et d'archéologie de formation universitaire* (ARAAFU) et le *Centre de Recherche en Préservation des Biens Culturels* (CRPBC), cita os resultados de uma pesquisa, ainda em fase inicial efetuada por Giulia Cucinella, conservadora-restauradora, então doutoranda da Université Paris 1. O título da intervenção de Cucinella, “*Enjeux et pratiques documentaires en conservation-restauration, perspectives pour la recherche.*” Nesta pesquisa em andamento, ressalta os problemas deontológicos, o que ela chama de “deficiências” possivelmente se referindo a uma “falta de precisão”, nas práticas da documentação de pinturas. (2012, p.12) A pesquisadora expressou sua preocupação com

os primeiros resultados de sua pesquisa sobre as práticas profissionais que revelaram faltas e problemas deontológicos na documentação da obra. Os argumentos eram de falta de tempo, e de meios para realizá-lo adequadamente. Breuil, no mesmo artigo, comenta o anúncio de uma conservadora-restauradora, sobre a criação de um primeiro ciclo de formação profissional proposto pelo *Institut National du Patrimoine*, Paris, sobre o relatório de conservação-restauração, em 2012.

Ao longo de sua tese de doutorado, Hoffman (2017), desenvolveu pesquisa sobre a História da documentação de obras de arte do século XVII ao século XXI, com estudo in loco em três representativas galerias de arte nacionais, em Londres, Ottawa e Washington. A autora detalha os impactos das tecnologias sobre as práticas documentárias. O mais interessante na pesquisa de Hoffman, é que apesar de realizá-la em instituições de países com grande investimento na área cultural, ela afirma que há poucas evidências de que as tecnologias digitais tenham tido um impacto significativo nas metodologias ou na epistemologia da elaboração da documentação das obras de arte. A autora afirma mesmo que ao contrário, na forma digital, a documentação ainda depende de uma abordagem, onde a coleta de dados é mínima, é realizada por grupo limitado de indivíduos habilitados para fazê-lo e com um acesso restrito.

Apesar do desenvolvimento das telecomunicações e dos recursos digitais, esta pesquisa reforça o argumento de uma redefinição da documentação das obras de arte para repensar suas estratégias e filosofias orientadoras, já que o “modelo híbrido” é frágil. A autora afirma que na era digital, o modelo documentário museológico, em particular o de museus com tipologia de arte e forçosamente centrado no objeto material está confrontado a obsolescência sem o reconhecimento adequado de seu potencial. (HOFFMAN, 2017) Quando Hoffman nos fala sobre o modelo híbrido, certamente não inclui, com sua experiência nas instituições estudadas, a surpresa que temos em encontrar em alguns arquivos institucionais, documentos com clips metálicos, fotografias digitais em CD-ROM; junto com fotografias em papel, guardadas em mapotecas.

A importância da elaboração da documentação das coleções, é reconhecida, como modelo no mundo dos museus, e segundo alguns autores ela é limitada:

A documentação das coleções inclui a descrição detalhada de objetos individuais que fazem parte das coleções, bem como grupos de objetos e as coleções em seu conjunto. A ISO 21127/ 2006, destina-se especificamente a cobrir informações contextuais (ou seja, informações históricas, geográficas e

teóricas que dão às coleções de museus seu significado cultural e seu valor) [...] **se o modelo emana do mundo dos museus, não se limita a objetos de museus ou coleções.** Ele lida com uma ampla variedade de conceitos, tipos de dados, domínios ou campos disciplinares variados, cujo ponto comum pertence ao “patrimônio cultural, tanto, imaterial como material”. (SZABADOS et al. 2012. Aspas do autor. Tradução nossa. Negrito nosso)

Mencionamos a seguir, os artigos do Código de Ética do ICOM (2006) para Museus, Versão Lusófona, (2010) com a definição de documentação de acervos no art. 2.20; e incluímos também o artigo 2.24, para ressaltar a inserção de “qualificado” para descrever o atributo desejável do conservador-restaurador.

Artigo 2.20- Documentação dos acervos. Os acervos dos museus devem ser documentados de acordo com normas profissionais reconhecidas. Esta documentação deve permitir a identificação e a descrição completa de cada item, dos elementos a ele associados, de sua procedência, de seu estado de Conservação, dos tratamentos a que já foram submetidos e de sua localização. Estes dados devem ser mantidos em ambiente seguro e estar apoiados por sistemas de recuperação da informação que permitam o acesso aos dados por profissionais do museu e outros usuários autorizados.(ICOM, 2010)

Artigo 2.24- O museu deve acompanhar com atenção o estado de conservação dos acervos para determinar quando um objeto ou espécime necessita de intervenções de conservação-restauração ou de serviços de um conservador-restaurador **qualificado**. O principal objetivo deve ser a estabilização do objeto ou espécime. Todo procedimento de conservação deve ser documentado e, na medida do possível, reversível; toda alteração do objeto ou espécime original deve ser claramente identificável.(ICOM versão lusófona, 2010. Negrito nosso)

É difícil determinar quando a Conservação-Restauração tem realmente seu primeiro documento, que poderíamos chamar de “documento da Restauração”. Ainda que haja, descrições de processos de intervenção conduzidos no século XVI, mas não escritas pelos próprios restauradores, mas sim por observadores. (MOORE, 2001) Lahanier, cita Jean- Baptiste Pierre Le Brun, como responsável em 1794 por um registro, do tipo ficha do estado de conservação e relatório de intervenção, de todos os quadros saqueados pelas armadas revolucionárias recebidas pelo serviço de coleção real, oriunda de Flandres, e segundo os autores responsável por associar nesta época pela primeira vez, químicos e pintores afim de estudar os problemas de alterações observadas nas pinturas assim como os produtos empregados. Nas palavras de Emile-Mâle, historiadora de arte, em sua *Mémoire sur la disposition et l'arrangement du muséum national*: “A base fundamental da arte, é o saber”. (EMILE-MÂLE, 1991; LAHANIER et al., 2001, p. 29)

Pela pertinência, introduzimos estas palavras de Moore: “Pioneiros da chamada Conservação moderna como a conhecemos hoje, cientistas como Rathgen, Scott e Plenderleith, não mencionam o conceito de documentação”. (MOORE, 2001)

Se para alguns autores é principalmente o desenvolvimento das coleções que aparecem como fator decisivo do registro de intervenção nas pinturas como possibilidade de condicionalidades das atividades técnicas e preços a serem pagos, para outros são as exigências de um maior rigor nos processos da Restauração de pinturas, com o desenvolvimento do senso de “público”, regras técnicas e deontológicas com a criação dos museus que diferem o estabelecimento dos discursos e práticas que criam a profissão (ÉTIENNE, 2012; SOFIO 2013); assim seria o desenvolvimento destas técnicas específicas e seu aprimoramento que levou no século XVIII, na França e na Europa. Através de uma variedade de circunstâncias, a Restauração de pinturas começa a se tornar uma profissão e determinante para a profissionalização da atividade, segundo alguns autores relevantes na área (MARIJNISSEN, 1995; HÉNAUT 2008, 2009, ÉTIENNE, 2012)

A História da Restauração de pinturas é pouco a pouco objeto da investigação de diferentes especialistas, no conjunto da História das artes, da História dos gostos, História das políticas culturais, da Economia da Arte, da História Cultural, História das Ciências, mas também da Sociologia da Cultura e das Profissões.[...]A criação do Museu é um divisor de águas para os restauradores: promove sua profissionalização impondo uma série de regras, tanto técnicas quanto deontológicas, na prática de suas atividades. Entre essas regras, o requisito de transparência e lucratividade não são sem importância. (SOFIO, 2013, p. 138, 139)

A posição de Massing, (2012) que estuda as origens da profissão de restaurador na França, inclui a melhoria da comunicação entre as cidades, contribuindo para que o conjunto de fatores como colecionismo, livre circulação de pessoas e mudança de status econômico e social de artistas-restauradores, criasse uma perspectiva profissional diferente. Estas circunstâncias provocaram e motivaram um dos mais prestigiosos artistas restauradores (F.T. Hacquin), em 1798, a declarar em sua biografia, o desejo dele e de outros artistas de criar uma escola de Restauração. Para a autora, estes fatores combinados, incluindo discussões polêmicas de técnicas, promoveram a profissionalização impondo uma série de regras, tanto técnicas quanto de qualidade, modificando a prática das atividades. Entre essas regras, o requisito de transparência dos procedimentos aparece, como o começo de uma moderna Restauração. Os segredos e

mistérios de ateliê e a proteção da atividade artesanal foram contestados quando da modificação de seu estatuto privado para público. Deixa de ser de um proprietário, colecionador, que guarda as deteriorações sofridas por motivos econômicos, para ser de domínio público, realizadas ou por funcionários do Estado ou para o Estado e a visibilidade, a descrição das etapas passou a fazer parte das intervenções.

Étienne, ressalta que com as mudanças de regras impostas pela administração real para a Restauração das obras das coleções reais, exigindo uma divulgação das técnicas aos restauradores contribuiu de forma paradoxal, uma certa vulgarização das técnicas e das atividades, ainda que criasse as notas de trabalho e a competição de preços entre diferentes ateliês. Portanto, diante dessa tendência, que cada vez mais os separa os artesãos, artistas, marceneiros entre os funcionários do corpo do museu, os restauradores desenvolvem, no início do século XIX, um discurso e uma identidade que visam aproximá-los de sua posição, estudioso do assunto ou melhor, o "conhecedor" que domina a "teoria prática" da Restauração.(ÉTIENNE, 2012)

Por outro lado, Pichon-Meunier (2011) então responsável pelos documentos do serviço de arquivos do serviço de monumento histórico, biblioteca da arquitetura e patrimônio na França, afirma que, a exigência do dossiê documental, com o surgimento do vocabulário específico da Restauração com foi o que permitiu o surgimento da disciplina.

A partir de uma análise de difusão e organização de saberes, esta proposta de pesquisa que estuda e pergunta como os conservadores-restauradores se reconhecem, se alinham, se enquadram e divulgam conhecimento, especialmente na organização do documento - dossiê de Restauração.

O que está implícito na problemática desta pesquisa é também o conceito de documento, pois ele apresenta uma dimensão intelectual junto a uma dimensão material de inscrição, e às quais se junta uma dimensão social de construção (GARDIÉS; VENTURINI, 2004) Ou, como podemos observar na descrição de Faucher (2013, p. 511), a prática novamente aparece: "O documento sempre incorpora uma prática disciplinar até a prática se apropriar do documento". Ainda que existam protocolos reconhecidos de preenchimento e os relatórios sejam favorecidos mais pelo factual do que pela explicação da proposta de Restauração, os contextos de redação, intervenção, exposição e os códigos devem reconhecer que um objeto real de intervenção é tão complexo para ser apreendido

por um documento, que se corre “o perigo da visão do relatório de Conservação como um formulário” (PAIN, 2011, p. 3) As origens da documentação da intervenção têm sua própria história, e são mais tardias que a intervenção. Quais foram as necessidades ou intenções no começo deste ato?

Ignorar os problemas existentes não os suprime. Talvez seja realmente necessário desaprender, como nos lembra Boaventura de Souza Santos (2019, p. 225):

Desaprender não significa esquecer. Significa lembrar de um modo diferente. Significa retirar as metodologias e as atitudes previamente adquiridas do lugar onde se encontram facilmente a mão, dando uma sensação de segurança aos que a utilizam, e colocá-las em um espaço mental onde podem ser sujeitas aos exercícios de desconforto[...].

A definição geral sugerida de documento como quaisquer resultados dos esforços humanos para informar, instruir, demonstrar, ensinar ou produzir uma evidência, para documentar, usando alguma maneira, é muito focado nas atividades de criação de documentos eficientes, em outras palavras sobre práticas perfeitas. Ao mesmo tempo, não há muitos discursos humanos para dizer, explicar e narrar o esforço, as dúvidas, as fraquezas, as dificuldades, as ausências. Para transmitir essa estreita relação entre processo e produto, pode-se falar sobre processos de documentação.

Já o termo “**documentação museológica**”, nesta pesquisa, é usada para assinalar a documentação que circula dentro da instituição museológica, não sendo, porém, unívoca. A definição do *International Committee for Documentation of the International Council of Museums* (CIDOC-ICOM), criado em 1950, o fórum privilegiado de documentação de museus, descreve como documentação museológica.

Os registros que documentam a criação, o histórico, a aquisição pelo museu e a história vivida de todos os objetos do acervo. Esses registros incluem documentos de proveniência e origem, documentos de aquisição, relatórios de Conservação, registros de catalogação, imagens e pesquisas, sendo criados pela instituição detentora do objeto, proprietários anteriores, pesquisadores independentes etc. O termo também se aplica ao processo de coleta dessas informações. (ICOM-CIDOC, 1995, p. 23-tradução nossa)

Ainda que os dossiês de Restauração possam ser considerados “**informação em arte**”, segundo Pinheiro (2000), que define pela primeira vez este conteúdo, a matéria da obra é ressaltada no esquema “pertinente” aos museólogos.

Informação em Arte é o estudo da representação do conteúdo informacional de objetos de Arte, a partir de sua análise e interpretação. Nesse sentido, a obra de arte é fonte de informação, objeto de estudo e trabalho pertinente a museólogos, em museus de Arte. Esse procedimento, que abrange a análise e interpretação inclui linguagens e técnica artísticas, assim como a ambiência, o cenário, **o contexto, sua inserção num determinado tempo e espaço** (História da Arte), fluxos e transferência de informação em museus de Arte, especialmente em exposições, implantação de redes e sistemas em museus, impactos das tecnologias de informação e comunicação – TICs em museus etc. (PINHEIRO, 2008, p. 4, negrito nosso)

O dossiê de Restauração, dentro do laboratório, privilegia a história de vida, de percepção visual e de inclusão na História da arte na observação do material. A cor vista ou descrita por um físico ou um químico não é a mesma de um artista, de um historiador de arte ou de um restaurador.

Alguns procedimentos devem ser seguidos, algumas informações devem constar na elaboração do dossiê, interrogando assim o objeto em toda sua materialidade.

- Contribui imensamente para a compreensão de muitas questões a biografia do artista, pois expõe o contexto técnico e social de criação da obra. As obras levadas para exame no laboratório ajudam a interpretar a evolução das alterações e deteriorações em seus contextos, quando conhecidos.
- Anotações (devem ser feitas durante todo o tratamento); fotos também; a linha de tempo deve acompanhar todo o percurso no laboratório: a entrada da obra, todas as intervenções e a finalização. Muitos elementos aparecem depois da limpeza do verniz, o que normalmente não é possível antes da decisão de intervenção. Sem esquecer da retirada de retoques sobre a pintura original, muitas vezes encoberta;
- Dados de identificação devem sempre ser confirmados. Os erros de qualquer tipo necessitam ser evitados;
- Título da obra, autor, dimensões, época, origem, procedência, proprietário, objetivo principal;
- A trajetória e cronologia da vida do artista deve ser conhecida, e se não constar na documentação primária enviada ao laboratório, é necessária sua realização antes

de qualquer intervenção. (NARCISSE²⁵, NICOLAUS, 1999; LAHANIER, 2001; TEIXEIRA, 2010)

Nicolaus (1999), considera que muitas das questões durante o tratamento de intervenção, devem ser respondidas neste momento introdutório, de análise e avaliação do estado de conservação da obra no laboratório. Adverte que a documentação seja realizada em geral na seguinte ordem, considerando o objeto, em um conjunto mais amplo, lembrando: de propriedade de um museu.

A fase de conferência dos dados, pois o objeto nem sempre é marcado com um número único de inventário da instituição detentora, pode também ter sido recém adquirido ou está em avaliação para compra. Que exige um cuidado excepcional, a avaliação pode comprometer a compra e os documentos de seguro. O registro geral da instituição assim é válido com a propriedade definida ou validação da documentação existente. Documentação escrita e fotográfica. A validação das informações de natureza histórica, e técnica, “na ideia de que nunca é demais conferir”, verificar a assinatura, métodos de fabricação, materiais constituintes (suportes), identificação das causas de degradação mais avançadas, desenhar as partes faltantes, descrição da natureza das deteriorações. O nome da instituição que é responsável pela obra, a detentora, ou propriedade de alguém (costuma ser doadores ou marchands quando realizados em laboratórios públicos), ou se o serviço é executado para o mercado, unicamente como provável para compra ou doação. O que aprendemos em um grande laboratório com diferentes disciplinas participando de um possível processo de intervenção de uma obra,

²⁵ NARCISSE. Base sobre as pinturas de cavalete da base documentária do C2RMF. *Laboratoire de recherche des musées de France*. As informações foram compiladas do documento, dossiê de obra, mas não podem ser inseridos aqui como anexo, pois não possuem autorização de divulgação. Foram documentos de trabalho quando dos estudos no C2RMF, na base EROS. Com as seguintes instituições colaboradoras:

Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Lisboa; *Banques de Données des Biens Culturels Suisses*, Bern *Laboratoire de Recherche des musées de France*, Paris; *Rathgenforschung Laboratorium*, Berlin; *Instituições associadas: Collège de France*, Paris *Département de Affaires Internationales*, Ministère de la Culture, Paris; *Direction du Patrimoine*, Service de l'Inventaire, Ministère de la Culture, Paris *Generalitat de Catalunya- Servi de Restauración de Bens Mobles*, Barcelona, *Institut Suisse pour l'étude de l'art*, Zurich *Istituto Centrale per il Restauro*, Roma *Istituto di Fisica Politecnico*, Milano *Museo del Prado*, Madrid *Pinacoteca di Brera*, Milano *Service de Restauration des musées de France*, Versailles; *Statens Museum for Kunst*, Kobenhavn *Smithsonian Institution Conservation Analytical Laboratory*, Washington C2RMF-sites temáticos de Conservação-Restauração. Disponível em: <<https://www.culture.gouv.fr/Sites-thematiques/Conservation-restauration/Ressources-documentaires/Bases-de-donnees>>. Ver também: C2RMF: Disponível em: <<https://c2rmf.fr/consultation-des-bases-de-donnees-du-c2rmf>>. Acesso em: 12 set. 2019.

ou autenticação, é ter sempre as perguntas, as dúvidas, os dilemas, em mente. São elas que nos dirigem a diferentes serviços de exames.

As metodologia para a redação do relatório de intervenção, ou fichamento técnico obedece geralmente à um certo número de questões que estão relacionadas com os problemas a serem investigados ou resolvidos. Algumas destas questões são elencadas a seguir, sem a pretensão de ser exaustivas.

- O que se quer resolver?
- Quais são os principais problemas do processo de deterioração?
- Qual o tipo do suporte?
- A tela está suportando a camada de pintura?
- Apresentação da descrição da substância original, relacionada principalmente com o material com que a obra foi realizada, assim como sua estrutura e técnica de execução.
- Tem indicação de origem, locais de exposição e estocagem?
- Qual o tipo de tecido?
- Qual é o desenho da trama?
- Tem costuras originais nas bordas?
- Qual o tipo de fibra? Linho, cânhamo? Seda?
- O suporte é original?
- Necessita de esquemas de construção? (possível análise de dendrocronologia)
- Quais as informações sobre o suporte de madeira? Tipo de madeira (questões para suporte em madeira são diferentes questões se em tecido. Madeira: qual a natureza da madeira, o sentido das fibras, corte, tipo de colagem, reunião de elementos, dimensões originais? Possui curvas e deformações?
- Qual o número de peças que compõe?
- Qual a espessura?
- Como se apresenta o corte das tábuas?
- A montagem está segura? E a colagem(assemblément)
- Existem evidências das ferramentas antigas?
- Qual o desenho do formato do bordo das tábuas?
- Quais são as evidências de sistema de sustentação?

- Quais foram os tratamentos recebidos na preparação das tábuas?
- Sobre a tela: Descrição a mais completa possível:
 - Tipo;
 - Fibra;
 - Tecelagem ;
 - Torção (Z ou S);
 - Grossura do fio;
 - Fios de teia e trama por cm²;
 - Sentido da teia e trama;
 - Borda da tela;
 - Costura original;
 - Inscrições no verso/assinaturas,
 - Tipo de proteção original do verso;
 - Permite exposição?
 - Tem marcas de qualquer tipo?

Estas são apenas algumas das questões a serem respondidas nos primeiros encontros, nos primeiros olhares. (NICOLAUS, 1999; TEIXEIRA, C2RMF, Notas de trabalho, 2010; , MAZZA et al., 1990; C2RMF)²⁶

O exame começa a olho nu, sem microscópios ou luzes especiais, observação direta, exame visual da frente e do verso da obra. Em um momento posterior, serão usadas as lentes de aumento e/ou microscópios binoculares e eletrônicos.

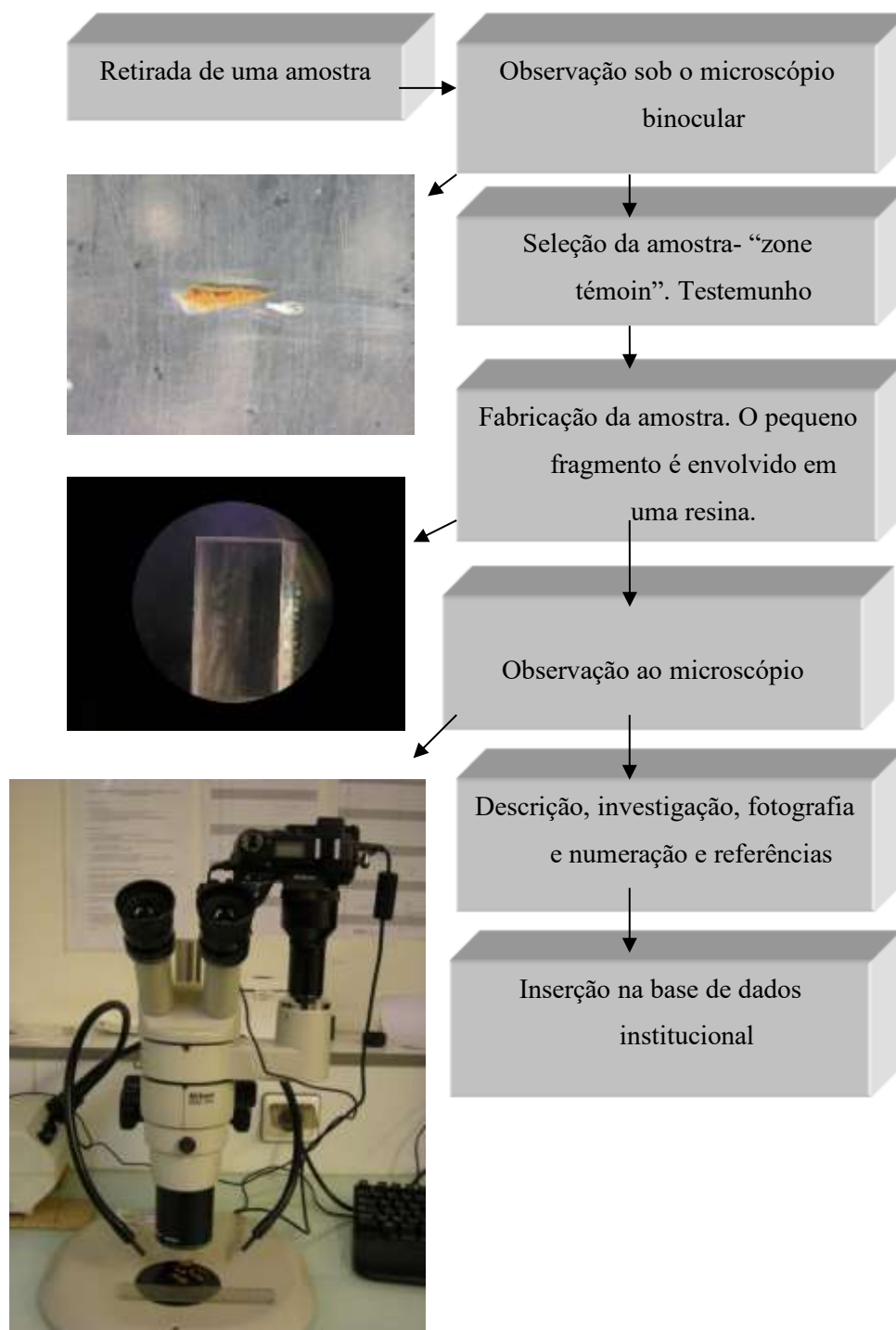
A luz comum não mostra a parte visível de um fenômeno maior que são as radiações eletromagnéticas. O exame de luz tangencial e rasante consiste em diferentes tipos de luzes utilizadas “para iluminar a pintura” e permitir diferentes percepções visuais. A radiação ultravioleta – fluorescência que com o uso de uma lâmpada chamada luz negra ou lâmpada de Wood – permite observar a obra com nuances visuais diferentes e pode revelar retoques, repinturas, costuras imperceptíveis à luz natural ou comum. Alguns laboratórios de museu mantêm fontes iconográficas importantes com pinturas de cavaletes sob fotografia em luz normal, fluorescência ultravioleta, infravermelha, luz

²⁶ Muitos autores foram consultados para este exemplo, assim como algumas notas de trabalho durante o estágio no C2RMF inclusive. Ver : Referências

rasante, microfotografia, macrofotografia, radiografias etc. Uma alteração na maneira como a luz incide sobre a obra pode evidenciar muitos fenômenos diferentes e complexos. Todas as informações, como técnicas de realização, possíveis deteriorações ou alterações permitem um retorno aos procedimentos escolhidos de intervenção, podem elucidar dúvidas e levantar perguntas que serão respondidas, ou não, e definir o instrumento de trabalho. Todas estas informações podem ser também um instrumento de pesquisa que permita nosso conhecimento e determine o fluxo de interdisciplinaridade ali contido.

A deterioração exige, muitas vezes, amostras de materiais pertencentes à obra. São retirados minúsculos elementos da matéria da obra, embora este procedimento possa ser considerado intrusivo – mesmo que representem menos de 1 milímetro. A figura a seguir permite acompanhar a elaboração de amostra para guarda e análise, a busca de tecnologia química da época da realização da obra, a estrutura das camadas da pintura, a proporção de fundo em relação às camadas de pintura. A figura a seguir, descreve as etapas.

Figura 2: Etapas da análise de amostras e a observação no microscópio acoplado de uma câmera:



Fonte: Foto e descrição: Suzi Costa. C2RMF, Paris, Museu do Louvre.2010.

Todos os procedimentos devem ser relatados e acompanhados de descrição e fotos como podemos observar a seguir:

Figura 3: Fotografia da estratigrafia de uma amostra de pintura a óleo, conforme aparece na retirada , descrita na figura anterior



Fonte: Foto e descrição: Suzi Costa. C2RMF, Paris, Museu do Louvre. Descrição da figura acima: Fundo de preparação branca, carbonato de cálcio com cola animal. Fina camada de cinza; Cristais de azurite com médium marrom.

Proteger a integridade material de um bem cultural inclui documentá-lo adequadamente; trata-se de uma condição inerente, fundamental à própria existência da atividade do restaurador. Acrescente-se a isso uma perspectiva de responsabilidade ética na abordagem em que a criação, tratamento e acesso à informação não enfatizam somente a capacidade de guarda de dados, mas também as implicações políticas, sociais e econômicas daí derivadas. Qualquer intervenção em um objeto museológico antes e durante a Restauração deve ser orientada por uma observação criteriosa, um esforço intelectual, treinamento cognitivo, aliado à prática do olhar. A experiência do olhar do restaurador, baseada especialmente na observação a olho nu, é amplificada consideravelmente com o progresso técnico e científico. Atualmente, mais um critério começa a se impor: o de utilização de materiais que não apresentem risco de toxicidade para o profissional e para o meio ambiente. (TEIXEIRA, 2010)

Podemos encontrar diferentes designações deste instrumento de trabalho do conservador-restaurador, ao longo do tempo, que poderão ser inclusive utilizadas neste projeto de pesquisa, em diferentes momentos. Assim, reforçamos o uso de Dossiê de Restauração. Parece mais adequado para aglutinar em um termo os registros que devem

ser anexos a obra como um número de inventário. No Brasil, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) se valem do Relatório do Estado de Conservação e adotam Ficha Técnica; ficha do estado de conservação da obra. Nos museus da França, os fundos documentais do *Centre de Recherche et Restauration des Musées de France*, nos Serviços de Restauração, do Museu do Louvre, utilizam: *dossier d'atelier, dossier d'œuvre, dossier documentaire sur l'œuvre, rapport d'intervention, fiche de santé e constat d'état*. No Canadá, aceito pelo *Canadian Conservation Institute*, tem-se, em francês : *le constat d'état, le rapport d'examen périodiques et la fiche cumulative* ; em inglês : *records of condition, the condition report, the Inspection report, condition survey, condition assessment, e the cumulative condition report e Conservation documentation*.

No dossiê, costuma se usar a terminologia de formato decidida pela instituição. Ainda que o ICOM, tenha investido esforços para substituir as práticas de escolha de termos por um vocabulário controlado, não há ainda de nosso conhecimento uma obra terminológica e específica, documento linguístico com glossário exclusivo para conservação- restauração. No entanto, existe o, *The Getty Art and Architecture Thesaurus* (AAT), por exemplo, que usa alguns dos termos mais utilizados.²⁷. No dossiê de intervenção, não se valorizam somente a descrição de estilo artístico, a técnica, as dimensões da obra, seu título ou número como costumam ser as informações identificatórias básicas do objeto museológico. Hoje, valem também os arquivos de imagens, textos, gráficos e desenhos que geralmente respondem às perguntas que são feitas pelo restaurador na hora do tratamento – antes e durante a intervenção. Restará um conjunto de registros que representará toda uma história de existência da obra; existência estética, simbólica, histórica de intervenção científica.

“O objetivo comum a todos os relatórios do estado de conservação da obra é estabelecer a situação material em determinado momento” (TOUILLON-RICCI, 2014, p. 106) De fato, dá-se atenção especial aos resultados oriundos dos testes científicos e suas

²⁷ Alguns exemplos: -CALVO MANUEL, Ana María, **Conservación y restauración. Materiales, técnicas y procedimientos de la A a la Z**, Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997. (ACM (1) (PDF) Terminología básica de conservación y restauración del Patrimonio Cultural. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323613615_Terminologia_basica_de_conservacion_y_restauracion_del_Patrimonio_Cultural > Acesso em: 10 set, 2019.
-GIANNINI, C.; ROANI, R. **Diccionario de restauración y diagnóstico**. Editorial Nerea, 2008. AuthorDonostia-San Sebastián: Editorial Nerea, . 2008.Series: Arte y restauración, 14.

conclusões, geralmente escritos após um diálogo entre os diversos profissionais que participaram destes testes. Algumas respostas são um verdadeiro exemplo do trabalho de interdisciplinaridade. (TEIXEIRA, 2010)

Na mesma intenção de obter e aglutinar todas as informações possíveis, faz-se uma pesquisa do contexto histórico de criação da obra. Inclui-se nesta lista bibliografias que deverão estar referenciadas no dossiê de restauração. Algumas pinturas guardam até mesmo certas notas anteriores à sua entrada no museu. Na tentativa de interpretar as intervenções anteriores e a reflexão sobre o histórico das decisões tomadas, muitas anotações são feitas ao longo dos trabalhos. Em geral, respondem a algumas perguntas: Teve mudança de decisões ao longo da criação? Aconteceram aplicações técnicas malsucedidas? Resultados na conclusão da obra foram duvidosos, segundo o artista? Também deve constar a identificação de quem foi o responsável pelos tratamentos efetuados. (ARAAFU, 1995, 2003; CIDOC, 1995; IICC, 1989; ICOM, 2006; JUSTICIA, 2009)

A primeira função destas informações é a de qualquer disciplina científica: estabelecer as bases de um conhecimento válido que conduza a uma interpretação ou determine a escolha de um método, permitindo assim a verificação da proposição; e a segunda é ilustrar a demonstração com exemplos apropriados. (LAHANIER et al., 2003, p. 2, tradução nossa)

As fichas de Estado de Conservação, as fichas de tratamento, os relatórios científicos de análise de pigmentos ou vernizes, fichas de diagnóstico inicial, ficha de intervenção, desenhos, estudos etc. são informações que explicitam não somente o estado material da obra em um momento específico, mas também as alterações encontradas. Estas informam o possível resultado, e são examinadas para decidir sobre um local de exposição, um transporte ou uma transferência. Os dossiês também são consultados pelos historiadores da disciplina de Conservação-Restauração para conhecer a metodologia e a aplicação de uma teoria ou tratamento. Atualmente, são exigidos em caso de roubo ou de perda por sinistro. Estes dossiês devem estar disponíveis, completos e atualizados para serem fornecidos às autoridades requerentes. Os documentos que compõem o dossiê de Restauração fazem parte da história da criação do museu público. Assim escreve o historiador Bittencourt:

Aí reside, enfim, talvez a principal função dos museus: conservar a morfologia e o sentido dos artefatos como meio de conservar suas interpretações. É necessário esclarecer que, independentemente de quais sejam os artefatos e as interpretações, terão de caber entre dois marcadores: patrimônio e documento. É possível pensar que são esses os dois sentidos que inauguram o “objeto museológico”.(BITTENCOURT, 2013, p. 51)

É fato que todos os profissionais que redigem um dossiê de Restauração devem conhecer o princípio fundamental de garantir o respeito pela significação histórica, cultural estética e artística do objeto trabalhado. Em um dos documentos mais importantes sobre a Conservação- restauração, de 2008, da *Confédération Européenne des Organisations de Conservateur-Restaurateur* (ECCO) e do ICCROM, o reconhecimento profissional do conservador-restaurador é citado, assim como a afirmativa de que os projetos devem resultar de processo interdisciplinar, entre o conservador-restaurador e os outros grupos profissionais.

Antes de iniciar qualquer ação ou intervenção em uma obra, o conservador-restaurador deve colher todas as informações capazes de gerar e salvaguardar o conhecimento a seu respeito, além de levar a cabo um acurado exame de sua composição e estado de Conservação, recorrendo para isso, se necessário, a instituições e técnicos de outras áreas, nacionais ou internacionais. Os resultados desse exame devem ser extensamente anotados e documentados, fotograficamente, por meio de gráficos, mapas, tabelas e análises estatísticas. Baseado nesses dados, o restaurador elaborará um relatório sobre a peça e estabelecerá o procedimento a ser seguido, o qual deverá ser apresentado ao proprietário ou guardião legal do bem. Durante o tratamento devem ser anotadas todas as intervenções de Conservação-Restauração, como produtos químicos (com a proporção ou percentagem de cada componente da mistura) e técnicas empregadas, seus efeitos e resultados, bem como quaisquer informações consideradas relevantes. A documentação fotográfica deverá acompanhar os passos mais expressivos do tratamento e registrar o efeito final da obra após o término do trabalho²⁸(ABER et al. 2013)

A Conservação-Restauração foi construída como disciplina em torno da questão patrimonial, que sendo uma construção social reflete não apenas técnicas, mas também

²⁸ Código de Ética do Conservador-Restaurador de Bens Culturais é uma publicação conjunta das seguintes associações e entidades representativas: Associação Brasileira de Encadernação e Restauo (Aber); Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (ABRACOR); Associação Paulista de Conservadores e Restauradores (APCR); Associação Catarinense de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (ACCR); Associação de Conservadores Restauradores de Bens Culturais do Rio Grande do Sul (ACOR-RS) e Associação de Restauradores e Conservadores de Bens Culturais (Arco.It, Paraná) dezembro, 2013. O presente texto foi elaborado a partir dos códigos do International Council of Museums – ICOM, do American Institute of Conservation – AIC, European Federation of Conservator-Restorers` Organizations – ECCO e de DUVIVIER, Edna May de A. Código de Ética: um enfoque preliminar, in: Boletim da Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais – ABRACOR, Ano VIII, n. 1, julho/1988, Rio de Janeiro/RJ Disponível em: <http://aber.org.br/img/codigo_de_etica_2013.pdf> . Acesso em: 12 jul. 2019.

articulações econômico-políticas, disponibilidades tecnológicas, políticas públicas, relações de poder e privilégios institucionais.

Corbeil, responsável pela *Conservation Science Division, Canadian Conservation Institute em Ottawa*, no Canadá, afirma que no campo do patrimônio cultural material, a conservação, e o adjetivo agrupado “multidisciplinar” e “interdisciplinar” é usado para descrever diferentes tipos de coisas. (CORBEIL, 2015, p. 34) E complementa: No entanto, na literatura internacional em inglês (conferências ICOM-CC, Congressos e estudos em conservação da CII), houve um notável aumento nos últimos dez anos em artigos dedicados a estudos composicionais e técnicos ou de técnicas analíticas, e uma queda concomitante no número de tratamentos e estudos de deterioração. Afirmando que Conservação como disciplina é ainda mal definida pelo tipo de trabalho da “ciência da conservação”, (aspas nossa) a atividade é ainda percebida de forma periférica. (2015, p. 33)

A integração existente hoje entre tecnologia, rotinas de documentação, códigos deontológicos e toda uma série de interações, exige um esforço crescente dos que pensam a documentação de arte na sua relação com a produção e disseminação da informação, mas também seus desdobramentos políticos, sociais e econômicos. Lembremos o artigo sobre a profissionalização no museu e os estudos de Museologia de Welsh (2013, p. 440), que, utilizando os termos “Materialidade”, “Engajamento” e “Representação”, expressa muito bem a transversalidade dos trabalhos no museu, onde nenhuma atividade existe isolada. Fazem parte destas medidas de controle e regulação a exigência de mais exames antes de qualquer intervenção.

Considera-se que diferentes modalidades de regulação exercida por meio de normas e códigos ético-deontológicos têm contribuído para a precisão na atividade do restaurador na elaboração do dossiê de Restauração, assim como em sua gestão. Políticas nacionais e internacionais de proteção de bens culturais têm tentado desempenhar, ao longo do tempo, junto com o desenvolvimento profissional e científico da atividade da Conservação-Restauração, um maior controle, relacionado também com a formação profissional. O que, sem dúvida, colaborou para a reflexão sobre as práticas e construiu um saber teórico. Estes movimentos ajudaram a evitar possíveis abusos, intervenções desastrosas ao patrimônio cultural que marcaram a história do desenvolvimento das coleções dos museus. A pergunta é, tem se aperfeiçoado? Tem sido aplicada? Os

problemas são reconhecidos e pensados? Existe um reconhecimento da necessidade de um repensar informacional neste ambiente de laboratório, assim como dentro do próprio museu?

Em nossos dias, em contexto político e econômico excepcional, produzir, tratar e preservar dados textuais, iconográficos e gráficos elaborados nesses dossiês pode se tornar mais complexo.

A educação cultural é agora necessária porque uma personalidade e reflexão flexíveis são habilidades vitais na sociedade hiper fluída de trabalho e de consumo. [...] O cultural se torna econômico, enquanto a economia e a política são facilmente transformadas em cultura. [...] É inútil para a arte oferecer, da maneira tradicional, uma crítica às instituições de controle, tais análises fazem parte do “conhecimento” com o qual essas instituições são construídas. (HOLMES, 2001, p. 52)

Propostas, valores e interesses profissionais, políticos, econômicos, sociais, ligados a informação tecnológica e científica são reconhecidos como presentes, mas de que maneira? “O que Pierre Bourdieu afirma a propósito da ciência é ainda mais válido com a tecnologia. A palavra *técnica* é em geral percebida como separada de qualquer preocupação política e ética” (DECHARNEUX; GOB, 2007, p. 55, tradução nossa) As habilidades e competências são muitas para produzir estes registros de forma responsável. E em nossos dias tal responsabilidade ampliou-se com a introdução irreversível das TICs, o que determina uma mudança nestes registros e indica para os que refletem sobre esta importância documental que estes dossiês/memória da obra estão em processo de mudança, rápida, inconsistente e sujeita a impactos tecnológicos e políticos ainda não compreendidos em seu inteiro risco.

A crença em arquivos de memória coletiva, livres de limitações e problemas de espaço físico e de absoluto rigor técnico e científico, conforme Lévy (2012), é potencialmente enganosa, pois não reflete sobre as possíveis implicações político-econômicas do contexto onde são exercidas. O esforço de um pensar mais elaborado sobre instituições de memória, tecnologia e documentação reconhece os diferentes enfoques. Sabe-se frágil, admite que existem implicações ruidosas na escrita e nas formas de registrá-la. Um conjunto de fatores comuns e complexificantes do cotidiano; as implicações econômicas, políticas, culturais, tecnológicas e éticas somam-se e dialogam nas específicas áreas de estudo. Vejamos nas palavras de Miranda:

Grande quantidade de necessidades humanas pessoais está na raiz da motivação pelo comportamento de busca de informação, indicando que elas são inter-relacionadas, gerando, conjuntamente, o engajamento na busca por informações. As necessidades nascem dos papéis dos indivíduos na vida social, e o mais relevante desses papéis é o papel exercido no trabalho. (MIRANDA, 2006, p. 102)

Obras de arte públicas, monumentos, museus participaram assim deste grande movimento de desenvolvimento ocidental das técnicas, gestão e estratégias para perpetuar os “testemunhos do passado” e “a memória cultural da nação”, legitimando as políticas de construção do conceito da nação. Mas o mundo mudou e com ele a forma de “produzir” a memória. Em outras palavras, surge o reconhecimento de que, a partir da institucionalização das coleções, primeiramente dos reis e depois republicana, haverá a necessidade de controle da execução do orçamento, tanto do valor a ser pago aos artistas restauradores como o registro do que cada um propôs como solução ao problema encontrado na obra. O Estado nacional aprimora o conceito de documentação pública para maior controle econômico e político. E, nesta direção, criam-se os departamentos de documentação antes mesmo da criação das primeiras escolas profissionais de Restauração.

As novas configurações de estratégias de tratamento documental necessitam não apenas da dedicação e competência dos curadores, museólogos e conservadores-restauradores, mas também de recursos financeiros e tecnológicos que são contraditórios com a nova política de menos recursos para a cultura. Almeida reforça estas contradições na citação a seguir:

A economia internacional — um sistema articulado de economias nacionais intercambiando bens, serviços, capitais e tecnologia, em um contexto dinâmico de assimetrias estruturais — passou por diversas fases ao longo do século XX: saltos tecnológicos, mudanças de padrões monetários, crises financeiras, anos de crescimento sustentado seguidos de conjunturas de estagnação, surtos de liberalização alternando com impulsos de protecionismo comercial, incorporação de novos atores econômicos e preservação de velhas desigualdades estruturais, fases de fechamento e de abertura aos movimentos de pessoas e aos fluxos de capitais, redistribuição dos fluxos de renda na direção de novos centros de acumulação e confirmação de antigos mecanismos de concentração e de acumulação, enfim, uma gama variada de tendências e de ciclos tão diversos quanto os processos políticos que marcaram um século ao mesmo tempo destruidor e criador. (ALMEIDA, 2001, p. 112)

Para Marty (2005) nas últimas décadas, em particular, houve uma mudança de direção na ideia de que museus eram depositários de objetos. Hoje, já se admite que são

repositórios de conhecimento. Uma busca de orientação não reducionista, não dissociada da ética e da política, enfim, interdisciplinar como o que Boaventura Santos (1987) define:

A ciência moderna nos legou um conhecimento funcional do mundo que alargou extraordinariamente nossas perspectivas de sobrevivência. Hoje não se trata tanto de sobreviver, mas de saber viver. Para isto, é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos. (SANTOS, 1987, p. 59)

Os meios de aquisição do conhecimento, as possibilidades de pesquisa – sejam sobre um objeto, seja sobre um fenômeno – se ampliam com a interdisciplinaridade. Construções que resultam em um processo sistemático de coleta de dados e análise visando interpretar algo em particular as experiências pessoais do pesquisador e acrescentam sua imaginação intelectual e sua possibilidade de fomentar conjunturas e novas ideias.

Um projeto de Conservação-Restauração de objetos considerados importantes para a sociedade e com seus complexos desdobramentos interdisciplinares, políticos, econômicos, possivelmente será vitorioso quando novas maneiras de pensar e disseminar estes conhecimentos forem conhecidos e analisados. Assim, estudados num contexto, nos permitem em situação real evidenciar a cultura de valores que partilham os responsáveis por este documento, assim como o fluxo de informação que o permeia.



6 INTERDISCIPLINARIDADE E AS DINÂMICAS DE COLABORAÇÃO

Antes de abordar a questão teórica, do que pode ser considerado como interdisciplinaridade, os principais elementos do conceito “disciplina científica” devem ser considerados. Disciplinas podem ser concebidas como diferentes tipos de organizações sociais para a produção de conhecimento (WEINGART, 2000)

As disciplinas como estruturas intelectuais e sociais através das quais historicamente o conhecimento moderno é organizado (BORDONS et al. 2004), formam a estrutura tradicional de pesquisa e ensino nas universidades e têm sido a base da estruturação interna em departamentos e faculdades na maioria das universidades (OCDE, 1999, apud RINIA, 2007)

Sobre o assunto da disciplinaridade, Pombo (1994, p. 5) ressalta a importância dos “princípios discursivos, perspectivas teóricas e modos de funcionamento” que caracterizariam uma disciplina. Assim, o conjunto de conceitos, terminologias, dados empíricos, reflexões, dúvidas, da Conservação-Restauração, refletiria uma disciplina singular, e as distintas disciplinas que a abraçam provocando uma complexidade nos estudos dos programas, do objeto e dos métodos, nos elementos de formalidade e organização, assim como nos problemas e soluções encontrados na atividade da regulamentação profissional relacionado a disputa de poder nas atividades do museu. Alguns veem mesmo esta mistura de artesanal, atividade técnica, fazer manual um sinal do modelo da posição subalterna da Conservação-Restauração na paisagem profissional, diante dos museólogos e conservadores e categorias reconhecidas. (MAIRE, 2017)

Argumentando que a Conservação-Restauração, se liga ao domínio da História da Arte muito mais que à Museologia nesta pesquisa, temos ARTE como campo de conhecimento, que seguindo tabela da CAPES, tabela de áreas de conhecimento. PINTURA.

- 1º nível - **Grande Área**: aglomeração de diversas áreas do conhecimento, em virtude da afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais refletindo contextos sociopolíticos específicos; LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES
- 2º nível - **Área do Conhecimento** (Área Básica): conjunto de conhecimentos inter-relacionados, coletivamente construído, reunido segundo a natureza do objeto de investigação com finalidades de ensino, pesquisa e aplicações práticas; ARTES

- 3º nível - **Subárea**: segmentação da área do conhecimento (ou área básica) estabelecida em função do objeto de estudo e de procedimentos metodológicos reconhecidos e amplamente utilizados; PINTURA
- 4º nível - **Especialidade**: caracterização temática da atividade de pesquisa e ensino. Uma mesma especialidade pode ser enquadrada em diferentes grandes áreas, áreas básicas e subáreas. (CAPES, 2014)

A autora Rosado (2011), reproduz em sua tese reproduz as palavras de Ainsworth (2005), que considera que o começo da interdisciplinaridade em pintura começa com o projeto Rembrandt.

Os estudos sobre Rembrandt como representantes do verdadeiro estudo interdisciplinar sobre pintura. O envolvimento de diversos especialistas vindos de diversas áreas do conhecimento, incluindo a ciência da conservação, neste estudo permitiu que fossem formuladas conclusões mais fundamentadas, que geraram mudanças a respeito de algumas datações e atribuições das obras de Rembrandt. (ROSADO, 2011, p. 45)

Ainsworth, ainda neste artigo citado por Rosado, afirma que é inegável que a atividade de *connoisseurship* adquiriu uma má fama ao longo dos anos. Isso se deve em parte ao conflito de interesses que pode se desenvolver nas relações entre curadores, historiadores e comerciantes de arte. Os conflitos oriundos de exames científicos sobre obras de arte e a análise por *connoisseurship* tem sido noticiado. Wilensky se refere as questões das lutas de profissionalização como : “Heroicas batalhas” (1964, p. 137)

As dinâmicas da preservação e conservação do patrimônio, não escapam das dificuldades encontradas hoje pelo capitalismo global. Isto nos permite argumentar de que a interdisciplinaridade na Conservação-Restauração traz em seu bojo, a riqueza de conhecimentos como também influencia a cultura institucional de diferentes atores com formações diversas a disputar a competência, a perícia e o cargo do Conservador-Restaurador. Temos assim, Historiadores de Arte com especialização em conservação, Cientistas da Conservação, Químicos com formação em patrimônio etc.

Ressalto o uso da interdisciplinaridade no exame e documentação dos bens culturais. O que normalmente passa despercebido é que as disputas disciplinares, a situação profissional dos Conservadores-Restauradores no mesma atividade com grupos vizinhos, impede, muitas vezes, o desenvolvimento de uma organicidade necessária para fazer a ponte entre disciplinas suportando uma metodologia adequada e possível. Uma reflexão criadora, questionadora, deve ser assumida para que se possa reconhecer os

problemas da documentação da Conservação-Restauração. Sobre a redação da documentação, Hénaut chama atenção sobre a dominância estrutural dos conservadores de museu (em oposição aos restauradores), que cooperam para a execução de um serviço onde ao mesmo tempo competem pelo controle operacional. (2011)

Se considerarmos as diferentes áreas que participam da documentação da restauração de pinturas, podemos afirmar que talvez seja a mais interdisciplinar, pela aproximação que faz em sua mandala (PINHEIRO, 2018) de áreas e subáreas das ciências de naturais e humanas.

Henriques, a seguir, fala das metodologias da documentação citando algumas dos profissionais envolvidos:

[...]Salienta-se o suporte dado por diversas matérias das áreas sociais e humanas (Ética e Deontologia, Teoria do Restauro, Arqueologia, História, História das Técnicas Pictóricas, Iconografia e Iconologia, Estética, Etnologia, Filosofia, Paleografia, Legislação em Patrimônio, Colecionismo, Peritagem da arte), de algumas Ciências Exatas (Física, Química, Mineralogia, Biologia, Teoria da cor, Métodos de Exame e Análise, Métodos Estatísticos), focalizadas sobretudo em estudos de materiais, bem como algumas técnicas de documentação (registro gráfico, técnicas fotográficas, radiográficas, refletográficas, métodos de representação/geometria descritiva) e ainda de outras disciplinas com determinadas especificidades, Museologia e Conservação Preventiva, Gestão de Coleções, Marketing Cultural, Técnicas de Produção e reprodução Artística, Técnicas de Laboratório e Segurança, Tratamento de Imagem, entre outras (HENRIQUES, 2012, p. 23)

Como afirmar a participação do conservador-restaurador na dinâmica interdisciplinar na documentação museológica em museus? A maior parte dos documentos que consultamos, com documentação museológica no título, sobre documentação em museus, não continham mais de duas referências aos documentos da restauração.

E a pergunta, resiste: “Qual o lugar do conservador-restaurador na sociedade do amanhã?” (BERGEON, 1995)

Yassuda, (2009) descreve bem os métodos de documentação em museu em sua pesquisa, mas seguindo um padrão que reconhecemos na maior parte dos textos da Ciência da Informação, privilegia outros que não os conservadores-restauradores neste processo. Em seu texto que enfatiza consenso na relevância do controle terminológico, e enfatiza as questões referentes ao controle de vocabulários e as terminologias descritivas, assim temos:

Os catálogos de museus podem aparecer sob diferentes denominações, ficha de inventário, ficha de registro, ficha classificatória, ficha descritiva ou mesmo ficha catalográfica. Dentre os Comitês Internacionais do ICOM, o CIDOC trata dos assuntos relacionados à documentação da coleção de museus. Criado em 1950, o CIDOC/ICOM contou com a colaboração de **curadores, bibliotecários, especialistas em informação**, que tinham interesse em documentação, registro, gerenciamento e informatização de coleções. (YASSUDA, 2009, p. 34-56, **negrito nosso**)

Não podemos interpretar o fenômeno da interdisciplinaridade sem abordar, em algumas linhas, o processo epistemológico que a originou, assim como a própria ideia de disciplina. A riqueza da fundamentação traz também riscos de alcance.

Convém dedicar-lhe tempo e algumas linhas para compreender as principais questões levantadas durante a redação deste texto, pois a necessidade de pensar uma investigação na Ciência da Informação sem esta abordagem, assim como na Conservação-Restauração, seria impossível, já que entendemos que o resultado de uma “questão de pesquisa” só existe com a contribuição interrogadora de mais de uma especialidade, de mais de um caminho, mais de um campo.

Gattás e Furegado (2006) salientam que um aspecto comum a todos os que pensam a interdisciplinaridade é percebê-la como atitude, como postura profissional que reclama cooperação, respeito à diversidade, abertura para o outro, vontade de colaboração, diálogo, humildade e ousadia. O que geralmente é dificultado pela batalha por apropriação de atividades, crise econômica e competências profissionais.

Japiassu, autor reconhecido e defensor do pensamento interdisciplinar, chamado de “nucleador” do pensamento indisciplinar no Brasil por Pinheiro (2009), chama a atenção para a grande dificuldade da pesquisa interdisciplinar. É preciso buscar os dados empíricos entre dedução e argumentação e ligá-los a uma explicação teórica correspondente, num processo que envolve dedução, correspondência, representação e explicação.

Sabemos que o primeiro elemento de um método consiste em corte da realidade, o que acarreta certa “redução” dessa realidade ou a formação de um esquema ideal mais ou menos simplificado. O segundo elemento consiste em procedimentos de investigação adaptados à realidade assim “reduzida”. O terceiro, em procedimentos de representação capazes de exprimir de modo mais ou menos preciso as investigações e seus resultados. Finalmente, o método comporta procedimentos de explicação, isto é, uma linguagem teórica capaz de reencontrar dedutivamente os dados empíricos e, assim, “explicá-los”. (JAPIASSU, 1976, p. 59, grifo nosso)

Uma característica bastante preeminente da interdisciplinaridade é que pode ser identificada, quase sempre como uma tentativa de justificação de seu uso. No entanto, deveria ser compreendida como condição de qualquer atividade intelectual, quando se reconheceria a presença de mais de uma disciplina nas percepções do cientista, da pessoa, do cidadão, a começar pela linguagem, com a qual exprime suas considerações.

No Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação (PINHEIRO; FERREZ, 2014) divulgado pelo IBICT consta:

INTERDISCIPLINARIDADE – Esforço de reconstituição da unidade do objeto que a fragmentação dos métodos indevidamente pulveriza. Caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa (JAPIASSU, 2014)

A interdisciplinaridade exige uma intensidade de trocas entre especialistas, exige um nível de colaboração intenso de efetiva complexidade, onde não pode existir o isolamento no planejamento, deve haver o contato cognitivo, o tempo integrado para a execução, são apenas alguns dos fatores necessários para o resultado. (KLEIN, 1990)

Escrevendo sobre interdisciplinaridade, na França, Bühler e colaboradores (2007) apontam que, recorrendo à interdisciplinaridade, podemos nos libertar de certas normas, dada a inexistência de procedimentos específicos e reguladores, o que favorece a possibilidade de criação, pois o pesquisador poderá alimentar sua pesquisa com diferentes e “potenciais maneiras”. Diversos métodos podem ser usados numa investigação e tal fato, ressaltam as autoras, não libera o trabalho de coerência e pertinência. Porém, reconhecem a presença das barreiras institucionais, assim como de normas intrínsecas aos organismos financiadores, instâncias de avaliação de pesquisas, e acrescentam:

Questionar a avaliação da interdisciplinaridade necessitaria questionar mais globalmente os princípios de avaliação da pesquisa ela mesma: Como ultrapassar os critérios quantitativos e integrar as noções de epistemologia, incluindo curiosidade e cultura científica, originalidade de problemáticas e de interpretações propostas? (BÜHLER et al., 2007, p. 397)

E concluem: “Devemos impor a aqueles que propõem novos objetos e problemáticas as mesmas exigências diante das condições atuais de produção de teses, com tempo curto e as mesmas condições de financiamento?”(BÜHLER et al., 2007)

A disciplinaridade seria, segundo alguns especialistas, condição para o surgimento da interdisciplinaridade no senso moderno, contrapondo-se à tese de interdisciplinaridade de raízes na Antiguidade reivindicada por alguns autores (CHUBIA et al. apud KLEIN, 1990, p. 19) A conotação de disciplinaridade do século XIX, diretamente relacionada à ciência, a revolução industrial, a “cientificização” do conhecimento, traria já em sua existência de especialidade, problemas complexos que reclamariam esta integração disciplinar (JAPIASSU, apud PINHEIRO, 2008; KLEIN, 1990)

Como aponta Langle (2003),²⁹ a interdisciplinaridade aparece em um colóquio na Conservação-Restauração em 1971, quando Paul Philippot utiliza o termo, em especial para ressaltar as diferentes disciplinas que participam do objetivo final da Restauração, que são a Física, Química e a Biologia, a História, a História da Arte, Arqueologia, Heráldica, as atividades técnicas artesanais, como conhecimento dos materiais, destreza manual e sensibilidade artística. Paul Phillipot também afirmava sobre o caráter técnico da restauração.

Uma finalidade expressa, no caso da Conservação-Restauração, seria a transmissão de objetos considerados importantes para a sociedade que os escolhe e preserva, assim como a definição do papel das atividades dos profissionais que dela fazem parte, seja no ensino ou pesquisa. Langle (2015) propõe um curso de doutorado na área, um projeto global com código deontológico, métodos de trabalho e formação fixados, descrição do tipo de conhecimento, vocabulário, textos fundadores, tesouros. Vejamos como ela se refere incluindo a “dúvida científica”:

A dúvida na Restauração não é a dúvida dos céticos, mas um estado momentâneo do pensamento no qual se quebram as barreiras entre as pessoas e se favorece o diálogo, as trocas, permitindo assim a reflexão: é um instrumento de pesquisa que caracteriza bem o espírito da ciência aplicada, onde a dúvida científica vem ao espírito de todo pesquisador. (LANGLE, 2015, p. 19, tradução nossa)

Conforme Julie Klein (1990), a moderna conotação do termo interdisciplinaridade é um produto do século XIX, e tem a ver com a insurgência da evolução das ciências

²⁹ Ségolène Bergeon Langle é um brilhante especialista em Conservação-Restauração. Ela não somente praticou a atividade em seu domínio técnico, como também refletiu sobre ela em todas as suas nuances. É conservadora especializada em Restauração, formada no *Istituto Centrale per il restauro* de Roma e em Bruxelas (IRPA, 1970) Conservadora do patrimônio, antiga responsável pelo serviço de Restauração das pinturas do Museu do Louvre, e dos museus nacionais foi diretora do *l'Institut français de restauration des œuvres d'art* (1992-1995)

naturais, a cientificação do conhecimento, a revolução industrial, os avanços tecnológicos e a desestabilização do campo. As repercussões na transmissão da informação, no ensino, na escritura-registro, na cadeia de produção e gestão existem e modificam o objeto, seu uso e definição.

Professores de Restauração, também diretores do *Institut français de Restauration des Œuvres d'Art* (IFROA), afirmam que a Restauração se situa em um cruzamento de competências tão variadas que seria ilusório supor que uma pessoa pudesse ter todas elas e com o nível de profundidade requerido (BERGEON, 1995, 1999; BRUNEL, 1999, p. 19) Bergeon (1995) reafirma a questão da interdisciplinaridade na Restauração e critica a afirmativa de que estudos e pesquisas disciplinares seriam mais rigorosas:

As dificuldades de um ensino interdisciplinar para obter um nível satisfatório se devem, em grande parte, à heterogênea formação preliminar do candidato a Restauração; das Ciências naturais, ele deve adquirir um verdadeiro *savoir-faire* manual, ao lado de uma sólida formação histórica; da História da arte ou Arqueologia, deve preencher suas lacunas em cultura material. (BERGEON, 1995, p. 21)

Bergeon (1995) descreve as competências exigidas para o conservador-restaurador: o candidato deve obter os raciocínios e o rigor crítico das disciplinas filosóficas. Destaca, ainda, que apesar de o nível inicial poder ser bastante variado, depois de uma formação interdisciplinar será certamente superior. Mas, admite que haverá professores tradicionais, compartimentados por disciplina, que contestarão. A Restauração se desenvolve praticamente com a Química, a Biologia e a Física, englobadas em disciplinas das Ciências naturais no século XIX. Assim mais uma vez, a questão material se impõe. Mas como devemos caracterizar esta cultura material. Rolland (2018) pode ajudar a definir:

Para o pesquisador contemporâneo, a noção de cultura material comporta vários níveis de definição. Designa o sistema de atividades de produção e consumo, o sistema de objetos e equipamentos, as relações entre seres humanos, objetos (“não humanos”, segundo Bruno Latour e Jean-Pierre Warnier), matéria e energia, conjunto de meios materiais utilizados pelos seres humanos para se adaptar ao mundo. Como estudar as ligações entre objetos, coleções de museus e a sociedade, o complexo técnico dado que a rede sócio-técnica não seguiu o objeto no museu durante sua transformação em patrimônio. Frequentemente, nos contentamos em construir sistemas de classificação (tipologia, inventário, catálogos) oriundo de um tipo de evolucionismo, sem tentar construir uma interação entre técnica e cultura. (ROLLAND-VIL LEMOT, B. 2018)

Para Vinck (2009), a questão é saber o que determina o desenvolvimento dos sistemas de conhecimentos: as estruturas e a evolução das sociedades ou a dinâmica interna do trabalho dos pesquisadores?

Diferentes discussões apresentam o processo histórico e epistemológico da interdisciplinaridade. O tema da interdisciplinaridade atraiu a atenção de muitos teóricos, com objetos e problemáticas originários de campos de pesquisa diferentes. No Brasil, especialmente Pinheiro (1997, 1999, 2002, 2006a, 2007) dedica-se ao tema. Em sua definição do conceito de interdisciplinaridade, ela lança mão da contribuição de autores como Japiassu, Jantsch, Morin e Klein, e insere o surgimento da moderna definição de interdisciplinaridade nas relações com “circunstâncias históricas, científicas, tecnológicas e socioculturais” (PINHEIRO, 2006a, p. 1)

Klein afirma que foi no final da década de 1960 que se realizou o primeiro levantamento internacional sobre atividades interdisciplinares. E cita os fatores principais que a originaram: o desenvolvimento da ciência, as necessidades de estudantes, as demandas de treinamento profissional, as necessidades oriundas da sociedade e problemas de administração e funcionamento de universidades.

[...] foram acrescentados outros componentes que propiciaram o desenvolvimento da interdisciplinaridade: educação em geral; estudos liberais; solução de problemas sociais, econômicos e tecnológicos; crítica social, política e epistemológica; abordagens holísticas, de sistemas e transdisciplinares; fertilização cruzada de apropriações e interações subdisciplinares; novos campos; comunidades híbridas; e alianças interinstitucionais, desenvolvimento de corpo docente e “downsizing” institucional” “o desenvolvimento da ciência, necessidades de estudantes, demandas de treinamento profissional, necessidades oriundas da sociedade e problemas de administração e funcionamento de universidades (KLEIN apud PINHEIRO, 2006, p. 2)

Isto demonstra a ligação lógica/pragmática que considera a interdisciplinaridade como axiomática. A começar pela linguagem. Como nos lembra Burke (2003), quando se habita um sistema, ele aparece em geral como senso comum, e será somente pela comparação que podemos vê-lo de forma distinta dos outros.

Segundo Boaventura Santos (1987), em seu discurso sobre as ciências, o conhecimento pós-moderno, sendo amplo, não é determinístico. É um conhecimento sobre a possibilidade do conhecer não metódico e construído a partir de uma pluralidade metodológica. O que exige, sem dúvida, uma tolerância por parte das diferentes

autoridades dos campos respectivos. A busca da legitimação implica a aceitação dos pares. Assim como a justificação do discurso, visa a audiência, no sentido do propósito, do objetivo a ser alcançado.

Não é mais imaginável, nem razoável, no momento, pensar em pesquisa e práticas profissionais de documentação de acervos sem a interdisciplinaridade. Assim, verifica-se que as práticas da interdisciplinaridade, com os métodos, conceitos e teorias, se realizam muitas vezes de maneira permanente, mas não reconhecida, ficando do outro lado da linha da “epistemologia validada”. Escrevendo sobre as epistemologias do Sul e do Norte, (2019), Boaventura Santos, em uma reflexão profunda, percorre os fatores que contribuem para a “estrutura dualista binária da imaginação ocidental”, limitante e sem o que ele considera importante, buscando e elogiando em Goethe: o empirismo delicado. (SANTOS, 2019, p. 23) Definindo assim, os pressupostos básicos de algumas das epistemologias do Norte, ele descreve negando:

[...] a prioridade absoluta dada à ciência como conhecimento rigoroso, rigor, entendido como universalismo, entendido como sendo uma especificidade da modernidade ocidental e referido a qualquer entidade ou condição cuja validade não é dependente de qualquer contexto social, cultural, ou político concreto; Verdade, entendida como representação do real; uma distinção entre sujeito e objeto, o que conhece e é conhecido; a natureza enquanto *res extensa*; a temporalidade linear; o progresso da ciência por via das disciplinas e da especialização; a neutralidade social; e apolítica como condição da subjetividade. (SANTOS, 2019, p. 24)

Cameron e Mengler, chama de “dispositivo estratégico” e dificuldades, as múltiplas perspectivas, encontradas quando ao lidar com um objeto. Vejamos:

Tensões entre museu e curadoria disciplinar especialização/competências e a complexa realidade em que museu e coleções se relacionam precisa ser compreendido. Atualmente, muitos museus são usando a retórica da multidisciplinaridade/interdisciplinaridade para contextualizar o objeto complexo. Funciona como um dispositivo estratégico para superar **o problema da fragmentação disciplinar**. Após o reconhecimento de que o objeto de conhecimento de uma única disciplina é inadequado para compreender as complexidades em que objetos materiais ressoam. (CAMERON; MENGLER, 2009, p. 2015. Tradução e negrito nosso)

Klein (1990) cita algumas temáticas que reivindicam a interdisciplinaridade e são as seguintes:

- A resposta para questões complexas;
- A pesquisa de relações disciplinares e profissionais;

- A solução de problemas que escapam ao escopo de uma só disciplina;
- Para cooperação no progresso do conhecimento;
- Compreender como indivíduos e grupos profissionais trabalham;
- Escrever histórias de campos particulares, específicas áreas com o objetivo de compreender a ação da interdisciplinaridade.

A natureza de uma disciplina moderna é pesquisada por muitos autores (Boutier et al., 2006) Podemos encontrar discursos comuns que descrevem esta desconstrução no sistema de disciplinas construído ao longo dos séculos XIX e XX – as identidades social, profissional e epistemológica, que compunham uma proposta de harmonia e uma racionalidade científica. O conceito de “disciplina” submete-se a alguns critérios identificados pelo sociólogo Fabiani (2006) como uma comunidade identificada de pesquisadores, na relação estudantes/professores, segundo uma categoria reconhecida, um corpo de teorias, de observações suscetíveis de progressão, multiplicação, de precisões, clarificações terminológicas a partir de uma linguagem específica e de regras de produção discursiva em centros de pesquisa, departamentos institucionais, laboratórios, onde se comunicam e se frequentam.

Segundo Heckhausen (2006), conforme citado por Bicalho e Oliveira (2011, p. 50), os critérios que definem uma disciplina são:

a) domínio material – conjunto dos objetos dos quais se ocupam. Muitas disciplinas se sobrepõem neste domínio; b) domínio de estudo – ângulo específico de seu domínio material. Noção vagamente definida que depende da constituição de uma dada disciplina; c) nível de integração teórica – construção da “realidade” de seus domínios em termos teóricos, ou seja, seus conceitos fundamentais e unificadores devem ser abrangentes, o suficiente para explicar e prever os fenômenos de seu domínio de estudo. Define a maturidade da disciplina e é o critério mais importante de identificação de uma disciplina; d) métodos próprios – para apreender e transformar os fenômenos. Uma disciplina se torna autônoma quando aperfeiçoou seus próprios métodos, que devem ser adaptados à natureza do domínio de estudo, com correspondência entre aplicação concreta dos métodos e as leis gerais no plano teórico; e) instrumentos de análise – apoiam-se em estratégia lógica, nos raciocínios matemáticos e na construção de modelos de processos. Aplicam-se a diversos domínios e são critérios neutros; f) aplicações – orientação para a aplicação e a utilização prática no campo de atividade profissional; g) contingências históricas – momento por que passa a disciplina em seu processo de evolução histórica, no qual interfere tanto a lógica interno domínio de estudo quanto forças exteriores (HECKHAUSEN, 2006 apud BICALHO; OLIVEIRA, 2011, p. 50)

Trazendo a Ciência da Informação para o cerne desta discussão, chamamos a atenção para o que Japiassu (1976, 1998, apud PINHEIRO, 2006, p. 111) considera o

caráter interdisciplinar das ciências humanas, utilizando-se dos conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na demonstração das diferentes fases da ciência com o surgimento de novas disciplinas. Pinheiro (2006) demonstra e reforça a importância do contato com outras disciplinas, ampliando o “ângulo de visão particular” dado pela especialidade.

O entendimento de Bicalho citando Boaventura Santos, descreve a organização e o ethos universitários sendo moldados por um modelo de conhecimento produzido de forma disciplinar, homogêneo e organizacionalmente hierárquico, cuja produção é “relativamente descontextualizada em relação às premências do cotidiano das sociedades” (SANTOS, 2004, p. 40 apud BICALHO, 2009, p. 143)

O mapa conceitual utilizado pela E.C.C.O (2011) desenvolvido por (NOVAK; MUSONDA, 1991 apud ECCO, 2011) foi aplicado para a compreensão da complexidade das atividades e os diferentes e possíveis quadros de exigências e qualificações esperadas e propostas para o Conservador-Restaurador. Descreve Conservação-Restauração como uma ciência empírica baseada em alto nível de pesquisa, de natureza multidisciplinar, como diferentes níveis de habilidades, competências e capacidades e o nível relevante de conhecimento exigidos para a profissão. Reconhecendo que, como nenhum quadro de referência pode ser considerado neutro, as abordagens teóricas e instrumentos de análise adotados irão ser indubitavelmente influenciados pela maneira na qual o sujeito é compreendido. (HUTCHINGS; CORR, 2012)

Uma pesquisa assim que utiliza a interdisciplinaridade para caracterizar a intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto (JAPIASSU, 1976), através da colaboração em uma situação problema de uma disciplina específica, utilizando para a análise dos resultados a diversidade de vários conhecimentos seria na prática e em teoria uma pesquisa interdisciplinar, para identificar “com um olhar múltiplo e colaborativo do processo de tessitura dos saberes globais em contextos locais”. (SALDANHA, 2011, p. 61)



7 EM BUSCA DA INTERDISCIPLINARIDADE NA CONSERVAÇÃO- RESTAURAÇÃO COM FOCO NO DOSSIÊ DE RESTAURAÇÃO

Para iniciar a análise de dados, buscamos autores que sintetizem as diferentes métricas em ciência, especialmente as relacionadas aos objetivos desta pesquisa e direcionadas ao dossiê de conservação-restauração. Os métodos bibliométricos são operacionalizados de diferentes maneiras e, de acordo com Rinia, (2007), os objetos e informações que podemos usar para medir a interdisciplinaridade, podem ser assim divididos:

Quadro 1- Objeto e informações medidos para interdisciplinaridade em ciência, segundo Rinia (2007)

Objeto	Itens para medir
Disciplina	Origem disciplinar do cientista Colaboração com pesquisadores de outras disciplinas
Departamento /instituto/faculdade	Colaboração com outros departamentos em diferentes disciplinas Composição de grupos/cientistas Background disciplinar de estudantes e staff
Grupo de pesquisa	Colaboração com grupos em outros campos Composição com cientistas de diferentes disciplinas Background disciplinar ou staff
Cientista	Colaboração com cientistas de outras disciplinas Migração para outras disciplinas Publicação em periódicos de outras disciplinas
Publicação	Publicação de artigos de diferentes disciplinas Publicação de autores (afiliações) de diferentes disciplinas Classificação / atribuição a diferentes disciplinas Citações de referências a periódicos de outras disciplinas
Artigo	Palavras-chave de disciplinas distintas Classificação para diferentes disciplinas Autores / afiliações de diferentes disciplinas
Patente	Co-patenteamento por inventores de diferentes disciplinas Referências citando literatura de diferentes disciplinas
Coautoria	Co-publicação com autores de outras disciplinas
Citação	Referencia / citação de outras disciplinas Co-citação de artigos de disciplinas distintas

Fonte: Rinia, E.J., (2007) Measurement and Evaluation of Interdisciplinary Research and Knowledge Transfer. Ph.D. Thesis. Universiteit Leiden.

Esta tabela é importante, pois abrange os itens que podem ser medidos. Desta forma, orientou os diferentes tipos de informação, privilegiados pelos objetivos desta tese.

O primeiro passo foi definir as palavras-chaves, com base nos documentos de terminologia da área, isto é, vocabulários controlados e tesouros para estabelecer, posteriormente, a estratégia de busca.

Consultamos vários documentos sobre terminologia na área, em francês, inglês e português, línguas adotadas segundo critérios já mencionados na metodologia: país natal da

autora e da sua segunda nacionalidade, canadense, que adota o francês e o inglês como línguas oficiais.

Apesar da literatura sobre documentação em museus ser vasta, não encontramos muitos artigos relacionados especialmente à problemática da documentação em restauração. Conforme nos lembra, Larivière, fundamentado em alguns autores:

No seu conjunto, a literatura de uma disciplina reflete as preocupações e os modos intelectuais que a constituem. Ao longo do tempo, a literatura se acumula, camadas se formam, e se sedimentam como que estratigrafias; há certos momentos em que determinados assuntos estão em alta, métodos e ideologias dominam e obtêm uma visibilidade geral; algumas terminam por adquirir um estatuto canônico ou paradigmático, outras possuem uma influência limitada, desintegram-se e desaparecem. [...] com a ajuda de palavras-chaves, palavras dos títulos dos artigos, e de artigos completos, os pesquisadores colocaram em evidência os três pilares que caracterizam o campo: a biblioteconomia, a pesquisa documentária, e a bibliometria. (ASTROM; INGWERSEN; VAKKARI; 2002; apud LARIVIÈRE, 2012, p. 2-5)

Estas diferenças sobre os usos e produção de publicações de distintas áreas tem sido estudada e evidenciada, sobretudo a tendência das Ciências Sociais e Humanas a consultar e publicar mais livros e, inversamente, as Ciências Naturais e Exatas consultar mais periódicos e produzirem artigos de periódicos.

E, em se tratando de fonte de pesquisas para estudos métricos, Yves Gingras (2016, p. 18), afirma que a ausência de reflexão metodológica daria lugar “a utilizações anárquicas, para não dizer selvagens da bibliometria”.

Uma das premissas da bibliometria é que medindo a literatura científica podemos identificar certas características, e estes dados provêm em geral de bases de dados. Podem também ter dados de outras fontes como repositórios institucionais, bibliotecas virtuais etc.

É necessário, aqui, reafirmar a particularidade de nossa busca. Vários tipos de indicadores podem ser obtidos por meio deste método como, por exemplo:

-Produção científica: número total acumulado de itens publicados em um dado período; mede a produtividade, quantas publicações foram produzidas por um autor, grupo de pesquisadores, instituição, país ou conjunto de países em dado período; é possível também obter o número total acumulado de publicações, de acordo com cada área de conhecimento ou disciplina em um determinado período;

-colaboração: indica o número de publicações de uma instituição, grupo ou pesquisador produzidas em coautoria internacional, nacional ou institucional, e autoria única; inclui a colaboração acadêmico-acadêmica, acadêmico-corporativa, acadêmico-governamental;

- porcentagem de internacionalização: baseia-se na contagem do número de países de autores e coautores de itens publicados;
- impacto das colaborações: indica o impacto de citação de uma instituição a partir das publicações produzidas em colaboração com autores de diferentes origens geográficas: quantas citações de publicações em coautoria a instituição recebeu em nível internacional, nacional ou institucionalmente;
- autorias únicas também são contabilizadas;
- impacto das colaborações acadêmico-corporativas: indica o impacto de citação de publicações de uma instituição, com ou sem colaboração tanto acadêmica quanto corporativa.³⁰ (WORKING GROUP ON BIBLIOMETRICS, 2016; SCIVAL METRICS HANDBOOK ;2019; SIBiUSP, 2019)

Ainda sobre os dados levantados e analisados nesta pesquisa, optamos pelos artigos publicados entre os anos de 1952-2019, portanto, cobrindo 67 anos, indexados pela *The Getty Conservation Institute* (GCI), *AATA online*. Foram, assim, relacionadas as revistas listadas no *AATA Online Abstracts of International Conservation Literature*, base bibliográfica gratuita que permite busca sobre assuntos específicos, cujos títulos podem ser consultados quando disponibilizados por alguma instituição ou quando são de acesso aberto. É uma base de dados principalmente para profissionais envolvidos na conservação e gestão do patrimônio cultural em todas as suas formas: obras de arte, objetos culturais, patrimônio arquitetônico e sítios arqueológicos e materiais. (ver anexo A) O Getty assim se apresenta em sua página web:

O Getty Conservation Institute (GCI) trabalha internacionalmente para promover as práticas de conservação nas artes visuais - amplamente interpretadas para incluir objetos, coleções, arquitetura e sites. O Instituto atende à comunidade de conservação por meio de pesquisa científica, educação e treinamento, projetos de campo e disseminação de informações. Em todos os seus esforços, o GCI cria e fornece conhecimento que contribui para a conservação do patrimônio cultural do mundo (www.2018)

A lista de títulos cobertos e listados inclui, segundo informações do Instituto, mais de 150 periódicos e anais de congressos que representam, seletivamente, a literatura central do campo.

A base AATA inclui resumos que datam de 1932 até o presente e aproximadamente 1.000 novos resumos são adicionados a cada trimestre. São citados na base, como os principais

³⁰ As definições apresentadas baseiam-se em informações traduzidas e compiladas de várias fontes, incluindo interpretações de bibliotecários do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (WORKING GROUP ON BIBLIOMETRICS; SIBiUSP)

contribuidores: *Bibliographic Database of the Conservation Information Network* (BCIN); ICCROM (*International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property*) Rome, Italy; *The Canadian Conservation Institute Library* (CCI), Ottawa, Ontario Canada; *Smithsonian Museum Conservation Institute* (MCI), Museum Support Center, Suitland, Maryland, *The Getty Research Institute Research Library*, Los Angeles, California. Apesar disso, precisávamos de uma contribuição para permitir a seleção, incluindo indicadores da área apontada pelos próprios conservadores- restauradores. Por este motivo, buscamos alguma publicação que contivesse um levantamento sobre os documentos citados por especialistas da área de conservação-restauração. Foi identificada uma comunicação sobre História e Teoria da Conservação, apresentada durante a 17ª Conferência Trienal do Comitê Internacional para Conservação, ICOM-CC, *Building Strong Culture through Conservation*, que foi realizada em Melbourne, na Austrália, entre 15 e 19 de setembro de 2014. Nessa comunicação, os autores relatam o resultado de uma reunião internacional ocorrida em Roma, em outubro de 2013, onde refletiram juntos sobre o futuro da ciência da Conservação de Bens Culturais, ICCROM e ICOM-CC. Com o título: *The ICCROM Forum on Conservation Science 2013: a collaborative partnership for strategic thinking*, neste congresso, os autores descreveram a reunião e suas atividades:

Os participantes da reunião vieram de várias regiões do mundo e representaram uma ampla variedade de formações profissionais, incluindo: Cientistas da Conservação, Educadores, Conservadores- Restauradores, Curadores e outros profissionais da Conservação. Um total de 80 participantes foram selecionados dos seguintes países: Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, China, França, Alemanha, Índia, Indonésia, Itália, Japão, Coreia, Malásia, México, Nova Zelândia, Polônia, Portugal, Catar, Senegal, África do Sul, Espanha, Suécia, Suíça, Holanda, Reino Unido e Estados Unidos. [...] O projeto começou em 2011 com a proposta de empreender uma análise mundial e uma revisão do papel e dos impactos da ciência no patrimônio cultural da Conservação. [...]. Para melhor entender as tendências da pesquisa em Conservação nos últimos anos, foi realizado um grande estudo da literatura sobre Conservação. Quinze publicações de Conservação em quatro idiomas diferentes foram pesquisadas, incluindo dois periódicos e dois anais de conferência em inglês, quatro periódicos em francês, três em alemão, um em inglês / alemão e três em espanhol. As publicações em inglês foram selecionadas com base em documentos internacionais e cobriram um período de 20 anos (1992–2012); todos os outros cobriram um período de 5 anos (2008-12) Um total de 3367 artigos de Conservação foram analisados. (HERITAGE et al. 2014, tradução nossa)

Os parceiros do projeto também foram listados: The Royal Institute for Cultural Heritage (Belgium); Universidade Federal de Minas Gerais – CECOR (Brazil); Canadian Conservation Institute (Canada); National Heritage Center of Tsinghua University (China); Centre de recherche et de restauration des Musées de France (France); National Research

Council (Italy); National Research Institute of Cultural Heritage (Republic of Korea); Cultural Heritage Agency (The Netherlands); Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Nova de Lisboa (Portugal); University College London Qatar (Qatar); National Heritage Board (Sweden); Bern University of the Arts (Switzerland); AHRC/EPSRC Science and Heritage Programme (UK); Getty Conservation Institute (USA); Smithsonian Institution (USA) (HERITAGE et al. 2014)

Assim, atendemos a nossa proposta de identificar revistas pertinentes à área (indicadas por especialistas da área), bem como complementar essa lista com o fator de impacto Q1 de periódicos não constantes. Na coleta de dados não foram incluídos documentos nos idiomas alemão e espanhol, conforme já explicitado, nem os anais de conferências do AATA, por privilegiarmos periódicos. Desta forma, usamos os títulos somente de revistas indicadas, para conferir se estavam presentes na lista de periódicos disponíveis no AATA online, além das que tem fator de impacto Q1.

Tabela 1: Publicações citadas como as mais consultadas e indicadas por especialistas de conservação-restauração, nos questionários da pesquisa do Congresso.

Table 1

Publications covered by the literature survey

Source publications	Number of records
English literature (1992–2012)	
ICOM-CC Conference Preprints (ICOM-CC)	1079
Studies in Conservation (SIC)	490
IIC Congress Postprints (IIC)	475
Journal of the American Institute for Conservation (JAIC)	352
SUBTOTAL English	2396
French literature (2008–2012)	
Techné: La science au service de l'histoire de l'art et des civilisations	133
Conservation exposition, restauration d'object d'art (CeROArt)	62
Coré: Conservation et restauration du patrimoine culturel	54
Conservation-restauration des biens culturels (CRBC)	27
SUBTOTAL French	276

Fonte: Heritage, A, C. Anuzet, E. Andersson, and C. Antomarchi. 2014. **The ICCROM Forum on Conservation Science 2013: A collaborative partnership for strategic thinking.** In: ICOM-CC-17th Triennial Conference Preprints, Melbourne, 15–19 Sept. 2014, Ed. J. Bridgland, art. 1903, Paris: International Council of Museums.

Os dados permitem afirmar que os títulos de periódicos listados pela comunicação do Congresso foram encontrados na AATA online. No entanto, é oportuno mencionar que títulos de periódicos podem ser registrados de formas distintas, de acordo com a entrada dos dados, em diferentes bases de dados, o que obriga a mais um esforço na pesquisa, para consolidar o título utilizado. Considerando a complexidade da busca de informações em bases de dados consultadas, torna-se necessário resumir a metodologia utilizada, de forma sintética:

- 1) Seleção de idiomas utilizados na pesquisa: inglês, francês e português;
- 2) levantamento de vocabulário controlado³¹ utilizado na área, observando as relações de equivalência para o mais adequado termo na busca da informação pretendida;
- 3) seleção de terminologia técnica e científica e suas variáveis;
- 4) seleção das bases de dados mais pertinentes ao domínio da pesquisa;
- 5) seleção das revistas selecionadas na pesquisa; e

³¹ Vocabulários controlados: “ Na organização do conhecimento, os esquemas de representação tais como classificações, tesouros, taxonomias e ontologias cumprem uma função importante, pois fornecem terminologias com as quais podem ser modelados um ou mais domínios. Na medida em que são vocabulários representantes de determinada área, por meio da sistematização dos conceitos e das relações que se estabelecem entre estes de forma compartilhada e consensual, asseguram que em uma comunidade todos utilizem a mesma linguagem para organizar, armazenar e recuperar a informação.” (PINHEIRO; FERREZ, 2014, p. 9)

6) elaboração da estratégia de busca, usando lógica booleana e adequada ao contexto da pesquisa; Documentação na Restauração de pintura.

Fontes utilizadas para adoção de palavras-chaves:

- ICOM-Terminologie de la conservation-restauration du patrimoine culturel matériel. ICOM (Français) Ministère de la Culture. Lexique des principaux termes utilisés en conservation-restauration des biens culturels, version du 20 février 2019, Conservation of Cultural Property - Main General Terms and Definitions, European standard UNI EN n. 15898, Comité Européen de Normalisation, Brussels (2011);
- ICOM-CC. Terminology to characterize the conservation of tangible cultural heritage. 2008.
- ICOM-CC. Commentary on the ICOM-CC. Resolution on Terminology for Conservation. 2008.
- INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. (ICOM) INTERNATIONAL COMMITTEE FOR DOCUMENTATION (CIDOC) International Guidelines for Museum Object Information. The CIDOC-Information Categories. (ed.) project team of the CIDOC. Data and Terminology – CIDOC, 1995.
- BAILÃO, A. Terminologia associada à Conservação de pintura. Universidade Católica portuguesa, Centro de investigação académica das artes, 2013.
- CAETANO, J. O. Pintura: Coleção Normas de Inventário. Direção-Geral do Patrimônio Cultural. Lisboa. Instituto dos Museus e da Conservação.
- CARLYLE, L., BAKER, W; H. McKay. Condition Reporting – Paintings. Part II: Examination Techniques and a Checklist, Canadian Conservation Institute, 2018.
- LEROI, M.V. Linked Heritage: a collaborative terminology management platform network of multilingual thesauri and controlled vocabularies. 2013.
- LINKED HERITAGE. Recommendations and Guidelines for terminologies. Linked Heritage: a collaborative terminology management platform for a network of multilingual thesauri and controlled vocabularies.

Para chegar aos resultados pretendidos, consideramos os dados do AATA online. Para complementação de informações sobre os autores identificados no AATA online (afiliação, área, país de origem dos autores, tipo de documento e autores em colaboração) foram realizadas várias buscas, em diferentes fontes, do Google ao ORCID. O levantamento utilizou a informação, envolvendo o período de 1952 a 2019, armazenada na base de dados do *AATA Index List*. Cabe destacar que usamos o ano de 1952 para começar, pois é o ano com a data

inicial das revistas mais antigas da lista selecionada. A recuperação das informações sobre a produção em forma de artigos de revistas e sobre os autores na base AATA foi realizada entre setembro e outubro de 2019. Os registros com suas informações foram exportados, fruto de um processo que usou alguns instrumentos computacionais, como software para cruzamento de dados.

Como indicado no AATA, existe o recurso de busca pelas categorias (ver anexo A), o que é útil para entender o escopo geral da base de dados, mas não é uma maneira precisa de pesquisar um tópico. Quanto aos resumos e palavras-chaves, nem sempre são consistentemente indexados. É oportuno mencionar que as palavras-chaves e resumos podem ser atribuídos tanto pelos próprios autores quanto por indexadores. A imagem na figura a seguir mostra como as categorias podem ser selecionadas no AATA online:

Figura 4 : Imagem da tela (*screenshot*) da janela de categorias da AATA online:

General Categories List:
ALL General Categories will be searched unless you limit the number of Categories to search by selecting specific Categories to search below

To enter selected Categories to your Fielded Search form, click Submit.

Submit

Interest		Selected
A1. Microscopy	Select Database AATA	(AATA)A1. Microscopy
A2. Photography, radiography, and other imaging techniques		(AATA)A2. Photography, radiography, and other imaging techniques
A3. Dating		(AATA)A3. Dating
A4. Data collection, analysis, and management		(AATA)A4. Data collection, analysis, and management
A5. Analysis of materials		(AATA)A5. Analysis of materials
B1. Preventive conservation and collections care		(AATA)E. Education and training
B2. General treatment procedures, materials, and techniques		(AATA)G3. Pigments, paints, and paintings
B3. Health and safety		(AATA)G4. Wood
B4. General causes and processes of deterioration		(AATA)G5. Textile fibers and dyes
B5. History, policy, ethics, and legislation		
C1. Principles and practices of archaeological conservation		
C2. Archaeological site location and documentation		
C3. Archaeological materials processing and conservation		
C4. Environmental archaeology		
C5. Archaeological site presentation, preservation, and interpretation		
D1. Methods of examination, analysis, and documentation		
D2. History, ethics, and policy of architectural conservation		
D3. History and technology of architecture		
D4. Case studies in architectural conservation		
D5. Building materials, processes of deterioration, and conservation		
D6. Structural studies and consolidation of buildings		
D7. Historic gardens and cultural landscapes		
E. Education and training		
F. Production techniques		

Buttons: Add > < Remove << Remove All

Ainda que haja a possibilidade de pesquisar por título ou autor, no caso desta pesquisa foi por assunto (documentos da restauração) e foi necessária a leitura dos resumos para atingir maior consistência na recuperação de informações. Outra dificuldade foi o fato de os autores usarem os títulos de seus artigos muitas vezes em inglês, independentemente de sua língua original do artigo e, consequentemente, o AATA indexar como inglês. Assim, foi necessária a

leitura dos resumos disponibilizados pelo AATA e até o artigo completo, para verificar se o tema era pertinente à área pesquisada, assim como os idiomas selecionados (inglês, francês e português), o que levou a mais uma etapa no levantamento.

A partir desses critérios, foi possível extrair 817 registros no total para *documentation*, depois foi efetivada a seleção por *painting*. Chegamos a um resultado totalizando nove (9) registros, e as categorias de análise foram definidas de acordo com as atividades de rotina (exame, diagnóstico e tratamento) com o objetivo documentação na conservação-restauração de pintura.

Categorias utilizadas na busca do AATA online, listadas a seguir.

Methods of examination, analysis, and documentation:

A1. Microscopy

A2. Photography, radiography, and other imaging techniques

A3. Dating

A4. Data collection, analysis, and management (including GIS, GPS, and remote sensing)

A5. Analysis of materials

E. Education and training

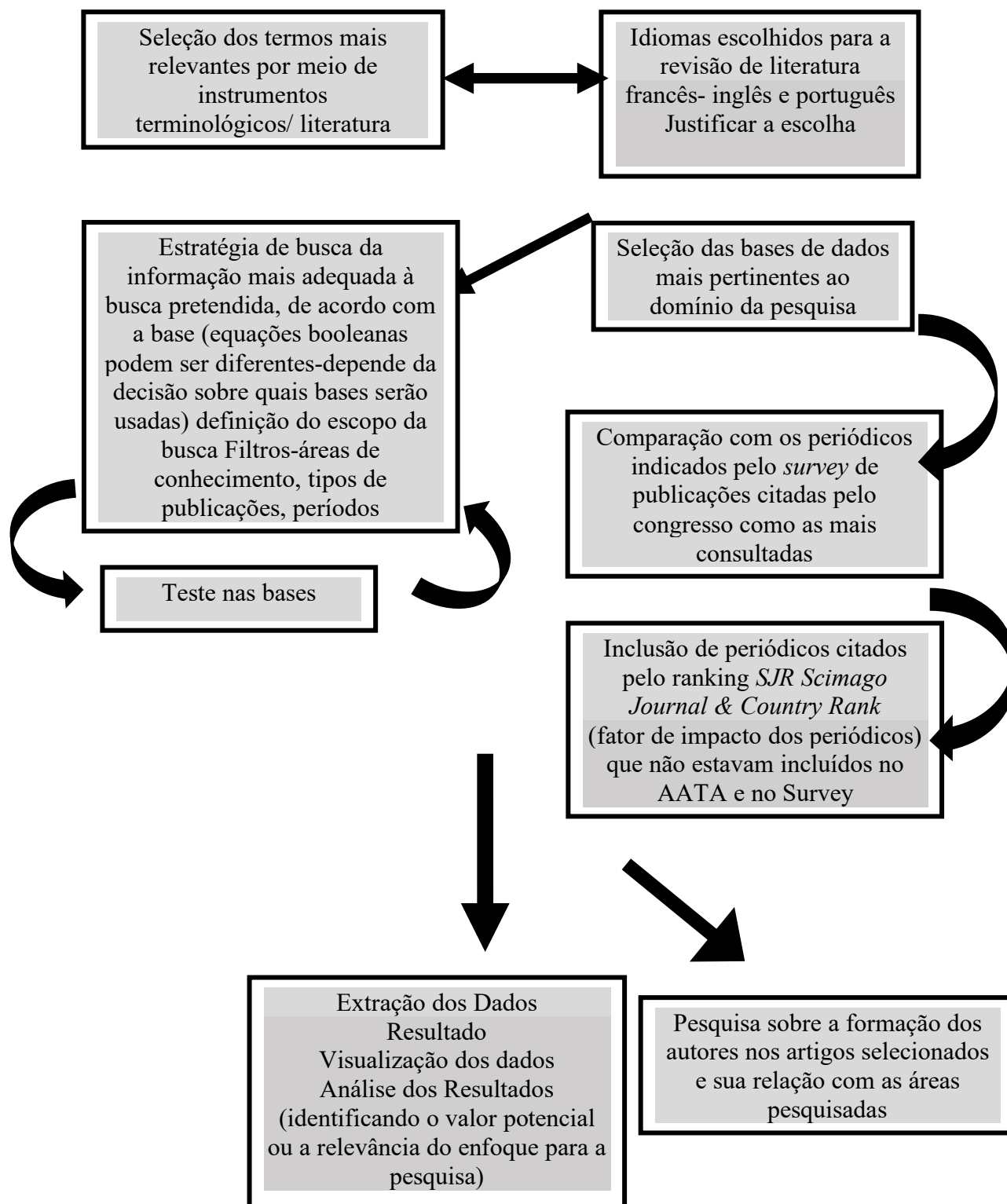
G3. Pigment, paint, and paintings

G4. Wood

G5. Textile fibers and dyes

A seguir representamos, na figura 5, as etapas para elaboração da estratégia de busca, seleção e análise de dados.

Figura 5: Diagrama das etapas para elaboração da estratégia de busca, seleção e análise de dados:



Fonte: Elaborado pela autora

Em continuação à apresentação dos resultados desta pesquisa, a próxima tabela mostra as revistas especializadas selecionadas no AATA online, comparadas com as indicadas pelo Congresso e as citadas como Q1 da Scimago- Elsevier.

Quadro 2: Revistas extraídas das fontes desta pesquisa: AATA online e Scimago/Elsevier (Q1), com as respectivas informações de idioma, país e anos de cobertura.

Título das revistas	Idioma	País	Anos de cobertura
1. CeROArt: conservation, exposition, restauration d'objets d'art	francês Inglês	Bélgica	2007-2014
2. Conservation restauration des biens culturels : revue de l'ARAFU	francês Inglês	França	1991-2012
3. Coré: conservation et restauration du patrimoine culturel	francês	França	1999-2009
4. Estudos de Conservação e restauro	inglês/ português	Portugal	2009-2019
5. Conservar Patrimônio (Q1)*	português	Portugal	2005-2019
6. International Journal of Heritage Studies (Q1)*	inglês	Reino Unido	2000-2019
7. Journal of the American Institute for Conservation (JAIC)	inglês	Estados Unidos	1977-2014
8. Journal of the Institute of Conservation	inglês	Reino Unido	2009-2019
9. Journal of the Canadian Association for Conservation	inglês francês	Canadá	1997-2011
10. Journal of cultural heritage (Q1) *	inglês	França	2000-2003 2006-2014
11. Studies in conservation	inglês/francês	Reino Unido	1952-2014
12. Techné: la science au service de l'histoire de l'art et des civilisations	francês	França	1994-1999, 2001-2013

Fonte: Elaborado pela autora. Em negrito, as que estavam presentes na lista do congresso e na AATA online.

A primeira observação refere-se ao objetivo principal desta tese: estabelecer as áreas interdisciplinares à Conservação-Restauração. Para tal, foi efetivada a análise das áreas de cobertura da revista, uma vez que os títulos selecionados, nem todos se referem especificamente à conservação-restauração. Verificamos que num total de 12 revistas de Conservação-Restauração, nove (9) são especializadas e as três restantes se distribuem por área ou setor interdisciplinar: Patrimônio (2) e História da Arte (1)

Para complementação e aprofundamento da questão, foi analisada a orientação da revista para os usuários, onde consta a informação sobre a cobertura da revista, cujo resultado é apresentado no quadro 3.

Quadro 3: Nome das revistas, com a orientação aos usuários sobre a cobertura e as análise das áreas de cobertura da revista.

Nome e análise de áreas	Cobertura da revista
<i>CeROArt</i> Pluridisciplinar, Conservação-restauração História História da Arte Filosofia Museologia Patrimônio	CeROArt is a paper and platform for pluridisciplinary approaches in issues of conservation, exhibition and conservation of works of art. It is also a forum for historians and art historians, philosophers and museologists, heritage scientists, curators, conservator-restorers, museum representatives and students in any one of these disciplines to share ideas and interact.
<i>Conservation restauration des biens culturels : revue de l'ARAAFU</i> Biblioteconomia Arquivologia Arqueologia, Arquitetura de monumentos históricos	Les publications de l'ARAAFU s'adressent à tous les acteurs de la préservation du patrimoine français ou étranger, c'est-à-dire les étudiants et professionnels en conservation-restauration de toutes spécialités, les conservateurs de musée, les bibliothécaires et archivistes, les archéologues, les scientifiques, les architectes des monuments historiques.
<i>Coré: conservation et restauration du patrimoine culturel</i> Pluridisciplinar, Conservação-Restauro de Bens Culturais	Revue semestrielle francophone pluridisciplinaire de conservation-restauration des biens culturels publiée avec le concours du ministère de la Culture (mission de la recherche et technologie) et du Centre national du Livre
<i>Estudos de Conservação e restauro</i> Restauro-Conservação, Patrimônio cultural, Humanidades digitais, Climatologia	A revista ECR - Estudos de Conservação e Restauro visa difundir o trabalho científico que tem vindo a ser desenvolvido na área dos Estudos de Patrimônio e da Conservação e Restauro de bens culturais. Propõe-se ser uma plataforma para investigadores e profissionais no panorama nacional e internacional. Tanto os Estudos de Patrimônio como a Conservação e Restauro são domínios epistemológicos de implementação recente, mas em franco desenvolvimento no panorama europeu. No quadro de sociedades sujeitas a profundas mudanças, o Patrimônio Cultural representa um recurso cuja conservação e valorização se impõem, exigindo novas competências e novas abordagens interdisciplinares como resposta aos desafios da contemporaneidade. Os estudos patrimoniais da Era Pós Digital caracterizam-se nas suas múltiplas vertentes por uma diversidade e complementaridade onde se destacam tópicos emergentes como o das Humanidades Digitais, o da Conservação Verde ou da Gestão Sustentável, a par dos mais tradicionais no campo da intervenção em bens culturais. Enquadram-se, assim, nos objetivos da revista estudos artísticos e históricos, a investigação de materiais e tecnologias usados na produção dos bens culturais, intervenções de conservação e restauro propriamente ditas, quando pautadas por carácter inovador, incluindo as técnicas específicas relacionadas com metodologias de tratamento, estudos de teoria e deontologia da conservação e restauro, bem como estudos que incidam na investigação de estratégias de Conservação Sustentável nas suas múltiplas vertentes e seus impactos sociais, ecológicos e económicos. Incluem-se ainda os trabalhos sobre virtualização dos bens culturais e sua epistemologia e reflexões sobre teoria de património.
<i>Conservar Patrimônio (Q1)*</i> Conservação-Restauro, História da Arte, Arqueologia, Museologia, Química, Física, Biologia	A revista <i>Conservar patrimônio</i> é uma revista com periodicidade quadrimestral que pretende proporcionar um espaço aos conservadores-restauradores para a divulgação regular dos seus estudos e atividades. Porém, numa época em que a conservação e restauro tenta desenvolver-se através da colaboração com outras áreas, designadamente, a história da arte, a arqueologia, a museologia, a química, a física, a biologia e outras disciplinas da área das ciências naturais e sociais, a revista igualmente acolhe as contribuições com qualquer outra proveniência desde que incidam sobre as múltiplas dimensões das obras que constituem o património cultural. Abordagens teóricas da atividade da conservação também se enquadram nos interesses da revista.

<i>International Journal of Heritage Studies</i> (Q1)* Patrimônio, Museologia, Turismo, Direito, Estudos culturais, Teatro, Design	The International Journal of Heritage Studies (IJHS) is the academic, refereed journal for scholars and practitioners from many disciplines with a common involvement in the heritage. Heritage varies from the aesthetic object conserved in a museum to wildlife conserved within a nature reserve. Articles concern Museum Studies, Tourism Studies, Heritage Theory and History, Conservation and Restoration Techniques and Law, Cultural Studies, Interpretation and Design.
<i>Journal of the American Institute for Conservation</i> (JAIC) Conservação Preservação Restauração	The journal is our primary vehicle for the publication of peer-reviewed technical studies, research papers, treatment case studies and ethics and standards discussions relating to the broad field of conservation and preservation of historic and cultural works. It is published by Taylor & Francis, which has a complete list of articles, both published and forthcoming.
<i>Journal of the Institute of Conservation</i> <i>Patrimônio cultural</i>	The <i>Journal of the Institute of Conservation</i> is the peer reviewed publication of the Institute of Conservation (Icon) As such, its aims reflect those of Icon, to advance knowledge and education in conservation and achieve the long-term preservation and conservation of moveable and immovable cultural heritage. The <i>Journal</i> provides a collective identity for conservators; it promotes and supports both the profession and professionalism. With international contributions on all aspects of conservation
<i>Journal of the Canadian Association for Conservation</i>	The Journal of the Canadian Association for Conservation (J.CAC) is the peer-reviewed journal of the Canadian Association for Conservation of Cultural Property (CAC) J.CAC superseded the Journal of the International Institute for Conservation – Canadian Group (J.IIC-CG) in 1997. One volume is published each year, in both print and electronic format, bringing developments in conservation treatment, research, history and theory to our members and to the conservation field in Canada and internationally.
<i>Journal of cultural heritage</i> (Q1) * Patrimônio Cultural Multidisciplinar Ciência da Computação Climatologia	The <i>Journal of Cultural Heritage (JCH)</i> is a multidisciplinary journal of science and technology for studying problems concerning conservation and awareness of cultural heritage in a wide framework. The main purpose of JCH is to publish original papers which comprise previously unpublished data and present innovative methods concerning all scientific aspects related to the knowledge of cultural heritage as well as novel interpretation and theoretical issues related to preservation. The journal is intended to offer a venue to scientists from different disciplines whose common objective is developing and applying scientific methods to improve the research and knowledge on cultural heritage, in particular in the following fields:• Safeguarding, conservation and exploitation of cultural heritage• Heritage management and economic analyses• Computer sciences in cultural heritage• Impact of climate change on cultural heritage and management of the change The <i>Journal of Cultural Heritage</i> is interested in papers:• Reporting significant advances in scientific methods and techniques• Presenting multidisciplinary research• Dealing with issues of wide/global interest• Review papers dealing with specific topics in which an up-to-date "state of the art" is presented.
<i>Studies in conservation</i> Arte, Arqueologia História Museologia Patrimônio material	<i>Studies in Conservation</i> is the premier international peer-reviewed journal for the conservation of historic and artistic works. The intended readership includes the conservation professional in the broadest sense of the term: practising conservators of all types of object, conservation, heritage and museum scientists, collection or conservation managers, teachers and students of conservation, and academic researchers in the subject areas of arts, archaeology, the built heritage, materials history, art technological research and material culture. <i>Studies in Conservation</i> publishes original work on a range of subjects including, but not limited to, examination methods for works of art, new research in the analysis of artistic materials, mechanisms of deterioration, advances in conservation practice, novel methods of treatment, conservation issues in display and storage, preventive conservation, issues of collection care, conservation history and ethics, and the history of materials and technological processes. Scientific content is not necessary, and the editors encourage the submission of practical articles, review papers, position papers on best practice and the philosophy and ethics of collecting and preservation, to help maintain the traditional balance of the journal. Whatever the subject matter, accounts of routine procedures are not accepted, except where these lead to results that are sufficiently novel and/or significant to be of general interest.

Techné: la science au service de l'histoire de l'art et des civilisations Interdisciplinar Historia da Arte, Ciências Exatas e Humanas, Arte, Arqueologia, Etnografia, Museologia	Publiée depuis 1994, <i>Techné</i> est une revue scientifique interdisciplinaire dont l'objectif est de mettre la science au service de l'histoire de l'art et de la préservation des biens culturels. Elle publie deux fois par an des contributions originales rendant compte de l'application des sciences exactes et humaines à l'étude et à la préservation du patrimoine culturel. Le champ géographique et chronologique concerné est vaste, des civilisations antiques aux mondes modernes européen et extra-européens, de la Préhistoire à l'art le plus contemporain, des témoignages archéologiques aux productions artistiques, aux objets ethnographiques et aux collections d'histoire naturelle.
--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Como o AATA online não dispõe de instrumentos de exportação que incluam a biografia do autor, não foi possível identificar as diferentes áreas de conhecimento de formação e atuação dos autores na base. A decisão foi, então, pesquisar os nomes dos autores na internet: primeiro no motor de busca Google e, depois, quando havia links, pesquisamos nas instituições de vínculo funcional dos autores. A seguir, o resultado encontrado nessa busca refletiu a amplitude de formação dos autores, ou mesmo, a interdisciplinaridade, que reforçou os resultados específicos sobre interdisciplinaridade na conservação-restauração, informações que compõe o quadro 4, a seguir:

Quadro 4 : Lista de autores extraídos do AATA online, com respectivas formações e funções atuais. (pesquisa de formação realizada no motor de busca Google) e fontes complementares.

AUTORES	FORMAÇÃO 1	FORMAÇÃO 2	FORMAÇÃO 3	FUNÇÃO
Andreotti, Alessia	Journalism	Theory and Methods for Communication	New Media Language	
Badet, Claude				Professeur
Bayon, Jacqueline	Histoire			Professeur Pôle international de formation en patrimoines Université Jean Monnet
Benoit, Christine	Chimie (ingénieur ENSCP)	Histoire de l'art		C2RMF- Centre Interdisciplinaire de Conservation et de Restauration du Patrimoine
Bianchin, Sara	Chemistry	Chemistry		Institute of Condensed Matter Chemistry and Technologies for Energy
Campo Frances, Gema	Fine Arts Degree Conservation speciality	Faculty of Fine Arts	PhD in Fine Arts	Catedràtica del Departament d'Arts i Restauració de la Facultat de Belles Arts
Campos, Susana		Conservation and restoration		Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa
Casadio, Francesca		Chemistry	Art Institute of Chicago	Senior Conservation Scientist
Colombini, Maria Perla		Chemistry		Department of Chemistry and Industrial Chemistry
Conde, Diana	Artes plásticas	Conservação e Restauro, Pintura de Cavalete	Conservação e Restauro	Conservação-Restauro de pintura
Cordeiro, Filipa Raposo	Artes plásticas	Conservação e Restauro de pintura de cavalete		Conservator-restorer
Costa, Thiago Guimarães	Química	Química	Doutor em Química Inorgânica	Química aplicada ao patrimônio cultural

AUTORES	FORMAÇÃO 1	FORMAÇÃO 2	FORMAÇÃO 3	FUNÇÃO
Crouch, Megan	Painting conservation	Masters in Conservation of Fine Art	Postgraduate Intern at Art Conservation	Associate Paintings Conservator
Favaro, Monica	Química	Cultural Heritage		Research programme expert at the European Research Council Executive Agency
Fiedler, Inge	Chimie	Microscopie		Conservation Microscopist at The Art Institute of Chicago
Gautier, Gwénaëlle	Chemical-Cultural Heritage	PHD Chemical Sciences		Autônoma cientista
Grimaud, Pamala	Film studies	History Masters at NYU		Visual researcher
King, Annette		Linguística	Specialization easel painting and Art History	Paintings Conservator-Modern and Contemporary at Tate
Leal, Nuno	Geologia	Petrologia Geoquímica	Interdisciplinary multi-scale study of the gilding materials and techniques in Portuguese wooden decorative art	Assistant Researcher
Maines, Christopher	Química			Senior Conservation Scientist at National Gallery of Art- pintura
May, Roland	Histoire	Archéologie Muséologie	Directeur du Centre Interdisciplinaire de Conservation et Restauration du Patrimoine	Conservateur du patrimoine
McMillan, Gillian	Conservation of easel paintings			Associate Chief Conservator for the Collection
Mognetti, Elisabeth	Conservatrice du patrimoine		Archiviste paléographe,	Conservateur en chef du Patrimoine Auteur de publications sur la restauration, la peinture italienne, la sculpture du Moyen-âge et de la Renaissance en Provence
Oriola, Marta	Fine Arts - Conservation speciality			Adjunct lecturer at the Faculty of Fine Arts easel paintings conservation
Ormsby, Bronwyn	Painting conservator			Principal Conservation Scientist
Pacheco, Maria Filipa	Conservação- restauro	Conservação- restauro		Conservadora restauradora de pintura
Pedragosa, Nuria	Conservateur-restaurateur			Conservadora-restauradora de pintura
Richter, Fábio Andreas	História	Mestre em História	Administração	Historiador da Fundação Catarinense de Cultura
Rovetta, Tommaso	Science and Technology for the Cultural Heritage			Conservation Scientist
Ruiz Recasens, Cristina		Conservação-re restauração	Doutora Belas artes	Professora Conservació-Restauració, de la Facultat de Belles Arts
Salemi, Giuseppe	Conservation and Restoration Cultural Heritage		Department of Cultural Heritage: Archaeology and History of	Professor department of Cultural Heritage: Archaeology and History of Art, Cinema and Music

			Art, Cinema and Music	
AUTORES	FORMAÇÃO 1	FORMAÇÃO 2	FORMAÇÃO 3	FUNÇÃO
Sandu, Irina Crina Anca		Science in Technologies Conservation and Restoration		Conservationist, Researcher.
Santiago, Alina Gonsalves	Conservation and Restoration Cultural Heritage			
Sorano Stedman, Veronique		Membres du conseil scientifique de l'Institut National du Patrimoine pour la section : « formation des restaurateurs du patrimoine »	restauratrice, diplômée de l'Institut Français de Restauration des œuvres d'art	Department of Conservation- Restoration Centre Pompidou
Strlic, Matija	Chemistry			Professor of Analytical Chemistry research focus is in the cross- disciplinary field of heritage science.
Townsend, Joyce H.	Conservation- restorer painting			Senior conservation scientist at Tate
Tsai, Joyce	Art Historian			Stanley Museum of Art; School of Art & Art History
Van Oudheusden, Saskia	Arts - cultural studies	Paintings conservator- researcher	Conservação - Restauração	Paintings conservator
Vigato, Pietro A.	Architecture	Histoire d'Amérique		Artist
Volle, Nathalie	Histoire de l'art			Conservateur de musée

Fonte: Elaborado pela autora.

As informações do quadro 5, a seguir, reúnem as áreas de conhecimento, cursos e programas dos três níveis de formação e da atuação dos autores.

Consideramos oportuno, neste momento, enfocar algumas questões sobre interdisciplinaridade. Começando pela Capes e CNPq, que dispõem com fins de planejamento e gestão governamental, da Tabela das Áreas do Conhecimento. Este é um instrumento para organizar o corpo de saberes, visando a implementar, administrar e avaliar seus programas e atividades. A tabela orienta os usuários dessas agências a situarem suas atividades no quadro geral da produção e aplicação do conhecimento. No entanto, programas de natureza interdisciplinar, nem sempre são inseridos nessa categoria, como é o caso de Ciência da Informação e o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio-PPGPMUS. Este último, por exemplo, fruto da parceria entre a UNIRIO e o MAST, assim como o de Ciência da Informação, está classificado em Comunicação e Informação na CAPES.

De acordo com o documento de Requisitos para apresentação de propostas de novos cursos a Capes justifica a ausência de alguns programas, como História do Estados Unidos, Patrimônio etc. (2019):

[...] a interdisciplinaridade se caracteriza como espaço privilegiado para as ações da Capes em relação ao sistema nacional de pós-graduação, em virtude de sua natureza transversal, para avançar além das fronteiras disciplinares, articulando, transpondo e gerando conceitos, teorias e métodos, ultrapassando os limites do conhecimento disciplinar e dele se distinguindo, por estabelecer pontes entre diferentes níveis de realidade, lógicas e formas de produção do conhecimento. Portanto, é fundamental o diálogo da Área Interdisciplinar com as demais Áreas, induzindo e fortalecendo as interconexões no próprio interior da Área Interdisciplinar. (CAPES, 2019, p. 2)

Quadro 5: Lista das grandes áreas, áreas do conhecimento, cursos e programas e setor cobertos pela de formação dos autores.

Arqueologia
Arquitetura
Arquivística
Artes Plásticas
Belas-Artes
Ciência e Tecnologia do Patrimônio Cultural
Ciência e Tecnologia em Conservação-Restauração
Cinema
Conservação de Pintura
Conservação do Patrimônio
Conservação- Restauração
Estudos culturais
Geologia
Geoquímica
História
História da Arte
Jornalismo
Linguística
Microscopia
Museologia
Paleografia
Patrimônio
Petrologia
Preservação de bens culturais
Química
Teoria e Métodos de Comunicação

As informações da tabela 2, a seguir, foram tabuladas e constituirão o gráfico 1, reunindo as áreas de conhecimento das áreas contempladas pelas revistas consultadas. Antes, entretanto, enfocaremos alguns resultados de pesquisas sobre interdisciplinaridade.

A necessidade de mais colaboração entre disciplinas e profissões é repetidamente enfatizada em muitos textos e por autores que atuam em projetos, programas e serviços da conservação e restauração, como na próxima citação:

Os relacionamentos de longa distância são difíceis. As colaborações acadêmicas em díspares disciplinas científicas são ainda mais desafiadoras: é provável que os colaboradores tenham seus escritórios em outro prédio, participem de conferências diferentes e publiquem em outros lugares; eles podem falar uma diferente linguagem científica e valorizar uma cultura científica diferente da sua. Nos últimos 20 anos, a interdisciplinaridade permaneceu um tópico importante na política científica [GIBBONS; LIMOGES; NOWOTNY; SCHWARTZMAN; SCOTT; TROWW, 1994; WEINGART; STEHR; 2000; FRODEMAN; KLEIN; MITCHAN; 2010 apud LARIVIÈRE, 2015) [...]A interdisciplinaridade pode ser definida como uma combinação de métodos, teorias e dados de disciplinas distintas para derivar idealmente em um resultado maior que a soma de suas partes. (WAGNER, ROESSNER, BOBB; KLEIN, BOYACK; KEYTON, et al. 2010 apud LARIVIÈRE, 2015, p. 1-2)

Com a análise da informação sobre a cobertura das revistas e formação e atuação de autores, chegamos à tabela a seguir, representativa da frequência de grandes áreas, áreas do conhecimento e setor. Na tabela da Capes não aparece Patrimônio como área, pois Então tem áreas de Concentração do Programa, como : Estudos interdisciplinares em Memória Social e Patrimônio, Memória e Gestão de Bens Culturais/Patrimônio, as seguintes as áreas receberam

Tabela 2: Grandes áreas, áreas do conhecimento e setor cobertos pelas revistas pesquisadas.

Áreas de conhecimento	Frequência	Porcentagem
Patrimônio	7	17%
História da Arte	4	10%
Museologia	4	10%
Arqueologia	4	10%
História	3	7%
Climatologia	2	5%
Filosofia	1	2%
Biblioteconomia	1	2%
Arquivologia	1	2%
Arquitetura	1	2%
Química	1	2%
Física	1	2%

Biologia	1	2%
Turismo	1	2%
Direito	1	2%
Estudos culturais	1	2%
Teatro	1	2%
Design	1	2%
Ciência da computação	1	2%
Arte	1	2%
Ciências Exatas	1	2%
Ciências Humanas	1	2%
Etnografia	1	2%

A primeira observação que deve ser feita é sobre os resultados indicarem desde grandes áreas, como Ciências Exatas e Ciências Humanas, áreas do conhecimento, entre as quais Museologia, Física, História e Biblioteconomia, bem como subáreas, por exemplo, História da Arte e até setor (que não é considerado pela Capes, área do conhecimento), no caso, Patrimônio. Embora a terminologia e categorias adotadas sejam da tabela de áreas do conhecimento da CAPES (2017), é oportuno esclarecer que, no caso de Ciência da Informação, que constitui área, são incluídas como subáreas Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, no entanto assim não foi considerado nesta tese, seguindo as divisões epistemológicas adotadas por Pinheiro, em inúmeros trabalhos, inclusive no mais recente (PINHEIRO, 2018)

É oportuno salientar, ainda, que a tabela de área da CAPES, conforme podemos constatar, a interdisciplinaridade mais intensa ocorre com Patrimônio (7), seguido de História da Arte, Museologia e Arqueologia (frequência 4), seguidas de História (frequência 3) e Climatologia (frequência 2) Além disso, há grande dispersão de interdisciplinaridade, com inúmeras outras áreas com frequência 1, o que pode indicar que as relações interdisciplinares estão apenas começando, resultado natural uma vez que, segundo Fazenda (1994, p.18), a interdisciplinaridade como questão da ciência começa a ser estudada nos anos de 1960, principalmente na França e Itália. Podemos acrescentar que se manifesta no Brasil por seu pioneiro Hilton Japiassu, com seu livro “Interdisciplinaridade e patologia do saber” . (1976)

Outro resultado mostrado na tabela 2 a ser mencionado, é sobre a possibilidade de uma subárea poder ser inserida em duas áreas distintas, por exemplo, História da Arte poderia estar tanto em Arte quanto em História, o que dependerá da abordagem do autor. Para encerrar a análise dos resultados apresentamos a tabela 2 (Grandes áreas, áreas do conhecimento e setor cobertos pelas revistas pesquisadas) sob a forma de um gráfico,

[...]A importância da introdução de uma Área Interdisciplinar no contexto da pós-graduação brasileira, em 1999, decorreu dos problemas que emergem no mundo contemporâneo, de diferentes naturezas e com variados níveis de complexidade, muitas vezes decorrentes do próprio avanço dos conhecimentos científicos e tecnológicos. A natureza complexa de tais problemas requer diálogos não só entre disciplinas próximas, dentro da mesma área do conhecimento, mas entre disciplinas de áreas de conhecimento diferentes, bem como entre saberes disciplinares e não disciplinares. Daí a relevância de novas formas de produção de conhecimento e formação de recursos humanos, que assumam como objeto de investigação fenômenos que se colocam em fronteiras disciplinares. Diante disso, desafios teóricos e metodológicos se apresentam para diferentes campos de saber[...]”. (CAPES, 2019, p. 8)

Por se tratar de uma tese em Ciência da Informação, encerramos este capítulo com o cruzamento de diferentes considerações resultantes da pesquisa. A pesquisa se apoiou em quatro conjecturas teóricas capitais: a primeira advindo da pragmática que contextualiza a elaboração documental criada a partir de instituições que visa o patrimônio cultural material; neste campo material específico, pinturas; a segunda é o da interdisciplinaridade que inclui a expressão de busca de uma identidade disciplinar da Conservação-Restauração, com o reconhecimento de algumas das lógicas de produção do conhecimento; a terceira, que se relaciona imediatamente ao primeiro, é a noção estabelecida pela Documentação, assim idealizada por Otlet e La Fontaine, onde os objetos de um museu são interpretados como documentos. Ainda que incorporado ao corpo teórico da Museologia, não foi desenvolvido juntamente com a conservação-restauração. A quarta conjectura desta tese procede da área da Ciência da Informação e pode ser vista como no âmbito direto da relação com a documentação. Na compreensão do documento na dinâmicas de técnicas e discursos a depender dos contextos econômicos-políticos, tecnológicos, institucionais e culturais envolvidos. Sendo assim, as práticas documentárias institucionalizadas, ou o fazer documental, assumem papel fundamental nesse processo de definição do potencial informativo que caracteriza o documento, logo, na definição do que é este documento em dado contexto e o fluxo de informação que o permeia. A literatura consultada, seja no domínio da Sociologia das profissões, História da Arte, Museologia, Ciência da Informação, e demais disciplinas aprofundam as questões metodológicas ou filosóficas do dossiê de restauração.



8 PENÚLTIMAS REFLEXÕES

Das grandes virtudes quase não se fala mais. Isto não significa que não precisemos mais delas, nem nos autoriza a renunciá-las. É melhor ensinar as virtudes do que condenar os vícios. É melhor a alegria que a tristeza, melhor a admiração do que o desprezo, melhor o exemplo do que a vergonha. Não se trata de dar lições de moral, mas de ajudar cada um a se tornar seu próprio mestre, como convém, e seu único juiz. Com que objetivo? Para ser mais humano, mais forte, mais doce. Virtude é poder, é excelência, é exigência. As virtudes são nossos valores morais, mas encarnados, tanto quanto pudermos, mas vividos, em ato. Sempre singulares, como cada um de nós, sempre plurais, como as fraquezas que combatem ou corrigem. Não há bem em si: o bem não existe, está por ser feito, é o que chamamos de virtudes. SPONVILLE, 1999.

As exigências para a formação e atuação de um Conservador-Restaurador, nos levam a pensar que publicar e restaurar ainda não é possível para muitos. A falta de regulamentação profissional da atividade de Conservador-restaurador parece estar no entendimento de que a habilidade manual não coexiste nem pode ser exercida simultaneamente ou até prescindir do pensamento intelectual.

A discussão sobre a pós-graduação para Conservadores-Restauradores cria inúmeros problemas, como citado durante esta tese. Parece haver uma tradição, para não dizer estigma, de que restauradores não precisam de doutorado para exercer suas atividades. Aqueles que investem, sabem que não há reconhecimento profissional e como categoria profissional eles não existem. Assim, a universidade, principalmente a pós-graduação, local por excelência da pesquisa científica, não é frequentada como deveria por conservadores-restauradores.

Se na concepção tradicional, um especialista pode emitir, assinar, definir uma intervenção em um bem cultural, hoje cada vez mais se reconhece que é necessária uma estrutura de grupo de trabalho interdisciplinar. Assim, se evita que a decisão de um seja predominante e a responsabilidade nas decisões, realização e consequências sejam compartilhadas, impedindo que os desvios cometidos contra as obras e a sociedade, que todos sabemos, existem. A colaboração e o compartilhamento de responsabilidades, que caracterizam a atividade, sem dúvida atenuariam os problemas, até por uma visão mais ampla da questão.

Conflitos de interesses profissionais existem, não devemos ignorar. Falta de material e estrutura também. Muitos exemplos poderiam ser mencionados. A avaliação nas atividades da elaboração do dossiê de restauração é matéria de todos os dias.

Uma reformulação na prática de como os dossiês de Restauração e fichas técnicas da obra são pensados, criados e praticados é imprescindível. A complexidade do trabalho e precisão exigida, acrescida das dificuldades econômico-políticas e a imensa exigência de formação permanente, a ruptura com os antigos suportes, formas híbridas de produzir estes documentos com a introdução de novas tecnologias de registro da memória se multiplicam. As dificuldades persistem no que diz respeito à veracidade das informações relatadas nos relatórios. Estas fichas tem sido adaptadas ao longo dos anos, nos museus, seguindo orientações de toda ordem, mas as lacunas são muitas e o controle aparenta ineficaz.

Muitas ideias têm surgido, a exigência de mais de uma assinatura na redação final do documento de intervenção final poderia ser uma delas. Ajudaria no compartilhamento da responsabilidade, assim o guarda-chuva deontológico/ ético se ampliaria. A necessidade de uma metodologia que minimize as lacunas, sejam intencionais ou não, se impõe. Muitas são as variantes de vocabulário, as lacunas de conhecimento no preenchimento, ou simplesmente obscuridade no procedimento, são dificuldades que persistem, ainda resistem após 33 anos do Código de Ética do ICOM.

A necessidade de construir um sistema que siga as exigências atuais, seja diante do objeto museu, com tudo o que representa, futuro do trabalho, estatística de dados, possibilidade do risco de exposição da Conservação-Restauração é imprescindível. Além disso, atualmente, não podemos pensar na elaboração desta documentação sem levar em conta o avanço de vários campos disciplinares. A visibilidade da obra envolve a questão estética, de ótica, perspectiva, neurobiologia, sociologia da arte, incluindo a Ética aplicada. Uma metodologia não universal, pois sabemos impossível, mas que reafirme nossa habilidade de lidar com a realidade, nossas possibilidades e limitações. Seria de um ingênuo positivismo que conheceríamos e registraríamos tudo com perfeição, como no mundo idealizado que a cultura digital sugere, mas também seria de um ingênuo ceticismo negar que podemos conhecer e controlar a intervenção melhor de um objeto que se beneficia de um estatuto especial considerado um bem cultural pela sociedade. Não cabe aos conservadores-restauradores decidir sobre sua importância.

Desta forma, na intenção de obter maior controle dos investimentos, e racionalização das operações e na contratação de especialistas a decisão de muitos países de criar Centros de Conservação-Restauração para as coleções nacionais justifica-se. Inclusive pela possibilidade de se criar equipes mais interdisciplinares, no mesmo espaço de trabalho, com a proximidade física dos profissionais; e a estratégia de concentrar recursos, quando é preciso realizar análises, exames e diagnósticos em acervos importantes, possibilitando um investimento de maneira mais estratégica, por exemplo, de biblioteca especializada, serviço fotográfico, equipamentos como microscópios binoculares de precisão por exemplo;

Em Portugal, sobre as novas políticas e estratégias culturais europeias para Conservadores-restauradores para o século XXI, a evolução do título de Conservador-Restaurador ressalta a importância de oferecer cursos de doutorado e promover a pesquisa em todos os aspectos do patrimônio e incluir a criação de regras específicas para a definição de competências.

A ausência da Ciência da Informação entre as disciplinas que contribuem para a conservação-restauração pode evidenciar o grau ainda pequeno ou restrito da interdisciplinaridade. Lembremos a afirmativa de Gonzáles de GOMEZ (1993, 2007) sobre a “expansão da infoesfera tecnológica que abrange todo e qualquer estoque de conhecimento e informação” Assim, no mundo atual, no qual as tecnologias de informação e comunicação tem tamanha influência, até na rotina da sociedade em geral, e por sabermos que a internet é um território multidisciplinar, onde se encontram profissionais de múltiplas formações, com probabilidade de ações de informação interdisciplinares, a ausência da Ciência da Informação merece algumas reflexões. As análises e discussões durante o desenvolvimento desta tese sobre as atividades dos conservadores-restauradores ressaltam a visão tecnicista, voltada às habilidades e sem conexões teóricas, separando prática e teoria, daí os resultados desta pesquisa. Argumentamos, ainda, que a Conservação-Restauração está sob o domínio da História da Arte, uma vez que nosso levantamento sobre a formação desses profissionais indicam uma forte ligação com esta área, que praticamente predomina, relegando os conservadores-restauradores a uma atividade auxiliar considerando inclusive a participação pequena em número de conservadores- restauradores assinando publicações científicas. As condições materiais e sociais de transferência de informação durante a

elaboração de um instrumento de registro histórico/científico das obras no laboratório de Restauração exigem o exercício da interdisciplinaridade como método de cooperação.

Na contribuição para ressaltar os condicionamentos da rotina em busca de identidade profissional e da interdisciplinaridade, em meio a uma luta profissional, questionando o conjunto de atitudes, que ignora a ineficácia e ineficiência nos procedimentos de registro de intervenção, a crítica é bem-vinda e necessária, como um caminho à luz do permanente questionamento. No empenho de pensar as alternativas que levem à criação e imaginação, e não à subordinação às correntes hegemônicas na conservação-restauração com suas normas universais. Pensando sobre as hierarquias e qualificações dentro de instituições e centros de domínio intelectual da arte e das possibilidades de ensino, pesquisa e prática profissional, e o papel da Ciência da Informação no laboratório, esta pesquisa foi concluída.



REFERÊNCIAS

ABBOTT, A. **The system of professions an essay on the division of expert labor.** Chicago, The Chicago Press, 1988.

ALMEIDA, P. R. A economia internacional no século XX: um ensaio de síntese. **Rev. Bras. Polít. Int.** 44 (1): 2001, p.112-136.

AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION OF HISTORIC AND ARTISTIC WORKS. **Written Documentation.** AIC Ninth Annual Meeting. Washington, May 29, 1981. Washington, DC: 1981. Disponível em: <http://cool.conservation-us.org/coolaic/sg/bpg/pcc/05_written-documentation.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2019.

AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION OF HISTORIC AND ARTISTIC WORKS. AIC. AIC's Code of Ethics and Ethics and Standards: **Written documentation.** AIC. Committee Supplement. n. 4, AIC News. March 1992. Disponível em: <http://cool.conservation-us.org/coolaic/sg/bpg/pcc/05_written-documentation.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2019.

ANJOS, M. **Desafios para Museus de Arte no Brasil no séc. 21** [transcrição integral]. Mesa-redonda realizada no Instituto Goethe em 02 de setembro de 2004 com Paulo Sérgio Duarte (Fundação Iberê Camargo), Paulo Herkenhoff (Museu Nacional de Belas Artes), Moacir dos Anjos (Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães) e Marcelo Araújo (Pinacoteca do Estado de S. Paulo), mediada por Martin Grossmann (USP) Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/painel/palestras/desafios-para-museus-de-arte-no-brasil-no-sec-21-integra>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

ANTUNES, F. S. Conservación e restauro: sector da actividade económica versus domínio científico-tecnológico: uña realidade, una ficción o una utopía? Aproximación de criterios y técnicas de conservación entre Portugal y España. **Ge-conservación/conservação.** 1- 2010, p. 37-57.

ARAÚJO, C. A. A. Ciência da Informação, como campo integrador para as áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 173 - 189, jul./jun. 2010.

ASCR- ADVANCED ANALYSIS IN CULTURAL HERITAGE STUDIES

Advanced non-invasive and micro-analytical techniques and approaches in cultural heritage studies. Disponível em: < <https://www.alma-lab.cz/eng/conference-proceedings>>. Acesso em: 20 set. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONSERVADORES E RESTAURADORES DE BENS CULTURAIS. (ABRACOR) Carta aberta aos Associados. Disponível em: <<https://www.facebook.com/101776446587293/posts/carta-aberta-aos-associados-abracor-colegas-e-estudantes-prezados-colegas-conser/1479059075525683/>> .Acesso em: 25 jan. 2020.

_____. (ABRACOR) Código dos Restauradores de Bens Culturais. Boletim da Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais. ABRACOR, Rio de Janeiro, Brasil.: Ano VIII, n 1. julho, 1988. 8 p.

ASSOCIATION CANADIENNE POUR LA CONSERVATION ET LA RESTAURATION DES BIENS CULTURELS - ASSOCIATION CANADIENNE DES RESTAURATEURS PROFESSIONNELS. (ACCB-ACRP) Code de déontologie et Guide du praticien. Ottawa, 1986. Disponível em: <<http://capc-acrp.ca/Documents/fcode.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DE CONSERVADORES E RESTAURADORES DE PORTUGAL (ARP); UNIVERSIDADE DE LISBOA; EMBAJADA DE ESPAÑA. Disponível em:<<http://www.arp.org.pt/documentos-arp/publicacoes-do-encontro-o-conservador-restaurador-uma-profissao-emergente-do-patrimonio-cultural.html>>. Acesso em: 20 nov. de 2019.

ASSOCIATION DES RESTAURATEURS D'ART ET D'ARCHEOLOGIE DE FORMATION UNIVERSITAIRE. (ARAAFU) Colloque sur la conservation restauration des biens culturels. 1992. Paris : 1992, 324 p.

_____. Retours d'expérience et regards rétrospectives. 6e Colloque International de l'ARAAFU. Abstracts. 2014. Paris, Cité de l'architecture et du patrimoine. Paris : 2014.

_____. Sur la Dé-restauration, Restauration et la Re-restauration. 1995, Abstracts. Paris. Colloque sur la conservation restauration des biens culturels. Paris : 1995.

_____. Visibilité de la restauration, lisibilité de l'œuvre : question omniprésente dans toute intervention. Abstracts. 2003, Paris. Colloque sur la conservation restauration des biens culturels. Paris : 2003. 326 p.

BACA, M. Intro to Metadata. In: **Introduction to Metadata**. ed. Los Angeles: Getty Publications, 2016. Disponível em: <<http://www.getty.edu/publications/intrometadata/>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

BADER, L. Faitiches der Kunstgeschichte. **Trajectoires**, v. 9 , 2015. Disponível: <<http://journals.openedition.org/trajectoires/1542>> . Acesso em: 9 jun. 2019.

BAILÃO, A. Terminologia associada à Conservação de pintura. Universidade Católica portuguesa, Centro de investigação académica das artes (CITAR), Porto Portugal. **Conservar Patrimônio**, 18, 2013, p. 55-62.

BARJA, W. (Org.) Seminário Internacional sobre Gestão Museológica : Questões Teóricas e Práticas (2012 : Brasília, DF) Gestão museológica [recurso eletrônico] : questões teóricas e práticas / Seminário Internacional sobre Gestão Museológica realizado pelo Museu Nacional do Conjunto Cultural da República ; organizador Wagner Barja. Museum management : theory and practice / International Seminar on Museum Management held by the Museu Nacional do Conjunto Cultural da República (National Museum of the Cultural Complex of the Republic) -Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

BARTHE et al., Sociologie pragmatique : mode d'emploi. **Politix**, v. 3, n. 103, p. 175-204.

BASILE, G. For a didactic museum of conservation and restoration. **Museum International**, 1984, 36:2, p. 81-85.

BAUDRILLARD, J. **Le système des objets**. Gallimard, Paris : 1968.

BERGEON, S. L La formation des restaurateurs spécialisation interdisciplinarité et dangers. Groeninghe : **ICOM**, 1995.

BERGEON, S. L. **Gilberte Émile-Mâle**: Pour une histoire de la restauration des peintures en France. Paris : Somogy : INP, 2008.

BERGEON, S. L La restauration : de l'interdisciplinarité à la discipline. **Bulletin de l'IRPA**, Vol. 30, 2003, Bruxelles, 2004, p. 15-32.

BERGEON, S. L La formation des restaurateurs : spécialisation, interdisciplinarité et dangers. *Cahiers d'Étude*, 1(1) : 21.

BERGEON, L. S ; BERDUCOU, M ; NYEBORG, P. La recherche en conservation-restauration : pour l'émergence d'une discipline. **Techné**, n. 6, 1994, p. 104-110.

BERGEON, S. L ; BRUNEL, G. La restauration est-elle une discipline ? Les Cahiers de la Ligue Urbaine et Rurale -Patrimoine et cadre de vie, n. 144-145, **Art et Restauration**, 3e et 4e trimestres 1999, p. 68-74.

BERGEON, S. L ; BRUNEL, G. **La restauration des œuvres d'art**: Vade-mecum en quelques mots. Paris: Hermann, 2014.

BERLINA, A. Let Us Return Ostranenie to Its Functional Role: On Some Lesser-Known Writings of Viktor Shklovsky. **Common Knowledge**, v. 24, n. 1, p. 8-25, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1215/0961754X-4253781>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

BICALHO, L. M.; OLIVEIRA, M . A teoria e a prática da interdisciplinaridade em Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte. MG, [S.l.], v. 16, n. 3, p. 47-74, jul. 2011. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1245/892>>. Acesso em: 22 out. 2019.

BITTENCOURT, J. N. Revista Eletrônica. **Ventilando Acervos**, vol. 1, nov. 2013.

BLAIR, A. Scholarly Critique in the Early Modern Period. **HFrance Salon 7** (20) Disponível em: <<http://nrs.harvard.edu/urn-3:HUL.InstRepos:29675367>>. Acesso em: 12 mar.2019

BLAIR, A. **Too much to Know**: Managing Scholarly Information before the Modern Age. London: Yale University Press, 2010.

BLAY, M. Origine et dépassement de la science classique. Aspects historiques et philosophiques de l'approche kojévienne. In : **Hommage à Alexandre Kojève** : Actes...Paris. Éditions de la Bibliothèque nationale de France, 2007.

BOILEAU, É. [1200]. **Les métiers et corporations de la ville de Paris: XIIIe siècle.** Le livre des métiers d'Étienne Boileau. LESPINASSE, R, BONNARDOT. F. Ed. Imprimerie nationale. Paris: 1879.

BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. **De la justification :** Les économies de la grandeur. Paris: Gallimard, 1991.

BORGES, R. O Conservador-restaurador: uma profissão emergente do patrimônio cultural. Publicações de congresso. **European Cultural Heritage Strategy for the 21st Century.** Disponível em: < <http://www.arp.org.pt/documentos-arp/publicacoes-do-encontro-o-conservador-restaurador-uma-profissao-emergente-do-patrimonio-cultural.html>> . Acesso em: 20 set. 2019.

BORRELLI, L. V. Restauro e conservazione dei beni archeologici fra passato e presente. **Histoire de la restauration en Europe.** Actes du congrès international. Interlaken: 1989.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOUTIER, J; PASSERON, J.C.; REVEL, J. **Qu'est-ce qu'une discipline ?** Paris: Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, 2006.

BRANDI, C. **Théorie de la Restauration.** Paris : Éditions du patrimoine. Centre des Monuments Nationaux, 2011. Teoria del restauro. Rome : Edizioni di storia e letteratura, 1963.

BRANDI, C. **Teoria da Restauração.** Tradução Beatriz Mugayar Kühl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BREUIL, M. H. Enjeux et pratiques documentaires en conservation-restauration, perspectives pour la recherche. **CeROArt.** Journées d'étude-Association des restaurateurs d'art et d'archéologie de formation universitaire et le Centre de recherche en préservation des biens culturels. Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne, Paris : 2012. Compte-rendu des journées d'étude. Centre de Recherche en Préservation des Biens Culturels (CRPBC), Histoire culturelle et sociale de l'art. Université Paris 1-Panthéon-Sorbonne, octobre 2010 à Paris. Disponível em: <<http://ceroart.revues.org/2003>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BÜHLER E. A. ; CAVAILLE, F. ; GAMBINO, M. Dossier Interdisciplinarité. Le jeune chercheur et l'interdisciplinarité en sciences sociales : Des pratiques remises en question. Volume 14 / n. 4 (Octobre-Décembre 2006) **Natures Sciences Sociétés**, 14-4 2006, p. 392-398.

BURKE, P. **História social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Vol. 1. Rio de Janeiro : Zahar, 2003.

BUTTAY, F.; LASSERRE, G.; POLO, J. Chapitre XIV. **Art et Société**. In: Les sociétés au XVII siècle: Angleterre, Espagne, France. Annie Antoine; Cédric Michon (dir.) Rennes, France: Presses universitaires de Rennes. Publication sur Open Edition Books: 2015.

CAETANO, J. O. **Pintura**: Coleção Normas de Inventário. Direção-Geral do Patrimônio Cultural. Lisboa. DPI Cromotipo. Instituto dos Museus e da Conservação. Governo de Portugal. nov, 2007. Disponível em: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/FichaTecnica.aspx>. Acesso em: 25 jul. 2019.

CAMERON, F.; MENGLER, S. Complexity, Transdisciplinary and Museum Collections Documentation: Emergent Metaphors for a Complex World. **Journal of Material Culture**, 2009: 14, 189.

CANADIAN CONSERVATION INSTITUTE. **Condition Reporting** – Paintings. Part III: Glossary, revised. CCI Notes 10/11. Ottawa, ON: Canadian Conservation Institute, 2017.

CATEGORIES FOR THE DESCRIPTION OF WORKS OF ART . CDWA- **List of Categories and Definitions**. Disponível em: http://www.getty.edu/research/publications/electronic_publications/cdwa/definitions.pdf.. Acesso em: 20 jul. 2019

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR.(CAPES) CAPES. Diretoria de Avaliação (DAV) Documento de área. Área 45_ Interdisciplinar. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/INTERDISCIPLINAR.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

_____. Tabela das áreas de conhecimento. Atualizada. 2014. Publicação na Web. 31/01/2017. Disponível em:

<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/TabelaAreasConheciment_o_042009.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

CARVALHO, H. F. Considerações sobre a formação do conservador-restaurador no Brasil. **Estudos de Conservação e Restauro**. ECR- Universidade Católica portuguesa-Escola de Artes, n. 4, 2013.

CARVALHO, A. P. C. O Curso de Especialização em Bens Culturais Móveis da UFRJ: Contribuições para a preservação do patrimônio. Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) 2017. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2017. 269p. Orientador: Ivan Coelho de Sá. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppg-pmus/ana_paula_correa_carvalho.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019

CARVALHO, C. S.; et al. **Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio material**. Rio de Janeiro: Livros do Museu Histórico Nacional, 2008.

CARLYLE, L., BAKER, W; H. McKay. Condition Reporting – Paintings. Part II: Examination Techniques and a Checklist, revised. **CCI Notes** 10/7. Ottawa, ON: Canadian Conservation Institute, 2018.

CASANOVA, M.C.L. A figura emblemática de Luciano Freire e o seu papel na História da Conservação em Portugal. **Estudos de Conservação e Restauro**. Porto: Universidade Católica portuguesa, 2013.

CASTRO, A. A. N. A formação de conservadores-restauradores de bens culturais móveis no Brasil: memórias e trajetória histórica. **Conservar Patrimônio**. Associação Profissional de Conservadores Restauradores de Portugal, n. 24, 2016
Disponível em:
< <http://www.redalyc.org/jatsRepo/5136/513654153008/html/index.html>> .
Acesso em: 9 maio 2019

CASTRO, A. A. N. **Do restaurador de quadros ao conservador-restaurador de bens culturais: o corpus operandi na administração pública brasileira de 1855 a 1980**. Universidade Federal de Minas Gerais. UFMG. Escola de Belas Artes. Doutorado em Artes, 2013.

CASTRO, A. A. N.; FRONER, Y. Reflexões sobre o campo da Conservação-Restauração de bens culturais no Brasil: memórias e desafios historiográficos, in **Patrimônio Cultural Plural**, Y. D. S. Campos, Arraes Editores, Belo Horizonte, 2015, p. 72-92

CESARE BRANDI. Sa pensée et l'évolution des pratiques de restauration. Actes du colloque. Université Libre de Bruxelles, 25 octobre 2007, édités par N. Gesché- Koning et C. Périer-D'Ieteren, Série spéciale. **Annales d'Histoire de l'Art et d'Archéologie de l'ULB**, Cahier d'études X, ULB, 2008.

COMITÊ INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO DO ICOM (CIDOC-ICOM) - Collections Trust/Reino Unido. Roteiros do CIDOC e do Glossário da Norma SPECTRUM 4.0 -3º volume da Coleção Gestão e Documentação de Acervos: textos de referência. Museu da imigração do estado de São Paulo. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Roteiros-do-Cidoc_p5.pdf> Acesso em: 12 maio 2019.

CLAVIR, M. The Social and Historic Construction of Professional Values in Conservation. **Studies in Conservation**, Vol. 43, No. 1 ,1998, pp. 1-8.

COELHO, B. R. V. A formação de conservadores-restauradores no Brasil: histórico e critérios para avaliação. **Boletim ABRACOR**. Rio de Janeiro, ano 2, n. 9, mar./maio 1996, p. 2-6.

COMETTI, J. P. **Conserver- Restaurer: L'œuvre d'art à l'époque de sa préservation technique**. Paris: Gallimard, 2016, 320 p.

CORBEIL, M. C. Conservation institutions as agents of change. **Studies in Conservation**. 2013, 60: sup2, 32-38. Supplementary issue of studies in Conservation presents papers arising from the ICCROM. Forum on Conservation Science, 2015.

COREMANS, P. Scientific Research and the Restoration of paintings. In: **Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage**. 1995, Los Angeles : GCI, p. 216-229.

CUNHA, C. dos R.(2010), **Restauração: diálogos entre teoria e prática no Brasil nas experiências do IPHAN**. São Paulo: dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

CUNHA, C. dos R. FÓRUM PATRIMÔNIO - Vol. 0, n. 0 (0) Disponível em: <http://www.forumpatrimonio.com.br/view_abstract.php?articleID=164&modo=1#> ; Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia>. Acesso em: 12 jul. 2019.

CURY; I. Cartas patrimoniais. (IPHAN) Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Séries: Edições do patrimônio. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

DECHARNEUX, S ; GOB, A. Les techniques au musée : questions éthiques. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM, ICOFOM, Vienna, Museology and Techniques. International Committee for Museology, ICOFOM Study Series ISS 36, München, 2007, p.55-60. Disponível em: <http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2036%202007.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2019.

DOCUMENTATION OF MUSEUM COLLECTIONS. WHY? HOW? Practical guide Publication: Anne Ambourouè Avaro (École du Patrimoine Africain – EPA), contribution of Gaël de Guichen (ICCROM) and Alain Godonou (École du Patrimoine Africain. – EPA) Coordination for ICCROM: Isabelle Verger Proofreading: Alain Godonou, Isabelle Verger Translation: Michael Westlake (English), Claudia Pettinau (Spanish) Layout and cover: Illustrations: Flaubert Meye Edou Disponível em: <http://www.epa-prema.net/documents/ressources/Practical-Guide-Documentation_eng.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2019.

DUBUC, É. Museum and university mutations: the relationship between museum practices and museum studies in the era of interdisciplinarity, globalisation and news technologies. **Museum Management and Curatorship**, 26:5, 497-508. 2011.

DURUSSEL, L. **Le rôle des archéologues dans la lutte contre le pillage et le trafic d'antiquités**. Mémoire de Licence. Université de Neuchâtel, Institut d'archéologie classique, Neuchâtel, octobre, 2002

ECCO- EUROPEAN CONFEDERATION OF CONSERVATOR-RESTORERS ORGANISATIONS: Professional Guidelines (1993) Disponível em: <<http://www.ecco-eu.info/>>. Acesso em: 25 jul. 2019

E.C.C.O. 2011 – EUROPEAN CONFEDERATION OF CONSERVATOR-RESTORERS' ORGANISATIONS A.I.S.B.L. / Confédération Européenne des Organisations de Conservateur-Restaurateurs A.I.S.B.L. Susan Corr (Coor) (ICHAWI, Ireland) Jeremy Hutchings, (NKF-N, Norway) Jaap van der Burg (Restauratoren Nederland, The Netherlands) David Aguilera Cueco (FFCR, France) Mechthild Noll Minor (VDR, Germany) Agnès Gall Ortlik, (Grup Tècnic, Spain) Sebastian Dobrusskin, (SKR-SCR, Switzerland) COMPETENCES FOR ACCESS TO THE CONSERVATION- RESTORATION PROFESSION. Disponível em: <

http://www.ecco-eu.org/fileadmin/assets/documents/publications/ECCO_Competences_EN.pdf>.
Acesso em: 9 jun.2018.

ÉMILE- MÂLE, G. Survol sur l’histoire de la restauration de peintures du Louvre. In : **Histoire de la restauration en Europe**. Actes du Congrès International, Interlakek, Worms, 1991.

ÉTIENNE, N. **La restauration de tableaux à Paris. (1750- 1815)** Pratiques et discours sur la matérialité des œuvres d’art. Rennes, Presses universitaires de Rennes, 2012.

ÉTIENNE, N. ; HÉNAUT, L. (dir.), **L'Histoire à l'atelier**. Restaurer les œuvres d'art (XVIIIe-XXIe siècles), Lyon, Presses universitaires de Lyon, 2012.

FABIANI, J. L. Du chaos des disciplines à la fin de l’ordre disciplinaire ? **Pratiques**. 2012 p.153-154. Disponível em: < <http://pratiques.revues.org/1969>> . Acesso em: 30 set. 2016.

FARGIER-DEMERGES, S. **Spécificités et enjeux du dossier d’œuvre face à ses perspectives d’évolution du papier vers l’électronique au sein d’une documentation muséale d’art contemporain** : Le cas du Musée national d’art moderne. Centre de création industrielle, 2009.

FAUCHER, K. X. An information meta-state approach to documentation. **Journal of documentation**. Vol. 70, n. 4, 2014. p. 503-525.

FERREIRA, A.B.H. Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba : Positivo, 2004.

FERREZ, H. D. Documentação museológica : teoria para uma boa prática. In : IV FÓRUM NORDESTINO DE MUSEUS, 1991, Recife. Anais do IV Fórum Nordestino de Museus. Recife : IBPC/Fundação Joaquim Nabuco, 1991. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/38689114/Documentacao-Museologica-Helena-DoddFerreZ>>.
Acesso em: 5 jun. 2019.

FREIDSON, E. et al. Les professions artistiques comme défi à l’analyse sociologique. In: **Revue française de sociologie**. 1986, 27-3. Sociologie de l’art et de la littérature. p. 431-443.

FREIDSON, E Para uma Análise Comparada das Profissões: A Institucionalização do Discurso e do Conhecimento Formais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 11, n.31, p. 141-155.

FRONER, Y. A. **Memória e Preservação**: a construção epistemológica da Ciência da Conservação. Casa de Rui Barbosa. Palestra. 2007. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/memo_info/mi_2007/FCRB_MI_Memoria_e_Preservacao_A_construcao_epistemologica_da_Ciencia_da_Conservacao.pdf>. Acesso em 12 set. 2019.

GETTY RESEARCH INSTITUTE. Art & Architecture Thesaurus. Thesauri, glossaries, dictionaries and other tools. Getty Vocabularies. Editorial Guidelines. 2015. Disponível em: <<https://www.getty.edu/research/tools/vocabularies/>> . Acesso em: 20 fev. 2019

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GINGRAS, Y. **Os desvios da avaliação da pesquisa**: os bons usos da bibliometria. Fundação Universitária José Bonifácio. FSH/ UQAM. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2016.

GOMES, C. M. **Comunicação Científica**: Alicerces, Transformações e Tendências. Universidade da Beira Interior. Portugal. 2013. E-book. Disponível em: <<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/sub/indexpt.php>>. Acesso em: 12 maio 2019.

GONÇALVES, Y. A. F. **Os domínios da memória**: um estudo sobre a construção do pensamento preservacionista nos campi da Museologia, Arqueologia e Ciência da Conservação. Tese -Doutorado em História – Universidade de São Paulo, 2001.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. A. Ciência da Informação, pragmatismo e virtualidade. GT1 – Estudos históricos e epistemológicos da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (VII ENANCIB), **Anais...** ENANCIB, Marília: UNESP, 2006.

_____. As relações entre Ciência, Estado e Sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, Brasil, 32, maio. 2003a.

_____. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a pós-graduação. **Transinformação**, Campinas, 15(1):31-43, jan./abr. 2003b.

_____. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, Brasil, 22, dez. 1993.

GONZÁLES-VARAS, I. **Conservación de Bienes Culturales: Teoría, historia, principios y normas**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2003.

GUICHEN, G. Task force on Terminology. **ICOM-CC Newsletter**, 2007.(26) 8-9.

GUIGNON, S. La sociologie des professions, un cadre théorique fécond pour éclairer la profession enseignante. **Revue canadienne des jeunes chercheuses et chercheurs en éducation**. Laval, Université Laval. février. 2009. p.4.

HASKELL, F. The artist and the museum. **New York review book**. v. 34. 1987. p. 34-42.

HEINICH, N. Mapping intermediaries in contemporary art according to pragmatic sociology. **European Journal of Cultural Studies**, 15(6) 695–702, 2012.

HEINICH, N. Elias Norbert : La société des individus et Norbert Elias par lui-même. **Revue française de sociologie**. 1992, 33-1, p. 135-145.

_____. A sociologia a prova dos valores. **Revista de Ciências Sociais**, n. 40, 2014, p. 279-309.

HEINICH, N. **Des valeurs: Une approche sociologique**. Paris: Gallimard, 2017.

HÉNAUT, L. La construction des groupes professionnels : le cas des restaurateurs d'œuvres d'art en France et aux États-Unis. n. 110, **Formation Emploi**. 2010.

HÉNAUT, L. L'interprétation comme activité de travail : matérialité et signification de l'œuvre. **Sociologie de l'Art**. vol. opus 14, n. 1, 2009, p. 15-34.

HÉNAUT, L. La Montée en qualification et perte de contrôle. Les restaurateurs de tableaux et leurs documents de travail. In : Anne- Marie Arborio et al (dir), **Observer le travail**. Histoire, ethnographie, approches combinées. Paris: La découverte-Recherches. 2008. p. 95-112.

HÉNAULT, L. Recompositions professionnelles et relations intergénérationnelles : le cas des restaurateurs de tableaux. In **Formes et structures du salariat : crise, mutation, devenir**, Jacquot L. (dir.), Nancy, p. 319-332, Presses Universitaires de Nancy, 2010.

HÉNAULT, L. ROUAULT, A. E. La professionnalisation de la conservation-restauration et ses limites : une analyse à deux voix. **In Situ** [En ligne], 30, Octobre 2016, Disponible em: <<http://insitu.revues.org/13856>>. Acesso em: 12 maio 2019.

HENDERSON, J. ; NAKAMOTO, T. Dialogue in conservation decision-making. **Studies in Conservation**, 61, 2016. sup2, p. 67-78.

HENRIQUES, F. J. R. Metodologias de documentação e análise espacial em conservação de pintura. UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA. ESCOLA DAS ARTES. Doutorado, 2012.

HERITAGE, A.; C. ANUZET, E; ANDERSSON, and C. AN TOMARCHI; 2014. **The ICCROM Forum on Conservation Science 2013: A collaborative partnership for strategic thinking**. In: *ICOM-CC, 17th Triennial Conference Preprints, Melbourne, 15–19 Sept. 2014*. Ed. J. Bridgland, art. 1903, 9 pp. Paris: International Council of Museums. Disponible em: <<https://www.icom-cc-publications-online.org/PublicationList.aspx?search=17th+Triennial+Conference+&wg=0&vy=Melbourne+2014&t=0&page=1>> . Acesso em: 11 maio 2019.

HJØRLAND, B. Memory institutions and information Science. **Journal of Documentation**, Vol. 56, Issue:1, p.27-41.

HOFFMAN, S. K. Thèse. **L'histoire de la documentation des œuvres d'art du 17e au 21e siècle** : les impacts des technologies optiques et numériques sur les pratiques documentaires des galeries nationales à Londres, Ottawa et Washington D.C. (Direction de thèse) Dominique Poulot; Yves Bergeron. (Thèse de doctorat) Histoire de l'art. Muséologie, médiation, patrimoine. Paris, 2017.

HOLLY, D. A. **L'UNESCO. Le tiers monde et l'économie mondiale**. Les Presses de l'université de Laval. Institut Universitaire de Hautes Études Internationales. Montréal, Genève: 1981. Internacionales. 1981.

HOLMES, B. Musées réfléchissants. L'art au miroir de l'économie politique. **Mouvements**, n. 17, (4), p. 52-60, 2001.

HUTCHINGS, J. CORR, S. A framework for access to the conservation- restauration profession via the mapping of its specialist competences. **High Education**. v. 63, p. 439-454, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. (IBICT) REDE CARINIANA. Disponível em: <<http://www.ibict.br/tecnologias-para-informacao/cariniana>>. Acesso em: 12 fev. 2010.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. (ICOM) Code of Ethics for Museums-2002. Disponível em:<<http://icom.museum>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

_____. ICOM-CC. 1984. The Conservator-Restorer: A definition of the profession. Disponível em:< <http://www.icom-cc.org/47/history-of-icom-454>. Calidoscópio Silvana de Fátima Bojanoski, Francisca Ferreira Michelin, Cleci Bevilacqua-cc/definition-of-profession-1984/#.WAPHfeArLIV>. Acesso em: 24 fev. 2019.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. (ICOM) INTERNATIONAL COMMITTEE FOR DOCUMENTATION (CIDOC) International Guidelines for Museum Object Information. The CIDOC Information Categories. Edited by a joint project team of the CIDOC. Data and Terminology and the CIDOC Data Model Working Groups. GRANT, Alice ; NIEUWENHUIS, J ; PETERSEN, T. (Ed) Paris : CIDOC. 1995.

_____. Code of Ethics for Museums. Code de déontologie de l'Icom pour les Musées. Paris, 2006. 22 p. Disponível em:<http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Codes/code_ethics2013_fr.pdf>. Acesso em: 19 ago.2019

ICOM- Committee for Conservation (ICOM-CC) 2008. Commentary on the ICOM-CC Resolution on Terminology for Conservation. Disponível em: <www.icom-cc.org/54/document/icom-cc-resolution-on-terminology-commentary/?id=745#.UXBw1UpQqAI> . Acesso em: 24 fev. 2019.

_____. Triennial meeting, 17th, Melbourne, Australia, 2014. Place, publisher, year: [Paris]: **The International Council of Museums**, 2014.open access. BRIDGLAND, J. Ed. 2014. Meetings; publications. Disponível em: <<https://icom.museum/en/ressource/preprints-icom-cc-17th-triennial-conference-building-strong-culture-through-conservation-17-19-september-2014-melbourne-australia/>> . Acesso em: 12 maio 2019.

_____. Terminology to characterize the conservation of tangible cultural heritage. 2008 Disponível em: <www.icom-cc.org/54/document/icom-cc-resolution-terminology-english/?id=744#.Vs3pWJwrLIU>. Acesso em: 24 fev.2019.

INTERPOL. Organisation internationale de police criminelle. La criminalité organisée et le patrimoine mondial Disponível em:
<<https://www.interpol.int/fr/Infractions/Atteintes-au-patrimoine-culturel/Base-de-donnees-sur-les-aeuvres-d-art-volees>>.
Acesso em: 2 fev. 2020

INSTITUT INTERNATIONAL DE COOPERATION INTELLECTUELLE. Mouseion. Bulletin de l'Office International des Musées. **Mouseion**: revue internationale de muséographie. Paris: 1927-1940.

INTERNATIONAL INSTITUTE OF INTELLECTUAL CO-OPERATION. Manual on the Conservation of Paintings. 1940. Archetype Publications & Icom, Paris: 1997.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JEANNELLE, J.L. *Le Monde des Livres*. 19 nov. 2010. **Compte rendu** sur le livre de Judith Schlanger. Disponível em: <
https://www.lemonde.fr/livres/article/2010/11/18/presence-des-oeuvres-perdues-de-judith-schlanger_1441713_3260.html>. Acesso em: 22 jul. 2019.

JOKILEHTO, J. **History of Architectural Conservation**. Routledge: London, UK, 2007.

JONAS, H. **Le Principe responsabilité** : une éthique pour la civilisation technologique. Paris: Flammarion. 1999.

JUSTICIA, M. J. M. **Historia y la Teoría de la Conservación y la Restauración Artística**. Madrid: Tecnos, 2009.

KISSEL, E. (1999), The restorer: key player in preventive conservation. **Museum International**, 51: 33-39.

KLEIN, J. T. **Interdisciplinarity**: History, theory & practise. Detroit: Wayne state: University Press, 1990.

KOSELLECK, R. **Futuro passado** : contribuição à semântica dos tempos históricos . Rio de Janeiro : Contraponto : Ed. Pontifícia Universidade Católica, 2006.

KÜHL, B. M. .Carbonara, Giovanni. Brandi e a Restauração arquitetônica hoje, **Desígnio**. 2006, n. 6, p. 35-47. Disponível em:
< <http://www.fau.usp.br/arquivos/disciplinas/au/au1601105/Carbonara-designio6.pdf>> .
Acesso em: 9 set. 2019.

KÜHL, B. M. Cesare brandi e a teoria da Restauração. **Revista Do Programa De Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP**. 2007, (21), 197-211.

_____. Conservação-Restauração: Notas sobre a Carta de Veneza. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v.18. n.2. p. 287-320. jul.- dez. 2010

_____. História e Ética na Conservação de Monumentos Históricos. **Revista do Patrimônio Cultural**. USP: São Paulo, v.1, n.1, p. 16-40, nov. 2005/abr. 2006.

LAHANIER, C. Les technologies de l'information appliquées à la conservation-restauration: dix ans de recherche et développement dans le cadre de projets européens, **Séminaire sur Digital Technology and Museum** , 15 nov. 2001, Tokyo.

LAHANIER, C.; AITKEN., G., ; BERGER, M.T. CHEVILLOT. ; PINCEMAILLE, C., L'enjeu de la documentation du C2RMF, in **TECHNÉ**, n. 13-14, 2001, pp.27-34.

LARIVIÈRE, V. ; HAUSTEIN, S. ; BÖRNER, K. Long-Distance Interdisciplinarity Leads to Higher Scientific Impact. **PLoS ONE** 10(3) 2015. Universiteit Leuven, Belgium.

LAURENT, A. Aspects théoriques de la restauration du patrimoine. Master en Sciences de l'Information et des Bibliothèques. Rapport de recherche bibliographique. 2005

LE GOFF, J. História e Memória. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996. [ensaios: 1987-1982].

LEFEBRE, M. Les conditions de circulation des connaissances scientifiques à l'ère du numérique. In: Laurence Dahan-Gaida (dir.), **Circulation des savoirs et reconfiguration des idées**: Perspectives croisées France-Brésil. Villeneuve d'Ascq, Presses universitaires du Septentrion, séries: Dialogues entre cultures, 2016.

LEROI, M.V. Linked Heritage: a collaborative terminology management platform for a network of multilingual thesauri and controlled vocabularies. **JLIS.it**. Vol. 4, n. 1. 2013. Disponível em:< <https://www.jlis.it/article/viewFile/5471/7901>>.
Acesso em: 22 jun. 2019.

LESTER, S. The Professional Accreditation of Conservator-Restorers: developing a competence-based professional assessment system. **Assessment & Evaluation in Higher Education**, Vol. 25, No. 4, 2000. *Stan Lester Developments, Taunton*.

LEVEAU, P. L'évolution du concept de restauration aux XIX^e et XX^e siècle. **Conserver-Restaurer les Biens Culturels**, 2007, n. 25, p. 3-11.

_____. Métiers d'art liés à la restauration et professionnels de la conservation-restauration : deux idéaltypes. **In Situ** [En ligne], 30 | 2016. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/insitu/13611> ; DOI : 10.4000/insitu.13611>. Acesso em: 19 maio 2019.

_____. Problème épistémologique de la conservation-restauration. **Conserver Restaurer les Biens Culturels**, 2010, n. 28, p.9-28.

_____. Problème ontologique de la conservation-restauration. **Conservation-restauration des biens culturels**, 2009, n. 27, p.3-20.

_____. Sapere aude : une défense de l'enseignement de la conservation-restauration au xxie siècle. ARAAFU CRBC n. 35, 2018. Disponível em: <http://araafu.com/wp-content/uploads/2018/11/ARAAFU_CRBC_35_.pdf> . Acesso em 19 maio 2019.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LINKED HERITAGE. Recommendations and Guidelines for terminologies. Linked Heritage: a collaborative terminology management platform for a network of multilingual thesauri and controlled vocabularies. Disponível em: <<http://linkedheritage.eu/>>. Acesso em: 22 ago. 2019.

LIVINGSTONE, M. **Do you see red like I see red? Vision and Art: The Biology of Seeing**. New York: Harry N Abrams, 2002.

LONDRES, C. **O patrimônio histórico na sociedade contemporânea**. Instituto Histórico e geográfico brasileiro. Rio de Janeiro: 2005.

LUND, N. W. Document, text and medium: concepts, theories and disciplines. **Journal of Documentation**, 2010, Vol. 66, Issue. 5 p. 734-749.

LUSO et al. Breve história da teoria da Conservação e do restauro. **Engenharia Civil**. Lisboa, n. 20. 2004.

MACARRÓN M., A. M. **Historia de la Conservación y la Restauración**. Madri: Tecnos. 1997.

MacBETH, R. **The technical examination and documentation of easel painting**. Stoner, Joyce Hill; Rushfield, Rebecca Ed. The conservation of easel paintings. New York: Routledge series in conservation and museology. Routledge Inc., 2012, p. 291-305.

MACHADO, M. H. **As Corporações Profissionais: Sindicalismo X Corporativismo**. In: (Org.) Gallo. E., Machado. M. H. & Rivera., Rio de Janeiro, 1992.

MAIRE, M. Programme de recherche- Art et actualité : enquêtes en sur la conservation-restauration d'œuvres d'art et d'artefacts culturels. Sur l'émission de Véronique Sorano: «Le secret professionnel des restaurateurs d'œuvres d'art». FRANCE- CULTURE- émission du 26 août 2017 Disponible em: < <https://seminesaa.hypotheses.org/10244>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

MARIJNISSEN, R. H. **Dégradation, conservation et restauration de l'oeuvre d'art**. Arcade, Bruxelles, 1967, 2 vol.

MARIJNISSEN, R. H. ; KOCKAERT, L. **Dialogue avec l'œuvre ravagée après 250 ans de restauration**. Antwerp: Fonds Mercator, 1995.

MARTIN, E. Notes sur d'anciens procédés de restauration. **Techné**, n. 33, 2011. P. 74-78.

MARTY, P. So You Want to Work in a Museum.Guiding the Careers of Future Museum Information Professionals. **Journal of Education for Library & Information Science**, [s. l.], v. 46, n. 2, p. 115-133, 2005.

MASSING, A. **Painting restoration before la Restauration: the origins of the profession in France**. Harvey Miller; Hamilton Kerr Institute. University of Cambridge. London; Cambridge: 2012.

MATTOS, C. V. Winckelmann e o meio antiquário de seu tempo. **RHAA**, 9, 2008. Disponível em: < <https://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%209%20-%20artigo%204.pdf> > Acesso em: 12 mai 2019.

MAZZEO, R.; RODA, A.; PRATI, S. Analytical chemistry for cultural heritage: a key discipline in conservation research. **Analytical And Bioanalytical Chemistry**, v. 399, n. 9, 2011, p. 2885–2887. Disponível em: <<http://search.ebscohost-com.ez29.capes.proxy.ufrj.br/login.aspx?direct=true&db=mdc&AN=21271238&lang=pt-br&sitehost-live>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

MINISTÈRE DE LA CULTURE- FRANCE. Rapport de la Mission pour les musées du XXI^e siècle, Vol. II : Rapports des groupes de travail, février 2017, p. 99-100.

MOHEN, J.P. L’histoire de la conservation et de la restauration est aussi l’histoire de l’œuvre. **Technè**, n. 19, Centre de recherche et de restauration des musées de France. C2RMF. Paris: 2004.

MOULIN, R. Le marché et le musée. *Revue française de sociologie*. Paris, vol.27, 1986, n° 3.

MOORE, M., Conservation Documentation and the Implications of Digitisation. **Journal of Conservation and Museum Studies**. n. 7, 2001, p. 6–10. Disponível em: <<http://doi.org/10.5334/jcms.7012>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

MORTUREUX, M. F. Les vocabulaires scientifiques et techniques. **Les Carnets du Cediscor**, 3 - 1995, p. 13-25.

MOTA, E. M.; NAKAMUTA, A. S. A trajetória da conservação-restauração de bens culturais móveis e integrados no Iphan: desdobramentos da “Escola Edson Motta” em Minas Gerais (1946-1976) **Revista CPC**, v. 14, n. 27, p. 167-186, 29 jul. 2019.

MOTTA, L; REZENDE, M. B. Inventário. In: GRIECO, B.; TEIXEIRA, L.; THOMPSON, A. (Orgs.) Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.)

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS – MAST. Conservação de Acervos /Museu de Astronomia e Ciências Afins. (Org.): Marcus Granato, Claudia Penha dos Santos e Cláudia Regina Alves da Rocha. Rio de Janeiro: MAST, 2007. 205p. (MAST Colloquia; 9)

_____. Documentação em Museus /Museu de Astronomia e Ciências Afins
Organização de: Marcus Granato, Claudia Penha dos Santos e Maria Lucia N. M.
Loureiro . Rio de Janeiro : MAST, 2008.(MAST Colloquia; 10)

NADOLNY, J. et al. Art Technological Source Research: Documentary Sources on European Painting to the Twentieth Century, With Appendices I–VII. **Conservation of Easel Paintings**. (ed) Joyce Hill Stoner, Rebecca Rushfield. 2012.

NASCIMENTO, D. M. A abordagem sociocultural da Informação. **Inf. & Soc.:** Est., João Pessoa, v.16, n.2, p.25-35, jul. /dez. 2006.

NASCIMENTO, D. M.; MARTELETO, R. M. A “Informação construída” nos meandros dos conceitos da Teoria Social de Pierre Bourdieu. **DataGramaZero. Revista de Ciência da Informação**, v. 5, n. 5, out. 2004.

NICOLAUS, K. **Manuel de restauration des tableaux**. Könemann. Paris, 1999.
OTLET, Paul. **Traité de Documentation: le livre sur le livre**. Théorie et pratique. Liège, Centre de Lecture Publique de la Communauté Française de Belgique, 1989. 432p.

PAÏN, S. Formation à l’élaboration du rapport d’intervention : quelques réflexions sur la méthode pédagogique. Réinventer les méthodologies. **CeROArt**, 2011.

PERIER-D’IETEREN, C. Des racines et des ailes : autour de la Fondation Périer-D’Ieteren. **CeROArt**, 2017. Disponível em:
< <http://journals.openedition.org/ceroart/5307>>. Acesso em:13 fev. 2020.

PHILIPPOT, P. La Conservation des Oeuvres d’Art, probleme de politique cultural. **Annales d'Histoire de l'Art et d'Archéologie**. Bruxelles : L'Université, 1985. p. 7-14.

_____. Histoire et actualité de la restauration. **Histoire de la restauration en Europe**. Actes du congrès international, Interlaken, 1989.

_____. Historic preservation: philosophy, criteria, guidelines. In: **Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage**. Los Angeles: GCI, 1995, p.358-364.

_____. Restoration from the perspective of humanities. In: **Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage**. Los Angeles : GCI, 1995, p. 216-229.

PHILIPPOT, P. Réflexions sur le problème de la Formation des restaurateurs de peintures et de sculptures. **Studies in Conservation**, v. 5, n. 2, London:1960. p. 61-70.

_____. La restauration depuis 1945 : naissance, développement et problème d'une discipline. Bruxelles : Groeninghe Courtrai Belgique, 1996. **Comité de Conservation/Icom-CC**, Cahiers d'étude, p.16-17.

PHILIPPOT, P ; PERIER-D'IETEREN, D'HAINAUT-ZVENY, C. B. **Pénétrer l'art, restaurer l'œuvre** : une vision d'humaniste : hommage à Paul Philippot en forme de florilège. Courtrai : Groeninghe, 1990.

PIKETTY, T. **Le capital au XXIe siècle**. Paris : Editions du Seuil, 2013.

PINHEIRO, L. V. R. Arte, objeto artístico, documento e informação em museus= Art, artistic object, document and information museum. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY & ART. XVIII ANNUAL CONFERENCE OF UNESCO ICOFOM – INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, V REGIONAL MEETING OF ICOFOM / LAM, maio de 1996, Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro: Tacnet Cultural, 1996. p. 8, n. 14. RATTNER, Henrique. Sobre exclusão social e políticas de inclusão. Revista Espaço Acadêmico, ano 2, n. 18, nov. 2002a. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/018/18rattner.htm>>. Acesso em: 2005.

_____. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. (Org.). Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia / DEP/DDI, 1999, v. , p. 155-182.

_____. Cenário da Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil, influências e tendências. In ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8 Salvador, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA), 28 a 31 de outubro de 2007. **Anais...**Salvador: UFBA.

_____. Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. (Org.). Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento. Natal: Editora Universitária da UFRN/EDUFRN, 2006b, v. , p. 111-141.

_____. Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar. Rio de Janeiro: 1997. 278 p. Tese(Comunicação e Cultura) UFRJ/ECO. Orientadora: Gilda Braga. Disponível em:
< <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/35> > Acesso em: 05 jan. 2020.

PINHEIRO, L. V. R. Ciência da Informação e sociedade: uma relação delicada entre a fome de saber e de viver [Conferência de abertura]. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB): **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2009.

_____. Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Rio de Janeiro: IBICT/MCT, 2002b. Disponível em:
<<http://www.uff.br/ppgci/editais/lenavanialeituras.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

_____. Comunidades científicas e infra-estrutura tecnológica no Brasil para uso de recursos eletrônicos de comunicação e informação na pesquisa. **Ci. Inf., Brasília**, v. 32, n. 3, p. 62-73, set./dez. 2003. 07 jan. 2019.

_____. Configurações Disciplinares e interdisciplinares da Ciência da Informação no Ensino e Pesquisa. In: **A Ciência da Informação criadora de conhecimento**. BORGES, Maria Manoel; CASADO, Elias Sans (Org.) Pombalina University Press. Coimbra: 2009a.

_____. Configurações Disciplinares e interdisciplinares da Ciência da Informação no Ensino e Pesquisa no Brasil. In: Encontro de la Asociación de Educación e Investigaciones en Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe (EDIBCIC), 4, 2009b, Coimbra. Anais do Encontro Ibérico EBIBCIC, 4., 2009b. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, University Press, 2009b. p. 99-111.

_____. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: AQUINO, M. (Org.) **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2002. p. 61-86.

_____. Horizontes da informação em museus. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer. (Org.). MAST Colloquia. Rio de Janeiro: 2008a, v. 10, p. 81-102.

_____. Informação: esse obscuro objeto da Ciência da Informação. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, [S.l.], v. 3, n. 4, oct. 2014. ISSN 1676-2924. Disponível em:

<<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4108/3759>>. Acesso em: 09 jun 2018.

_____. Interdiscursos da Ciência da Informação: Arte, Museu e Imagem. 1º. ed. Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000. v. 01. 228p .

PINHEIRO, L.V.R. Itinerários epistemológicos da instituição e constituição da Informação em Arte no campo interdisciplinar da Museologia e da Ciência da Informação. **Revista Museologia e Patrimônio**, v.1, n.1, 2008. p. 9-17.

_____. Lei de Bradford: uma reformulação conceitual. **Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 59- 80, jul./dez. 1983.

_____. Movimentos interdisciplinares e rede conceitual na Ciência da Informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 7, 2006a. Marília. **Anais ...** Marília: Unesp, 2006a.

_____. Mutações na Ciência da Informação e reflexo nas mandalas interdisciplinares. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.28, n.3, p. 115-134, set./dez. 2018. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/108310>>

_____. Pilares conceituais para mapeamento do território epistemológico da Ciência da Informação: disciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e aplicações. In: BENTES PINTO, V.; CAVALCANTE, L.E.; SILVA NETO, C. (Org.) **Abordagens transdisciplinares da ciência da informação :gênese e aplicações**. Fortaleza: Edições UFC, 2007. p.71-104. Acesso em: 20 jun. 2019.

PINHEIRO, L. V. R.; FERREZ, H. D. **Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação**. Rio de Janeiro; Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia-IBICT, 2014.

PINHEIRO, L.V.R; GRANATO, M. Para pensar a interdisciplinaridade na preservação: algumas questões preliminares. Horizontes da informação em museus. Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. (colloquia 10) **Documentação em Museus** /Museu de Astronomia e Ciências Afins. (Org.): Marcus Granato, Claudia Penha dos Santos e M.L. N. M. Loureiro. Rio de Janeiro: MAST, 2008.

PLENDERLEITH, H. J. **La conservation des antiquités et des œuvres d'art**. Paris: Édition Eyrolles, 1966.

POULOT, D. Bilan et perspectives pour une histoire culturelle des musées. In : **Publics et Musées**, n. 2, 1992. Regards sur l'évolution des musées. (ed) Jean Davallon. p. 125-148.

POMBO, O. Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade. In: POMBO, O.; LEVY, T.; GUIMARÃES, H. (Org.) **A interdisciplinaridade: reflexão e experiência**. Lisboa: Texto, 1994.

PRITCHARD, A. A statistical bibliography or bibliometrics? **Journal of Documentation**, London, v.25, n.4, p.348-349, Dec. 1969.

RÉSEAU D'INFORMATION SUR LA CONSERVATION (Canada) Disponível em: <http://www.bcin.ca/English/home_english.html>. Acesso em: 20 maio.2018.

RIBEIRO, B. J. F. Conservação-Restauração no Museu Nacional de Belas Artes: procedimentos de restauro da escultura Ainda bela. **Anuário do museu nacional de belas artes - nova fase- vol. 1**, 2009, p. 183-192.

RODRIGUES L. L.G.; PÉREZ ÁLVAREZ, M. A. (Org.) **Ética multicultural em sociedad em red**. Madrid, Ariel, fundación Telefónica, 2014.

ROLLAND-VIL LEMOT, B. Le processus de conservation des collections de musées entre technique et culture. Master Histoire des Techniques Mémoire de Master 2. Le chantier 1810 du Mnatp. (1942-1946) Um conservatoire des techniques? (dir.) Anne-Françoise GARÇON. 2018. Disponível em: <<https://techmus.hypotheses.org/>>. Acesso em: 8 jun 2019.

RINIA, E.J., (2007) Measurement and Evaluation of Interdisciplinary Research and Knowledge Transfer. Ph.D. Thesis. Universiteit Leiden.

ROSADO, A. **História da arte técnica** : um olhar contemporâneo sobre a práxis das Ciências Humanas e Naturais no estudo de pinturas sobre tela e madeira. 2011. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, (UFMG), Escola de Belas Artes. Orientador: Luiz Antonio Cruz Souza.

SALDANHA, G. Entre a Retórica e a Filologia: do pragmatismo ao humanismo na epistemologia da Ciência da Informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 2, n. 1, p. 47-67, 7 jun. 2011.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**: São Paulo: Cortez Editora, 1987.

_____. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos avançados**. vol.2 n. 2, p. 46-71, São Paulo: 1988.

_____. **O fim do império cognitivo**: A afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica. 2019.

SCHARF, C.P. **Le Développement de la Restauration au Brésil de 1937 à 1980**: les approches contradictoires de la politique culturelle par rapport à la protection du patrimoine. Université du Québec à Montréal. Tese de doutorado. 1997. Orientador: Laurier Lacroix. Québec.

SCHWARCZ, L.M. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. Editora Schwarcz, São Paulo, 2007

SCIVAL METRICS HANDBOOK. Disponível em:
<<https://www.elsevier.com/research-intelligence/resource-library/scival-metrics-guidebook>>. Acesso em: 9 jan. 2019.

SHKLOVSKY, V. **Viktor Shklovsky: A0 Reader**. Alexandra Berlina (Ed) Bloomsbury Academic, London, 2016.

_____. **Art as Technique**. 1917. PDF. Disponível em:
<<https://warwick.ac.uk/fac/arts/english/currentstudents/undergraduate/modules/fulllist/fIRST/en122/lecturelist-2015-16-2/shklovsky.pdf>> . Acesso em: 2 mai. 2018.

SOARES, P. C. Contradições na pesquisa e pós-graduação no Brasil. **Estudos avançados**. 32 (92), 2018

SOFIO, S. Noémie Etienne. La restauration des peintures à Paris (1750-1815) : Pratiques et discours sur la matérialité des œuvres d'art. **Revue de livre**. Rennes, Presses universitaires de Rennes, 2012. Disponível em:

< <http://www.lemouvementsocial.net/comptes-rendus/noemie-etienne-la-restauration-des-peintures-a-paris-1750-1815-pratiques-et-discours-sur-la-materialite-des-oeuvres-dart/>>. Acesso em 12 jun. 2019.

SPINOZA, B. **Ética**. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

SPONVILLE, A. C. **Petit traité des grandes vertus**. Presses Universitaires de France, Paris: 1999.

SQUEFF, L. C. The Reforma Pedreira in the Academy of fine arts (1854-57) and the constitution of the artist's social space. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 20, n. 51, p. 103-118, nov. 2000.

SQUEFF, L. C. **Uma Galeria no Império**: a coleção da escola brasileira e as origens do Museu Nacional de Belas-Artes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2012.

STABEL, P. Organisation corporative et production d'œuvres d'art à Bruges à la fin du Moyen Âge et au début des Temps modernes. **Le Moyen Age**, vol. tome cxiii, no. 1, 2007, pp. 91-134.

STONER, J. H. Vignettes of interdisciplinary technical art history investigation . **CeROArt** [Online], HS. Juin 2015. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/ceroart/4508> ; DOI: 10.4000/ceroart.4508>. Acesso em: 10 out 2019

STONER, J. H; VERBEECK-BOUTIN, M. The impact of Paul Philippot on the theory and history of conservation/restoration. **ICOM-CC18th Triennial Conference**, 2017 Copenhagen.

SYLVAND, B. **Concept et changement de concept** : Concept, contenu et inférence, Bases pour une approche dynamique du concept: domaines co- dynamiques. Université de Paris. Thèse de doctorat. Sorbonne - Paris IV, 2005.

SZABADOS et al. Utiliser l'ontologie CIDOC CRM pour l'information relative au patrimoine culturel : Anne-Violaine SZABADOS (équipe LIMC-ArScAn / Archéologies et Sciences de l'Antiquité - UMR7041, CNRS), Katell BRIATTE (Ministère de la Culture et de la Communication) et Rosemonde LETRICOT (Irht) In : **THATCamp Paris, 2012 : Non-actes de la non-conférence des humanités numériques** [en ligne]. Paris : Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2012.

TEIXEIRA, S. C. **Techné et art chez C2RMF**. Rapport de stage. Centre de Recherche et Restauration de Musées de France (C2RMF) Montréal : Université de Montréal, 2007. 110 p.

UNESCO/UBC-DÉCLARATION DE VANCOUVER. La Mémoire du monde à l'ère numérique : numérisation et conservation. 26 au 28 septembre 2012. Vancouver: Canada.

YASSUDA, S. N. **Documentação museológica** : uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista / Sílvia Nathaly Yassuda. – Marília, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009. Bibliografia: f. 109-113 Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ismael Murguia.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP) Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) Comissão de Patrimônio Cultural (CPC) Bibliografia sobre Conservação-Restauração de bens culturais. 1994.

VAUGHAN, D. Theory elaboration: the heuristics of case analysis. In Ragin, Charles C; Becker, Howard S. (Org.) **What is a case? Exploring the Foundations of Social Inquiry**. Cambridge, Cambridge University Press.

VELIOS, A. Online event-based conservation documentation: A case study from the IIC website **Studies in Conservation**, 2016, vol. 61, N. 1.

VLADOVA, T. **Alois Riegl, Le Culte moderne des monuments** : sa nature et ses origines . Critique d'art. Critique d'art [En ligne]. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/critiquedart/23512#quotatio>>. Acesso em: 12 mai. 2019.

WAQUET, F. Compte-rendu. Histoire intellectuelle du grand siècle aux lumières de Robert DAMIEN. Bibliothèque et État : Naissance d'une raison politique dans la France du XVI^e siècle. Paris, Presses universitaires de France, 1995. **Revue de synthèse** : 4, n^o 2-3, avr. Sept. 1995.

WAINWRIGHT, I. N. M. **Examination of Paintings by Physical and Chemical Methods**. Part I and Part II. Ottawa: National Gallery of Canada, 1989.

WELSH, P. H. Preparing a new generation: thoughts on contemporary museum studies training. **Journal Museum Management and Curatorship**. Issue 5. Vol. 28, 2013.

WOLEDGE, G. Historical studies in documentation. **Journal of Documentation**. Vol. 39. N. 4, 1983. p. 266-279.

UNESCO. Rapport sur le projet de recommandation aux États membres concernant la préservation des biens culturels mis en péril par des travaux publics ou privés UNESCO/ SHC/4. Paris, 1967.

ANEXO A- TODAS AS CATEGORIAS RELACIONADAS NO AATA ONLINE

Section Scope Statements for AATA Online

April 2019

A. Methods of examination, analysis, and documentation

This section contains abstracts about the process of obtaining and/or storing information. If the abstract deals with a method of analysis or examination independent of a specific material, or if it deals with the analysis or examination of too wide a range of materials to justify inclusion in Section G (Materials and Objects: Analysis, Treatment, and Techniques), it is classified under the appropriate subsection of A. Crossover technology and technology transfer are included in this section.

A1. Microscopy

Field Editor: Marie-Claude Corbeil, CANADA

The abstracts in this section pertain to optical, electron, and topographic microscopy, including methods and techniques, instruments and equipment, and applications to several different materials. General information on scanning electron microscopy (SEM) and transmission electron microscopy (TEM) is found in this section. Works on specific applications to only one or two materials are abstracted in the relevant subsection of G (Materials and Objects: Analysis, Treatment, and Techniques).

A2. Photography, radiography, and other imaging techniques

Field Editor: Marie-Claude Corbeil, CANADA

This section includes abstracts on photography, radiography, and other imaging techniques, including holography, reflectography, photogrammetry, and computer image enhancement, that deal with methods, techniques, and instrumentation. Works on specific applications to only one or two materials are abstracted in the relevant subsection of G (Materials and Objects: Analysis, Treatment, and Techniques), whereas works covering applications to several materials are included here.

A3. Dating

Field Editor: Marie-Claude Corbeil, CANADA

This section contains abstracts in which the primary focus is methods of absolute and relative dating that deal with techniques, methodology, calibration, equipment, and applications to one or more materials. Works on dating of only one or two materials are abstracted in the relevant subsection of G (Materials and Objects: Analysis, Treatment, and Techniques).

A4. Data collection, analysis, and management (including GIS, GPS, and remote sensing)

Field Editor: Marie-Claude Corbeil, CANADA

This section contains abstracts on data collection, analysis, and management, including GIS, GPS, and remote sensing. It covers conventional record handling and data analysis, as well as computer storage and retrieval, including computer databases of textual and visual information. Statistical and other mathematical treatment of analytical data, in addition to computer modeling and simulation, are also covered in this section.

A5. Analysis of materials

Field Editor: Marie-Claude Corbeil, CANADA

This section contains abstracts on techniques applied to a range of materials to establish chemical composition or physical state. Applications specific to only one or two materials (e.g., metals, glass, or stone) are abstracted in the relevant subsection of G (Materials and Objects: Analysis, Treatment, and Techniques).

B. General topics in conservation

Abstracts in this section address the general body of knowledge relating to preventive conservation, collections care, conservation practice, safety, ethics, and theory. Included as well are abstracts relating to conservation management and cultural tourism. Abstracts that are potentially relevant to all conservators, regardless of specialty, or that discuss a wide variety of materials appear here. For example, a work dealing with the effects of environmental pollution on cultural property in general would be included in this section under B4 (General causes/processes of deterioration), whereas a work describing the effect of pollution on the corrosion of metals would be located in G9 (Metals and metallurgical byproducts).

B1. Preventive conservation and collections care

Field Editor: Ruth E. Norton, UNITED STATES

This section deals with practical aspects of preventive conservation and collections care that are not material specific and not concerned with individual treatment procedures. Abstracts are concerned with any factors affecting the integrity of general collections and intervention in the processes of deterioration. Characterization of deterioration processes is confined to B (General causes/processes of deterioration). This section includes: environmental monitoring and control; lighting; conservation assessments/surveys; exhibition/mounting; registration/documentation; natural history collections; building design (relevant to conservation); disaster preparedness and mitigation; fire protection; security; storage; pest control; handling/routine maintenance; packing/shipping.

B2. General treatment procedures, materials, and equipment

Field Editor: Ruth E. Norton, UNITED STATES

This section contains abstracts on procedures, materials, and equipment useful in the conservation of a wide range of materials, as well as of objects composed of more than one material.

B3. Health and safety

Field Editor: Ruth E. Norton, UNITED STATES

This section contains abstracts that deal with health and safety as they pertain to conservation practice.

B4. General causes and processes of deterioration

Field Editor: Ruth E. Norton, UNITED STATES

Abstracts concerned with causes and processes of deterioration in general are found in this section. Methods of preventing deterioration, such as pest and humidity control, are found in B1 (Preventive conservation and collections care).

B5. History, policy, ethics, theory, and legislation

Field Editor: Françoise Hanssen-Bauer, NORWAY

Abstracts in this section are concerned with humanistic and non-technical aspects of conservation and preservation policy, including historical, ethical, and legal factors guiding conservation practice and planning such as legislation, public awareness, and advocacy. Management practices including risk assessment, insurance, budgeting for preservation, economic impact, and urban planning are also found here.

C. Archaeological conservation

This section focuses on the documentation, analysis, and management of both underwater and terrestrial archaeological sites and assemblages for the purposes of their conservation and preservation. Abstracts on the composition, fabrication, deterioration, conservation, or dating of archaeological artifacts themselves are categorized by their materials in the appropriate subsection of G (Materials and Objects: Analysis, Treatment, and Techniques). General archaeological methods and the reporting of the results of excavations, site surveys, etc., are outside the scope of AATA Online.

C1. General principles, practices, policies, ethics, theory, and legislation of archaeological conservation

Field Editor: Brian Egloff, AUSTRALIA

This section includes abstracts that consider general principles, practices, policies, ethics, and legislation germane to the conservation of underwater and terrestrial archaeological sites, human remains, and artifacts. General discussions of the relationship between archaeology and conservation, e.g., illicit trade, values and stakeholders, reconstruction, tourism, and commercial archaeology and salvage, are included here. Abstracts that deal with the examination, documentation, and treatment of archaeological artifacts themselves are found in the appropriate subsection of G (Materials and Objects: Analysis, Treatment, and Techniques). Due to cultural sensitivities, abstracts that deal with human remains are considered in this section particularly as they reflect ethical and legislative concerns. General discussions of site survey, site preservation, and site management are located here, but abstracts related to specific techniques for site survey are located in C2. Abstracts concerning practical applications of the preservation and management of sites are found in C5.

C2. Archaeological site location and documentation

Field Editor: Brian Egloff, AUSTRALIA

Abstracts in this section describe methods for locating and documenting terrestrial and underwater archaeological sites by such methods as aerial photography, photogrammetry, satellite imaging, remote infrared sensing, sonar, magnetometry, and resistivity. Abstracts that discuss the handling of data generated by these techniques are found in A4 (Data collection, analysis, and management), with cross-references to this section. Abstracts that specifically address the documentation of buildings at a site are found in D1 (Methods of examination, analysis, and documentation of architecture).

C3. Archaeological materials processing and analysis

Field Editor: Brian Egloff, AUSTRALIA

The abstracts in this section describe methods of processing archaeological materials (both underwater and terrestrial) for analysis in the field and the laboratory, as well as the scientific methods used for analysis and interpretation (archaeometry) of those materials. The emphasis in these abstracts tends to be on the archaeological context rather than on the object itself. Abstracts on techniques used to establish the chemical composition or physical state of a range of materials are found in A5 (Analysis of materials). Works on techniques relevant to one or two specific materials (metals, glass, stone, etc.) are abstracted in the appropriate subsection of G (Materials and Objects: Analysis, Treatment, and Techniques). Note: General discussions of archaeological field methods, as well as reporting of the results of excavations, site surveys, etc., are outside the scope of AATA Online.

C4. Environmental archaeology

Field Editor: Brian Egloff, AUSTRALIA

This section includes abstracts that pertain to environmental reconstruction of underwater and terrestrial archaeological sites, including studies of climatic conditions, the floral and faunal populations the environment sustained, and management of the environment by human populations (e.g., irrigation). Common methods for evaluating past environments include soil analysis, palynology, phytolith analysis, coprolite analysis, analysis of faunal remains, stable isotope and DNA studies of archaeological and fossil bone, and other micromorphological and molecular techniques. Abstracts related to issues of ethics and policy associated with the conservation of human remains are found in C1.

C5. Archaeological site presentation, preservation, and management

Field Editor: Brian Egloff, AUSTRALIA

The abstracts in this section discuss specific issues related to the presentation and management of underwater and terrestrial archaeological sites: the causes of site deterioration (e.g., environmental degradation and tourism), methods of preservation, and site management practices to assure long-term stability (e.g., environmental monitoring and governmental policies), and site reburial. Abstracts that discuss the environmental monitoring of archaeological objects or collections are found in B1 (Preventive conservation and collections care).

D. Architectural conservation

All aspects of architectural conservation are covered in the seven subdivisions of this section. Abstracts included here pertain directly to the study and conservation of buildings, monuments, historic sites, and gardens. Abstracts describing the study of individual buildings and sites that address specific materials or processes are found in the relevant subsection of G (Materials and Objects: Analysis, Treatment, and Techniques). For example, an abstract describing the analysis of terracotta roofing tiles is found in G10 (Ceramics, glass, and enamels), whereas an abstract on the stabilization of a terracotta-tiled roof is found in D5 (Building materials, processes of deterioration, and treatment).

D1. Methods of examination, analysis, and documentation of architecture

Field Editors: David Woodcock and Priya Jain, UNITED STATES

Abstracts that specifically address the methods used in the examination, analysis, and documentation of architecture are found in this section. General discussions of these methods are abstracted in the appropriate subsection of A (Methods of Examination, Analysis, and Documentation).

D2. History, ethics, theory, and policy of architectural preservation

Field Editors: David Woodcock and Priya Jain, UNITED STATES

This section contains abstracts on the history of architectural preservation and urban planning, as well as those dealing with ethical and policy issues raised by the preservation of monuments and sites.

D3. History and technology of architecture

Field Editors: David Woodcock and Priya Jain, UNITED STATES

Abstracts on the history of architecture and architectural technology relevant to architectural conservation are included in this section.

D4. Case studies in architectural conservation

Field Editors: David Woodcock and Priya Jain, UNITED STATES

This section contains abstracts that discuss individual buildings, monuments, or sites.

D5. Building materials, processes of deterioration, and treatment

Field Editors: David Woodcock and Priya Jain, UNITED STATES

Abstracts on the processes of deterioration and treatment of architectural materials are found in this section. Studies of materials that do not address their architectural function are found in the relevant subsection of G (Materials and Objects: Analysis, Treatment, and Techniques).

D6. Structural studies and consolidation of buildings

Field Editors: David Woodcock and Priya Jain, UNITED STATES

This section contains abstracts on the deterioration and consolidation of building structures, including studies of seismic risk and stabilization.

D7. Historic gardens and cultural landscapes

Field Editors: David Woodcock and Priya Jain, UNITED STATES

This section contains abstracts on the study and management of historic gardens; it also includes landscaping in the context of the built environment.

E. Education and training

Field Editor: Mary Coughlin, UNITED STATES

The abstracts in this section pertain to institutions, curricula, methodology, and theory for the teaching of conservation and conservation-related subjects.

F. Production techniques and history of technology

Field Editor: W. Thomas Chase, UNITED STATES

This section contains abstracts of non-substance-specific information relating to the history of artistic techniques, material culture, and technology, with emphasis on the history of use or manipulation of a broad range of materials, and of bibliographies and books that broadly cover the history of technology. Abstracts relating to the history of specific materials and manufacturing techniques are found in the relevant subsection of G (Materials and Objects: Analysis, Treatment, and Techniques).

G. Materials and objects: analysis, treatment, and techniques

Abstracts in this section deal with a single type of material or object. When the subject matter includes a small number of different materials or objects, abstracts are included in the most relevant subsection and cross-referenced to the other applicable subsections. Abstracts that deal with a wide variety of materials or with all materials are found in Sections A-E. For example, manuals of conservation are found in B2 (General treatment procedures).

G1. Paper, books, and library and archival materials

Field Editor: Marieka Kaye, UNITED STATES

The abstracts in this section pertain to the analysis, treatment, technology of manufacture, and environmental care of paper and paper-based materials such as books, manuscripts, and archival documents. Literature concerning protein materials such as vellum, parchment, and bookbinding leathers is abstracted in this section where the subject matter is primarily of interest to paper or book conservators. Abstracts that deal with leather, parchment, or vellum in a more general or anthropological sense are found in G7 (Animal materials).

G2. Photographs

Field Editor: Bertrand Lavédrine, FRANCE

The abstracts in this section refer to the analysis, treatment, manufacturing technology, and environmental care of photographs – on paper, glass, metal, cloth, ceramic, or synthetic material substrates – positives as well as negatives including microforms (e.g., microfilm, microfiche, microopaque). Abstracts relating to computer output prints (e.g., inkjet prints, laser prints) or images resulting from reprographic processes (e.g., photocopying) are also covered in this section. Abstracts that pertain to the use of photographic techniques as part of the process of examination, treatment, or analysis of artifacts will be found in A2 (Photography, radiography, and other imaging techniques).

G3. Pigment, paint, and paintings

Field Editor: Joyce Hill Stoner, UNITED STATES

The abstracts in this section pertain to analysis, treatment, and environmental care of easel paintings and the polychrome layer on stone, wood, plaster, metal, and other substrates. Abstracts that are concerned with color measurement and historical techniques are also included in this section. Abstracts about watercolors are normally found in G1 (Paper, books, and library and archival materials), and abstracts on the treatment of wood and stone supports are in G4 (Wood) and G11 (Stone and related building materials), respectively.

G4. Wood

Field Editor: Alice Boccia Paterakis, UNITED STATES

The abstracts in this section relate to the analysis, treatment, and care of objects or natural history specimens composed primarily of wood. This section therefore covers furniture, furnishings, wooden structures (particularly buildings and ships but also vehicles and aircraft), archaeological finds, musical instruments, etc. The term wood is used broadly for all lignocellulosic species including the gymnosperms (softwoods) and dicotyledonous angiosperms (hardwoods), as well as monocotyledons such as bamboo, palm wood, cane, and rattan. Also covered are structural materials produced principally from wood, such as hardboard, fiberboard, plywood, particleboard, chemically modified wood, and wood composites. Abstracts on wood science are included if they are relevant to conservation; notable topics include wood degradation, control of microorganisms, wood-moisture relations, petrification processes, physical and mechanical properties, chemical properties, and anatomy. Literature covering root tissue is included here, but abstracts on wood derived materials such as resins, dyes, leaves, bark (e.g., birch bark and cork), fibers, and fruits appear in the more appropriate sections (e.g., bark is found in G6 (Other plant materials)). Abstracts on dendrochronology techniques are found in A3 (Dating).

G5. Textile fibers and dyes

Field Editor: Robin Hanson, UNITED STATES

The abstracts in this section relate to the technology of textiles and dyestuffs, the properties of fabrics, fibers, and dyes, and the conservation of textiles. The history of textile technology is also included in this section.

G6. Other plant materials

Field Editor: Mary Coughlin, UNITED STATES

This section includes abstracts on plant materials other than paper (G1), wood (G4), and textile fibers (G5). Materials included here are bark and barkcloth, basketry and basketry fibers, botanical specimens, cork, gourds, grasses, leaves, matting, seeds, and any plant derived product or object made from them. The subjects may include the properties of these materials, their deterioration, the history or technology of their use, and treatment or analysis of objects made from them. Note, however, that bamboo is included in G4. Many objects dealt with in this section are ethnographic, but many will also be from decorative arts, costume, history, or natural history collections.

G7. Animal materials

Field Editor: Mary Coughlin, UNITED STATES

This section includes abstracts on animal tissues, including antler, bone, feathers, fur, hair, ivory and ivory substitutes, leather, mother-of-pearl, mummies, shell, skin, teeth, zoological specimens, and any other cellular animal products. Pearls are included in G11 (Stone and related building materials) with gemstones. Parchment may be included here when it is the primary object of study, or in G1 (Paper, books, and library and archival materials) when it relates to an archival collection. Likewise, leather is included here except when it is considered as a bookbinding material. The subjects may include the properties of these materials, their deterioration, the history or technology of their use, and treatment or analysis of objects made from them. Many objects dealt with in this section are ethnographic, but many will also be from decorative arts, costume, history, or natural history collections.

G8. Noncellular natural organics (resins, lacquer etc.)

Field Editor: Mary Coughlin, UNITED STATES

This section contains abstracts dealing with natural organic materials that are not cellular, e.g., recent and fossil resins, lacquer (urushi), pitch, tar, bitumens, waxes, fats, oils, gelatin, and collagen. Cellular materials of plant origin are covered in the sections on paper (G1), wood (G4), textiles (G5), and other plant materials (G6), while those of animal origin are covered in the section on animal materials (G7). Note, however, that natural dyes of both plant and animal origin, although noncellular, are included in G5 with the textiles to which they are most commonly applied.

G9. Metals and metallurgical by-products

Field Editor: W. Thomas Chase, UNITED STATES

This section includes abstracts on objects made of metal; it also covers metallurgical processes such as mining, smelting, refining, casting, forging, and minting, and associated tools and materials, such as smelters, slags, electrodes, crucibles, trip-hammers, and dies. Abstracts on metal composition, alloys, and the history of metallurgy are also included.

G10. Ceramics, glass, and enamels

Field Editor: Alice Boccia Paterakis, UNITED STATES

This section includes abstracts of works describing the dating, analysis, deterioration, conservation, or other methods of study and treatment specific to ceramics, glass, or enamel. This section includes terracotta, tile, and fired brick, but cement, plasters, and adobe are found in G11 (Stone and related building materials). Abstracts relating to vitreous tesserae will be found in this section; stone tesserae are referred to in G11.

G11. Stone and related building materials

Field Editor: A. Elena Charola, ARGENTINA

The abstracts in this section pertain to the analysis and treatment of objects, at times including buildings, comprised partly or wholly of stone, stone-related materials such as mortars and plasters, and minerals. Abstracts that discuss treatments employing synthetic resins specifically on stone, even though these resins may be used on other materials, are found in this section. Abstracts on gems and gemstones are included in this section. Literature on stone mosaics is abstracted in this section, whereas works on glass mosaics are found in G10 (Ceramics, glass, and enamels), as are works on all objects which require firing as part of their production, such as pottery, terracotta sculpture, fired brick, or other fired architectural elements.

G12. Organic synthetic materials and modified natural materials (plastics, rubbers, etc.)

Field Editor: Mary Coughlin, UNITED STATES

The abstracts in this section pertain to the analysis, treatment, and care of objects composed of synthetic organic materials or modified natural organic materials. Materials included are organic polymers such as plastics, resins, rubbers, and cellulose. Relevant polymer science—particularly that dealing with aging, the effects of colorants, or analysis—is abstracted here. Abstracts covering resins or polymers used as conservation materials are found in B2 (General treatment procedures, materials, and equipment). Synthetic materials used in the production of photographic and audiovisual materials and textiles are found in photographs (G2) or textiles (G5).

G13. Electronic materials

Field Editor: Bertrand Lavédrine, Paris, FRANCE

The abstracts in this section refer to the analysis, treatment, manufacturing technology, and environmental care of electronic media such as magnetic tape (e.g., digital audio files), optical disks (e.g., CD-ROMs, photo CDs, DVDs, laserdiscs), and computer files (e.g., web sites, files on computer hard drives, CD-ROMs). The materials covered in this section are digital, i.e., binary encoded. The data may have originally been collected in an analog manner but was produced in digital format. The section includes electronic media regardless of the type of data.

retained (text, sound, picture, moving image) or method of binary encoding (manual, computer, laser, scanning). Abstracts that pertain to the digitization of a material in order to conserve it will be found in the appropriate subsection of G for the original material (Materials and Objects: Analysis, Treatment, and Techniques). Abstracts that deal with the process (including digital or laser techniques) of obtaining and/or storing information will be found in the appropriate subsection of A (Methods of Examination, Analysis, and Documentation).

G14. Analog audiovisual materials

Field Editor: Bertrand Lavédrine, Paris, FRANCE

The abstracts in this section refer to the analysis, treatment, manufacturing technology, and environmental care of audiovisual materials that use pre-digital technologies, such as motion picture film, videotapes (e.g., open reel or cassette), and audio recordings (e.g., open reel, cassette, disk, wax, or wire).